

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
NÍVEL MESTRADO

PEDRO HENRIQUE DE BARROS GABRIEL ANDRADE

DINÂMICAS COMUNICATIVAS NA AUTOAPRESENTAÇÃO DE ADOLESCENTES
NO INSTAGRAM: INTIMIDADE, PRIVACIDADE E VISIBILIDADE EM
PERFORMANCES DE SI

São Leopoldo

2023

PEDRO HENRIQUE DE BARROS GABRIEL ANDRADE

**DINÂMICAS COMUNICATIVAS NA AUTOAPRESENTAÇÃO DE ADOLESCENTES
NO INSTAGRAM: INTIMIDADE, PRIVACIDADE E VISIBILIDADE EM
PERFORMANCES DE SI**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Orientador: Prof. Dr. Alberto Efendy Maldonado Gomez de la Torre

São Leopoldo

2023

A554d

Andrade, Pedro Henrique de Barros Gabriel.

Dinâmicas comunicativas na autoapresentação de adolescentes no Instagram : intimidade, privacidade e visibilidade em performances de si / Pedro Henrique de Barros Gabriel Andrade. – 2023.

159 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, 2023.

“Orientador: Prof. Dr. Alberto Efendy Maldonado Gomez de la Torre”.

1. Performance. 2. Intimidade. 3. Visibilidade. 4. Privacidade.
5. Instagram. I. Título.

CDU 659.3

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Bibliotecária: Amanda Schuster – CRB 10/2517)

ATA DA SESSÃO DE ARGUIÇÃO PÚBLICA Nº 001/ 2024

Aos 29 dias do mês de janeiro de 2024, realizou-se na sala integralmente à distância, a sessão de *Arguição Pública da Dissertação* “Dinâmicas comunicativas na autoapresentação de adolescentes no Instagram: intimidade, privacidade e visibilidade em performances de si” apresentada pelo estudante **Pedro Henrique de Barros Gabriel Andrade**, do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, nível Mestrado, à Comissão Examinadora constituída pelos professores Jiani Adriana Bonin (UNISINOS), Beatriz Brandão Polivanov (UFF) e Alberto Efendy Maldonado (Orientador). Desenvolvidos os trabalhos nos termos do Regimento Interno, Capítulo VI, e registrados os resultados nas Planilhas de Avaliação, a Comissão atribuiu o estudante, **o grau 10 [DEZ]**

A emissão do Diploma está condicionada à entrega da versão final da Dissertação.

Ocorreu alteração do título? (X) Não () Sim:

Esta atividade foi realizada integralmente em modo online.

Comissão Examinadora:

Prof. Dr. Alberto Efendy Maldonado (Orientador)

Coordenação do PPG em Ciências da Comunicação: Profa. Dra. Ana Paula da Rosa

PEDRO HENRIQUE DE BARROS GABRIEL ANDRADE

DINÂMICAS COMUNICATIVAS NA AUTOAPRESENTAÇÃO DE ADOLESCENTES
NO INSTAGRAM: INTIMIDADE, PRIVACIDADE E VISIBILIDADE EM
PERFORMANCES DE SI

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós- Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS.

APROVADO EM 29 DE janeiro DE 2024.

BANCA EXAMINADORA

**PROFA. DRA. Jiani Adriana Bonin – UNISINOS
(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)**

**PROFA. DRA. Beatriz Brandão Polivanov - UFF
(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)**

PROF. DR. Alberto Efendy Maldonado - UNISINOS

AGRADECIMENTO À CAPES

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

AGRADECIMENTOS

Precisei de bastante tempo para aprender a não nivelar a vida pelos seus picos de euforia e felicidade; e também para perceber que ela é boa mesmo quando não *está* tão boa assim. Também entendi que, às vezes (quase sempre), as coisas não saem como imaginamos - e que os dispostos e mais atentos, aprendem muito com isso. Foi no processo e com muito trabalho (obrigado, análise!) onde aceitei que esta pesquisa não poderia ser do jeito que eu sonhei. E que alívio! Entrego o trabalho possível, representante das condições e circunstâncias que me atravessaram neste tempo-espaço. Agradeço, portanto, ao processo - que tanto tem me ensinado sobre mim e sobre o tempo.

À minha mãe, Eliana, por ser quem me direciona pra vida; pela praticidade invejável, fé inabalável e por me inspirar e motivar todos os dias com um sentimento do qual ainda não há nomenclatura, mas que por falta de significações possíveis, chamaria de otimismo. Ao meu pai, Rubens, pela tranquilidade e paciência que me incentivam a também buscá-las, por me ensinar desde sempre a valorizar e defender o que é público; o direito das coisas, as liberdades, a perseguir a justiça, a ler incansavelmente. Tenho muita sorte!

Ao meu irmão Rubens Jr. e à minha cunhada Milena, que mesmo em terras brasilienses e com pouco tempo, sempre estão atentos aos meus passos, me impulsionando e torcendo por mim. E ao meu irmão em especial que também fez contribuições ao trabalho com suas percepções jurídicas sobre intimidade e privacidade.

Ao meu orientador, Efendy Maldonado, pela doçura e pela troca e ensinamentos tão ricos de alguém que já vivenciou e experienciou muitas coisas nesta vida. Toda e cada orientação foi de um aprendizado imensurável. Obrigado por cada incentivo, pelo estágio docência, pelas dicas; são coisas e vivências que ultrapassam as dimensões acadêmicas, são formativas *de e para* a vida. Ganhei um amigo e ele é um dos maiores pensadores da comunicação deste país.

A minha banca de qualificação (e também de defesa) tão sonhada e desejada, composta por duas mulheres as quais admiro e me inspiro um tanto: a Jiani Bonin, pelas filosofias e pela gentileza em cada detalhe; em cada palavra. Das aulas de pesquisa, de nossos encontros pelo grupo, dos debates sobre as artesanias inventivas; você nos ensina mesmo sem se dar conta, muitos obrigados! À Beatriz (Bia) Polivanov, uma grande referência, que gentilmente aceitou

compartilhar suas impressões conosco com a leveza e musicalidade que só um sotaque carioca nos possibilita sentir. O Pedro que casualmente descobriu seus trabalhos, lá na pandemia, mal podia imaginar tê-la por aqui, debatendo a cultura digital que tanto nos instiga.

Aos docentes e funcionários do Programa de Pós Graduação em Ciências da Comunicação pela labuta mesmo com toda a dificuldade neste processo que envolveu a descontinuidade de nosso PPG, em especial a prof^a Dr^a Ana Paula da Rosa, pela gentileza e pelo encontro na disciplina de Aportes Metodológicos; e também a Vanessa e Mayara pela prontidão em cada ajuda.

Ao PROCESSOCOM, pelos mais de 20 anos de trajetória e por ter sido parte essencial da formação de tantos pensadores da comunicação deste país; me sinto em casa com vocês. À Rede AMLAT e também ao GP de Tecnologias e Culturas Digitais da INTERCOM.

Aos amigos e colegas deste percurso, em especial: Luan, pela gentileza e por que me motiva a me desestruturar; Bryan pela sensibilidade e pelo sarcasmo e humor finos; Felipe pelo entusiasmo e pelo senso crítico aguçado; Thiago, pela parceria e trocas da cultura digital. À Carine, Joice e Nanda que desde as experiências no *Teorizadah* foram essenciais para essa trajetória tão doida que é vivenciar o mestrado. À Melissa e José pela amizade tão duradoura. Priscilla pela força. Mari pelas vivências relacionáveis. Matheus pela inconfundibilidade.

Camila pela escuta atenta desde que este trabalho era um desejo; e por me lembrar constantemente de olhar pela janelinha - haja trabalho!

A Vocação, por estes um ano e meio de trajetória: em especial a Paulina, Simone e Marcela pela confiança e pela contribuição na proposta junto aos adolescentes. Aos sujeitos/as que aceitaram participar e construir este trabalho comigo, que me ensinaram tanto e que me fizeram chorar de rir (e de chorar, mesmo). Anderson e Ana Beatriz pelas andanças na enormidade dessa zona sul e pelo prazer de trabalhar com gente esclarecida e competente. Sirlene pelas trocas.

RESUMO

Este trabalho busca investigar o que compreendemos enquanto *dinâmicas comunicativas na autoapresentação* de adolescentes beneficiários de um projeto social de uma organização não-governamental da zona sul paulistana (Vocação) a partir de suas compreensões e ideias sobre intimidade, privacidade e visibilidade, valendo-se da *performance* como eixo analítico e tensionamento teórico. Como conceitos operativos buscamos nos apropriar de debates fundantes sobre identidade, intimidade e também à *performance*, além de suas vinculações e atravessamentos à hodiernidade, considerando os espaços digitais e as especificidades das ambiências plataformizadas, junto a todas as suas tensões e contradições infraestruturais e materiais. Para chegar aos objetivos almejados, buscamos na perspectiva transmetodológica, uma maneira de mesclar métodos, produzindo artesanalmente um modo de perceber e vislumbrar o fenômeno a partir de: 1) questionários *online*, 2) entrevistas semi-estruturadas e 3) inspirações etnográficas, os quais consideramos compreender sob nomenclaturas particulares; sentidas e percebidas a partir das processualidades deste trabalho. Notamos, nos usos e apropriações de seis adolescentes, que os consumos são idiossincráticos mesmo quando correlacionados do ponto de vista prático; nota-se que: 1) há uma preocupação crescente em dimensões laborais de/na construção e *performance* de si nas plataformas, 2) que a visibilidade é gerenciada e altamente refletida, 3) que os/as sujeitos/as se apropriam das funcionalidades para obter mais controle sobre quem pode ver o que eles publicizam e 4) que podemos ler as *performances* a partir de ritualidades das ações como privações de conta, ocultamentos de publicação, criação de novos perfis e mesmo na utilização de *affordances* propostas pela plataforma.

Palavras-chave: performance; intimidade; visibilidade; privacidade; Instagram

ABSTRACT

This work seeks to investigate what we understand as communicative dynamics in the self-presentation of adolescents who benefit from a social project run by a non-governmental organization in the south of São Paulo (Vocação) based on their understandings and ideas about intimidation, privacy and visibility, using the performance as an analytical axis and theoretical tension. As operative concepts, we seek to appropriate fundamental debates about identity, intimacy and also performance, in addition to their links and crossings with modernity, considering digital spaces and the specificities of platformed environments, along with all their infrastructural and material tensions and contradictions. To reach the desired objectives, we seek from a transmethodological perspective, a way to mix methods, producing by hand a way of perceiving and envisioning the specific from: 1) online questionnaires, 2) semi-structured interviews and 3) ethnographic inspirations, which we consider understanding under particular nomenclatures; felt and perceived from the proceduralities of this work. We noticed, in the uses and appropriations of six teenagers, that consumptions are idiosyncratic even when correlated from a practical point of view; note that: 1) there is a growing concern in labor dimensions of/in the construction and performance of self on platforms, 2) that visibility is managed and highly reflected, 3) that subjects appropriate functionalities to obtain more control over who can see what they publish and 4) that we can read the performances based on ritualities of actions such as account deprivation, publication concealment, creation of new profiles and even the use of affordances proposed by the platform

Keywords: performance; intimacy; visibility; privacy; Instagram

LISTA DE FIGURAS, QUADROS E TABELAS

Tabela 1: Estado da Arte envolvendo eixos teóricos de pesquisa (2012 - 2022) no Repositório da CAPES.....	24
Tabela 2: Estado da Arte envolvendo eixo empírico de pesquisa no repositório da CAPES.....	28
Imagem 1: Unidade da Vocação no Bairro Grajaú - Jardim Icarai	31
Imagem 2: Unidade da Vocação no Bairro Cidade Júlia... ..	35
Imagem 3: Sede da Vocação no Bairro Campo Limpo - Jardim Leônidas Moreira.....	36
Imagem 4: Exemplo de estrutura da ecologia do Instagram indicando o espaço do <i>feed/</i> <i>storie</i>	72
Imagem 5: Exemplo do funcionamento da funcionalidade <i>close friends</i>	74
Imagem 6: Exemplo de usos distintos no <i>Instagram</i> e no <i>Fnstagram</i>	74
Tabela 3: Das escolhas realizadas pelos/as sujeitos/as em seus perfis.	110

SUMÁRIO

1. PREÂMBULO: APRESENTAÇÃO E PROBLEMATIZAÇÃO DA PESQUISA	9
1.1 Como nasce?	9
1.2 Por que nasce?	13
1.3 Para quem nasce?	15
2. DOS OBJETIVOS	18
2.1 Objetivo Geral	18
2.2 Objetivos Específicos	18
3. DAS JUSTIFICATIVAS E DO OLHAR PARA TRÁS: o que nos diz as Ciências da Comunicação sobre nossas tematizações?	19
3.2 Sobre o tema: imbricações e possibilidades	20
3.3 Sobre a adolescência: definição conceitual e atravessamento etário com os usos e apropriações midiático-comunicacionais quando debatidos à luz do nosso tema de pesquisa	25
4. DOS CONTEXTOS AOS SUJEITOS: LOCUS E REALIDADE EMPÍRICA DE PESQUISA	30
4.1 Os sujeitos comunicantes em inter-relação com as mídias	30
4.2 A Vocação	33
4.2.1 O Programa Preparação para o Trabalho (PPT) e a Pesquisa Empírica e Exploratória com adolescentes	37
5. DOS CONCEITOS OPERATIVOS E DOS ATRAVESSAMENTOS TEÓRICOS	42
5.1 Da identidade: profusão terminológica e co-relações com a comunicação e os estudos de mídia	42
5.1.1 Construções identitárias na hodiernidade: o eu digital e a autoapresentação plataformizada	48
5.1.2 O perfil na plataforma como centralidade ao debate: considerações sobre identidade, cidadania e vigilância nas autoapresentações	53
5.2 Da intimidade: construções históricas, delineamentos teóricos	59
5.2.1 Visibilidade como marcador contemporâneo: onde está a intimidade que estava aqui?	63
5.2.2 Cultura e compartilhamento de si no Instagram: há como falar em privacidade em espaços algoritmizados?	68
5.3 Da performance: comunicativa por natureza	78
5.3.1 Comunicação com performance e performance na comunicação	81
5.3.2 A performance como matéria simbólico-prática-empírica de nossa pesquisa	85
6. DAS TRILHAS METODOLÓGICAS	88
6.1 Da trilha basilar: a transmetodologia como possibilidade vivida-sentida em experiências científicas nas ciências da comunicação	88
6.1.1 Dos questionários comunicante-performativos como base introdutória para abduções	95
6.1.2 Das entrevistas semi-estruturadas ou por “entrevistas comunicantes da performance”	100
6.1.3 Das inspirações etnográficas ou por uma observação comunicacional da performance	105
7. DO QUE ENCONTRAMOS	110
7.1 Das análises das performances e das relações com as autoapresentações vinculadas aos ideais de intimidade, visibilidade e privacidade	110

7.2 Das análises empreendidas	112
7.2.1 : De não querer ‘ninguém enchendo o saco’ e das dinâmicas laborais nas autoapresentações de Marcelo	112
7.2.2 Da representação do eu de agora e do desejo de se mostrar de Roni	119
7.2.3 Da busca por segurança e da antissociabilidade digital de Munhoz	124
7.2.4 De compartilhar momentos à busca por monetização de Ana Maria	128
7.2.5 Da representatividade ao resguardo em Elisa	132
7.2.6 Da reclusão e dos desejos e gostos de Leônidas	137
8. DAS CONSIDERAÇÕES FINAIS: tensionamentos e (in)conclusões sobre as autoapresentações dos adolescentes no Instagram	142
9. DAS REFERÊNCIAS	147

Pero si comunicar es salir del reducto, romper la máscara, abandonar la ilusoria seguridad del “interior”, dejarse interpelar, desafiar por ese mundo en el que el “yo” y el “otro” están insertos, entonces la comunicación es un camino válido

Jesus Martín-Barbero

Prelúdio

A *Nós*.

A *Nós* como substantivo masculino em sentido literal, que representa o enredar de fios e tecidos para um enlace final que sustenta objetos; e que, por excessivamente firme, torna-se difícil de ser desfeito. Como os que precisamos fazer durante nossa caminhada: fortes o bastante para nos sustentar, mas não em demasia, incorrendo ao risco de cegá-los.

A *Nós* como substantivo masculino em sentido figurado, que representa um empecilho, uma dificuldade. Como muitas vezes encontramos durante os percursos que nos são propostos ou os que nos aparecem, mesmo aqui neste trabalho; mas como também são próprios da vida em sua beleza e completude.

A *Nós* como unidade de medida marítima que representa, em termos facilitados, 1.582 metros. Um pouco dos tantos percorridos durante a realização deste trabalho e dos tantos que percorreram aqueles e aquelas com os quais dialogamos e interpretamos. Medida essa que simboliza também a firmeza e solidez das terras onde pisamos às dimensões imaginativas e fabulares das profundezas dos mares nos quais mergulhamos.

A *Nós* como ponto ondulatório da física, representando o espaço estacionário e fixo onde a amplitude é zero, quando não há movimento. Como os tantos momentos em que paramos, seja por livre e espontânea vontade ou por outras motivações; parar também é investimento.

A *Nós* como pronome pessoal reto, representando a primeira pessoa do plural segundo os moldes e ordenamentos postos e organizados da língua portuguesa em toda sua complexidade. Representa e exemplifica portanto, a mim que vos escrevo, aos que me lêem e aos sujeitos/as que aceitaram participar desta pesquisa, em todas as nossas particularidades, singularidades e vivências que nos são próprias.

A *Nós* não apenas como um trabalho a ser lido, mas como uma *performance* para participar.

Vem?

1. PREÂMBULO: APRESENTAÇÃO E PROBLEMATIZAÇÃO DA PESQUISA

*Não se pode falar em qualquer época de qualquer coisa
Michel Foucault*

1.1 Como nasce?

A semente que propiciou o nascimento e a concepção do nosso trabalho foi germinada durante um período conturbado do qual passamos todos nos últimos anos e que estará sempre marcado, seja nas trajetórias de quem o testemunhou ou nas páginas dos livros de história e nas teses, dissertações e trabalhos de conclusão de curso de muitas áreas do saber: o isolamento social destinado a conter a circulação do vírus da COVID-19. Consideradas as distinções nas formas como fomos interpelados pelo que ocorreu neste espaço-tempo; todos, em maior ou menor grau, fomos atingidos pela necessidade de isolar-nos socialmente, imergindo em uma realidade que nos exigiu adaptabilidade e que modificou muito das nossas dimensões comunicativas e conversacionais.

No dia 31 de dezembro de 2019 a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi alertada sobre casos específicos de um tipo de pneumonia derivados de uma nova cepa de coronavírus na cidade de Wuhan, na China, que ainda não tinha sido identificada em humanos¹. No dia 26 de fevereiro de 2020, o primeiro caso do vírus foi identificado no Brasil, na cidade de São Paulo. Menos de duas semanas depois, a OMS declarou como pandemia² o estágio de contaminação do novo coronavírus, que viria a se tornar a maior crise sanitária do século XXI até o momento.

A partir de então uma série de modificações abruptas no cotidiano de toda sociedade foram iniciadas, como os intentos de *lockdown* que exigiam que as pessoas ficassem em suas casas para conter o avanço do vírus, o fechamento de comércios e a transposição dos trabalhos físicos para experiências remotas, o que também aconteceu com as aulas nos colégios, institutos e Universidades; encontros, festividades e aglomerações foram terminantemente contraindicados. Sem vacinas, a única forma de evitar a propagação do vírus era se isolando. Desprender-se da presencialidade física e ser testemunha ocular para novas formas de ser-estar no mundo que prescindiram à corporeidade. Foi assim que nos vimos e foi

¹ Histórico da pandemia de COVID-19 disponibilizado pela Organização Mundial de Saúde (OMS): Disponível em:

<<https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19#:~:text=Em%2031%20de%20dezembro%20de,identificada%20antes%20em%20seres%20humanos>> Acesso em: 07 jan. 2023

² Declaração oficial de pandemia feita pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Disponível em: <<https://www.unasus.gov.br/noticia/organizacao-mundial-de-saude-declara-pandemia-de-coronavirus>> Acesso em 07 jan. 2023

assim que passamos, ao menos, dois anos de nossas vidas e trajetórias. A brutalidade do cotidiano parece nos fazer esquecer de todo o duro percurso atravessado durante o período, mas aconteceu; e não deveríamos esquecê-lo com a facilidade como parece estar acontecendo.

Esse preâmbulo serve, entre outras coisas, para contextualizar o leitor que nosso trabalho nasce em um momento posterior às emergências envoltas a pandemia da COVID-19 e que talvez, muitos dos trabalhos que serão apresentados pelos e pelas colegas em suas dissertações e teses também estarão direta ou indiretamente atravessados por este contexto. Seja nas ações práticas ou nas dimensões simbólicas, o período de isolamento nos atravessou; e deveríamos, portanto, considerar natural caso tenhamos saído assim desse processo: modificados.

O que queremos dizer aqui é que nosso trabalho não se deriva propriamente da pandemia. Ela não se configura como nosso objeto de pesquisa, nem enquanto gancho temático; também não faz parte da dimensão teórica apresentada nesta dissertação e menos ainda no atravessamento empírico postulado, mas está interpelada a ela desde a sua abstração inicial, seu pensamento primeiro; a dúvida, o incômodo e a percepção introdutória que permitiu que nosso trabalho fosse formulado e estruturado no formato desta dissertação bem como apresentado aos pares para avaliação, partiu de uma necessidade prática da qual o autor que vos escreve, a banca que nos avalia e o leitor ou a leitora que nos lê, tiveram pouca ou quase nenhuma escolha: se isolar.

Chamaremos essas abstrações introdutórias de pesquisa de “pensamentos marginais” inspirados em Mills (2009), compreendendo serem da ordem das vivências mais cotidianas e triviais onde nascem grandes sugestões e hipóteses posteriores de pesquisa. Esses pensamentos se configurariam enquanto: “ideias que podem ser subprodutos da vida cotidiana, fragmentos de conversa entre ouvidas na rua, ou mesmo sonhos” (MILLS, 2009, p. 23) e tornam-se profícuos e significativos do ponto de vista científico quando organizados e sistematizados, podendo inclusive, ganhar relevância intelectual. Tentaremos transformar os nossos *pensamentos marginais* nesta proposta de pesquisa; sem, no entanto, considerá-los mais importantes quando interpelados a teorias, análises e às aproximações empíricas.

O período de isolamento social nos fez encarar (ainda que implicitamente) dimensões concretas sobre a forma como sentimos, pensamos e entendemos a nós mesmos. Além disso, pode ter nos feito também analisar - ou ao menos questionar - a forma como nos comunicamos. Em um momento que só permitia (e necessitava) que acessássemos - com o perdão e a casualidade da terminologia - uns aos outros de modo virtualizado, a ausência da corporeidade interferiu nos modos como nos construímos identitariamente. Aumento de

tempo de tela, trabalho imbuído em casa, ausência de espaço para lazeres até então comuns, maximização de demandas já existentes - e nascimento de outras inimaginadas - nos vimos atravessados por muitas irrupções cotidianas que envolviam a ordem comunicativa em um curto espaço de tempo.

Há aqueles que “fugiram” das redes - considerando a impossibilidade de que isso aconteça plenamente - e há aqueles, contudo, que não tinham outra opção: o espaço digital, o “*eu virtual*” e o endereço de IP representavam-os de modo concreto; afinal, essa era a forma possível de existir. Seja na vida pessoal, na profissional, nas dimensões afetivas e nos diálogos formais e institucionais, tudo, ou quase tudo precisava passar pelos artefatos midiáticos digitalizados; mas não através da trivialidade escancarada desde há muito pelos estudos em midiática do qual o programa onde nossa dissertação é apresentada foraprecursor. Mas por uma necessidade posta e (im)posta. Se já antes dos processos e dinâmicas advindos e maximizados com a pandemia já não podíamos considerar as mídias como algo “fora da sociedade”, a pandemia parece ter potencializado o entendimento de que estão, na realidade: “dentro da sociedade, [sendo] parte do próprio tecido da cultura” (HEPP, HJAVARD; LUNDBY, 2010, p. 23).

Se o aumento de uma cultura de produtividade exacerbada - e dos níveis de ansiedade (HONG, LEE, KIM, 2023) - são consensuais nas conversas cotidianas sobre os sentimentos aflorados durante o período de pandemia, é sugestivo também perceber que os sujeitos e sujeitas tenham ficado mais reflexivos sobre as dimensões que envolvem os constructos identitários e da intimidade. Se os debates sobre visibilidade, exposição de si, vigilância e construção de narrativas pessoais nos espaços digitais já existiam e eram frutuosos do ponto de vista comunicacional, nos parece que a pandemia (e seu pós), podem nos dar direcionamentos interessantes para analisarmos e irmos além das bibliografias já tradicionais do campo. Recalculamos a dimensão de intimidade no período pandêmico a partir das necessidades exigidas para contenção do vírus? Reconsideramos sobre a visibilidade do que antes tornávamos explícito? Mudamos a forma de nos relacionar com a privacidade a partir de agora? Como construímos nossa versão de si nas plataformas de rede social durante e após este período? São, de fato, outras versões de nós? Essas não são questões às quais buscamos aqui - mas elas nos atravessam desde o problema de pesquisa instituído e principalmente a partir de suas especificidades.

No nosso trabalho consideramos frutuosas as formas de entender a internet como cultura e artefato cultural (HINE, 2000; 2005; 2015) e compreendemos que nossas versões e perfis digitais, não estão “além”, não são “outra coisa”, portanto não podem ser

compreendidos como dissociados de nossa cotidianidade e existência “física”; constituir-se identitariamente em espaços digitais envolve uma dinâmica de (re)construção não-aleatória e reflexiva que passa pela fisicalidade, mas não acaba nela; reúne outros elementos.

No nosso trabalho buscaremos investigar e tecer relações sobre dinâmicas de autoapresentação nas plataformas, compreendendo como se dão essas *performances*. Como os sujeitos e sujeitas se constroem identitariamente neste espaço? No nosso caso, como seis **adolescentes da periferia da zona sul paulistana beneficiários de uma Organização Não Governamental (ONG)** realizam esse processo e, em específico, como isso acontece no *Instagram*. Mas também não é apenas sobre esses ideais que pretendemos debater; afinal, já há muitos trabalhos no campo que se dispuseram a enveredar sobre o temário em análise a outros sujeitos e sujeitas. O imbricamento entre **comunicação** e **identidade** rende e continuará rendendo por muito tempo bons frutos e esse trabalho pretende ser interpelado por essa convergência rica. A pesquisa questiona: “*quem é você?*” mas também busca subverter essa questão tão existencial, expondo o contraponto de “*quem é você a partir das escolhas que faz para se apresentar a determinadas pessoas?*”, compreendendo que há jogos, simulações, escolhas e ajustes envoltos sobre quem se é nestes espaços e que eles estão interpelados pelos artefatos midiático-comunicacionais de nosso tempo. Nosso trabalho busca se edificar justamente na procura por compreender sobre as dimensões íntimas, da privacidade e da visibilidade da e na autoapresentação desses sujeitos co-partícipes de pesquisa, analisando de onde derivam-se suas escolhas do que, como e de que formas publicizar (ou não) neste espaço, no caso, no *Instagram*.

Apropriamo-nos **da performance** como eixo teórico-analítico-conceitual-empírico, compreendendo que sua grande marca seria a “exposição das tensão e contradições acontecendo no mundo de hoje” (SCHECHNER, 2002, p.3) reivindicando a possibilidade de estabelecer, a partir desta ótica, um olhar investigativo que nos trace paralelos que envolvam o entendimento (ou não) da **intimidade, privacidade e visibilidade** nas relações que os sujeitos fazem com os constructos de si imbuídos em seus perfis na plataforma, investigando *se, quando e como* se dão os ajustes e as negociações sobre os conteúdos publicizados, considerando que as abordagens culturalistas de pesquisa se atravessam as dimensões técnico-maquínicas das plataformas e que é preciso estar atento e vigilante epistemicamente para compreender que o debate estético e das subjetividades - central nesta pesquisa - pode se interpelar a questões algorítmicas, das *affordances* (GIBSON, 1977) e das materialidades (BOLLMER, 2020). Essa mescla rica, pode nos revelar questões das realidades cotidianas

contemporâneas que acontecem para além das ambiências digitais, mas que se complexificam quando presentes nestes ambientes complexos, dicotômicos e mutáveis por natureza.

1.2 Por que nasce?

Castells (2002) conclama “informacional” o espaço-tempo o qual vivenciamos contemporaneamente: um momento histórico onde esferas e âmbitos pessoais, profissionais, econômicos e, por consequência, os midiático-comunicacionais estão organizados em torno de redes, dando forma a uma nova estrutura social. No nosso trabalho não buscamos inferir ou sugerir valorativamente sobre o tema; longe de construir posicionamentos tecnofílicos - os quais vislumbram os avanços tecnológicos em questão de forma acrítica - também dispensamos assumir posturas apocalípticas ou alarmantes. Cabe aqui, estabelecer um debate lúcido e frutuoso que abarque a completude que o tema exige e necessita.

A internet e os processos por ela derivados como a midiaticização e digitalização reconfiguram as dinâmicas comunicativas e conversacionais na contemporaneidade e as ciências da comunicação apresentam-se como um espaço profícuo para que façamos análises, inferências e investigações acerca disso. Aceitando a dimensão concreta dos aparatos midiáticos e das plataformas de redes sociais (e os interesses escusos que as acompanham), não esquecemos de enfatizar que as pesquisas que englobam a conjuntura comunicação-cultura precisam seguir vívidas e fortes - as coisas se modificam *por e pelas* pessoas e seus processos e práticas - e é a partir disso que construímos e direcionamos nossas pesquisas. Nosso trabalho se coloca em um espaço de construção teórico-analítico-empírico que se atravessa aos debates sobre a **comunicação e cultura digitais**, isso porque compreende também os processos materiais estabelecidos em consonância às dimensões clássicas que envolvem os usos e apropriações da internet pelas e nas mídias, em especial quando consideradas as plataformas de redes sociais.

Consideramos necessário, contudo, assinalar as várias distinções nas condições de acesso à internet no mundo. Atendo-nos a distribuição desigual da ferramenta ao redor do globo e tomando consciência de que 37% da população sequer teve acesso à internet alguma vez em suas vivências³, focalizamos nosso processo investigativo de pesquisa em um contexto específico latino-americano, situando nossa análise de pesquisa a partir da experiência de adolescentes da zona sul da cidade de São Paulo, no bairro do Campo Limpo. Outro dado de contexto fundamental é o de que esses adolescentes são beneficiários

³ Dados obtidos a partir da União Internacional de Telecomunicações, e da ONU. Disponível em: <<https://news.un.org/pt/story/2021/12/1772182>> Acesso em: 11 jul 2022

de um programa pedagógico-educacional promovido por uma instituição do terceiro setor, pontos a serem explicitados, debatidos e exemplificados minuciosamente no tópico seis (6) deste trabalho.

Considerando a especificidade do espaço empírico, das escolhas teóricas e todas dimensões metodológicas que atravessam esta pesquisa, entendemos ser necessário explicitar também sobre a enormidade de experiências subjetivas abarcadas pelo aspecto que pretendemos analisar em nosso trabalho. Inspiramo-nos em diversas leituras de ordem filosófica para entender - e justificar - que não pretendemos, neste trabalho, compreender dimensões *universais* em nossa análise e investigação, como as que importam à biologia e às ciências naturais - sendo assim, não há pretensão de generalizações conceituais sobre o fenômeno a ser esmiuçado aqui. Também não comportamos, nesta dissertação, uma tarefa que empreende o desenvolvimento de uma pesquisa que abarque comportamentos *singulares*, tarefa da psicanálise ou da psicologia, por exemplo; que encontram no sujeito e em sua particularidade, formas únicas e exclusivas para inferir e investigar seus objetos de pesquisa teórica e clínica.

Enquanto cientistas da comunicação, postulamos e reivindicamos trabalhar com análises e inferências *particulares*: comuns a alguns sujeitos e sujeitas, mas não necessariamente para todos os seres humanos. (SIBILIA, 2016; LACAN, 1967; LUCÁKS, 1968), é assim que iniciamos nossa investigação: trazendo especificidades a nossa abordagem e também compreendendo que é um papel de vigilância epistêmico-teórico-discursiva-empírica, que nos projeta a construir e a sugerir ideais em nosso campo científico, esparso e flexível. É a partir desta compreensão e das análises contextuais apresentadas, que buscaremos construir uma pesquisa responsável e que contribua com o campo de conhecimento; avaliando as consequências e os atravessamentos que ela pode gerar, compreendendo e tornando explícito desde então que ela não se configura como “um mundo à parte” nem dissociada das vivências cotidianas dos sujeitos e sujeitas e, principalmente, refletindo junto a Japiassu (2002) que as pesquisas não possuam objetividade a qual o pensamento logocêntrico atribui a elas. Há rejeição à ideia de objetividade e transparência construída ao longo dos anos e que pavimentou os constructos laborais da ciência positivista; não negamos que devemos buscar a objetividade - a nossa, contudo, não se parece com o que se convencionou compreender acerca da terminologia e do conceito.

Reivindicar uma trilha crítica na construção desta pesquisa também contribui para compreender um lugar específico de análise, sugestão e construção de hipótese que

abarcando considerar e lançar mão de um espaço frutuoso *de e para* as ciências da comunicação. Muitas vezes descreditada enquanto campo científico, inferimos que é justamente sua maleabilidade e adaptabilidade fundantes que nos permitem tecer dinâmicas tão ricas e potencialmente interdisciplinares de pesquisa, como as que encontramos neste trabalho, que nasce portanto, também a partir de uma certa necessidade de olhar para a comunicação desta maneira: enquanto campo multicontextual, que se aproveita de teorias como raciocínios provisórios a partir de dados de contexto específicos - aqui, importa-nos os midiático-comunicacionais, interpelados ao objeto a ser construído - para adentrar ainda mais o campo e contribuir minimamente com os pares, com o campo científico das ciências sociais e humanas - afinal, reivindicamos que as ciências da comunicação precisam “beber de outras fontes” - mas também com a sociedade como um todo que, inclusive, financia estas outras pesquisas.

1.3 Para quem nasce?

No dia 22 de julho de 2022, o pesquisador que escreve esta pesquisa foi surpreendido com uma notícia de difícil absorção prática e, que mal sabia, guiaria a partir de então todo o processo de feitura deste trabalho: a descontinuidade do Programa de Pós Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (PPGCC - UNISINOS), onde esta pesquisa se delinea, é escrita e realizada.

A partir de uma decisão controversa e pouco explícita, a Universidade, por meio da reitoria decidiu extinguir 12 programas de pós-graduação da instituição; muitos deles referências para as suas respectivas áreas do saber, sendo o PPGCC um deles. À época, o programa detinha nota 6 na avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), responsável por avaliar e atestar qualitativamente sobre os cursos de pós graduação *stricto sensu* do país - meses depois o programa viria a se tornar nota 7, nota máxima a qual um programa pode atingir - sendo, considerado portanto, junto a outros dois, dos mais de 50 programas da área, os únicos com este índice, o que atesta a **excelência acadêmica** em se considerando os padrões internacionais de pesquisa.

A Comunicação é uma área jovem e que ainda tenta encontrar seu espaço em um ambiente que, muitas vezes, privilegia o que já está posto, o conhecido, e o estabelecido. O Programa de Pós Graduação em Ciências da Comunicação da UNISINOS é, no entanto, reconhecido historicamente como um espaço de vanguarda na pesquisa da área no país e se desenvolveu em seus quase 30 anos de trajetória na tentativa de compreender e privilegiar os *processos comunicacionais* em detrimento de apenas seus *produtos*. Rememorando a fala

de Pedro Gilberto Gomes, docente da casa, em fala no VII Colóquio Internacional de Investigação Crítica⁴, os PPGs tradicionais e mais antigos da área como o da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade de Brasília (UnB) e Universidade de São Paulo (USP) abrangiam na década de 1990 já temas muito pertinentes para a sociedade mas se “detinham a pesquisar elementos visíveis do fenômeno comunicacional como os produtos da Indústria Cultural, por exemplo”. Para o docente, o PPGCC UNISINOS foi responsável por consagrar uma nova natureza na forma de se pensar-pesquisar às Ciências da Comunicação, a partir de perspectivas consideradas “*metamidáticas*”. À época, conforme conta Pedro, os grandes autores da área ainda olhavam com desconfiança para o programa, e entoavam, em encontros, congressos ou seminários, frases como: “Isso que vocês tão inventando lá na Unisinos... *não sei não, viu?*”. O programa, no entanto, nasceu. E depois disso cresceu, amadureceu, se consolidou e, no ápice de sua trajetória de conquistas e da validação de um esforço feito e compartilhado a muitas mãos, foi descontinuado.

Trazemos o assunto à tona na apresentação desta pesquisa porque acreditamos que uma decisão como essa tem um impacto concreto na realização de um trabalho em vias de construção, sob análise e reflexão. Entendemos que a feitura e realização desta dissertação, realizada com uma bolsa de pesquisa⁵, só é possível pelo compromisso ético dos cidadãos e cidadãs deste país que pagam devidamente seus impostos, sendo portanto, contribuintes financeiros dos órgãos públicos estatais de pesquisa, subsidiando a possibilidade de que investigações tão ricas e frutuosas do ponto de vista cultural, social, cidadão, econômico, político e comunicacional possam ser realizadas. Esta pesquisa então, é feita não apenas para os pares que devem avaliar e atestar sobre a possibilidade de que este trabalho, a posteriori, esteja exposto em repositórios da área e se expanda para outros espaços acadêmicos como congressos, seminários e simpósios - onde já estivemos, inclusive, em diversas possibilidades - mas também à sociedade brasileira em sua completude..

Pensando junto à Japiassu (1998), compreendemos que uma ciência de postulação crítica e firme aos princípios éticos e morais que a zela, deve compreender que a significação da ciência não está no saber ele próprio; mas no “poder que ele efetivamente confere” (JAPIASSU, 1998, p. 146). Por isso esta pesquisa é para que compreendamos que

⁴ Evento do grupo de pesquisa PROCESSOCOM realizado entre os dias 17 a 19 de maio de 2022 presencialmente no LABTICS da UNISINOS e com possibilidade de presencialidade remota.

⁵ A bolsa em questão se trata da modalidade PROEX- destinada a instituições de excelência acadêmica. Os estudantes, na ocasião, não pagam mensalidades a Universidade (de fins confessionais) mas repassam a bolsa recebida pela Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

um trabalho exitoso não é um fim em si mesmo. Para que possamos congregarmos juntos e compreender que cientistas não estão em torres de marfim despregados da realidade prática vivida (por vezes duramente) pelos que laboram neste país; que a ciência é também, portanto, um labor e que necessita de mais incentivos e aprimoramentos. E menos de encerramentos, fechamentos e descontinuidades.

2. DOS OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

- Compreender estratégias de autoapresentação utilizadas por adolescentes para expressar sua identidade no Instagram

2.2 Objetivos Específicos

- Investigar como adolescentes beneficiários de um projeto social da zona sul paulistana se autoapresentam no *Instagram* a partir de suas percepções e compreensões sobre intimidade, visibilidade e privacidade
- Identificar motivações para dinâmicas de intimidade, visibilidade e privacidade nas interações entre os adolescentes e como elas são influenciadas pelas performances dos sujeitos a partir de escolhas como publicização e ocultamento; privação e abertura de conta
- Investigar as apropriações dos sujeitos na plataforma a partir das possibilidades geradas por ela no que diz respeito à construção identitária, inferindo sobre ajustes e negociações a partir das infraestruturas materiais

3. DAS JUSTIFICATIVAS E DO *OLHAR PARA TRÁS*: o que nos diz as Ciências da Comunicação sobre nossas tematizações?

Os homens habituaram-se a falar de tudo superficialmente; e o torvelinho da vida de hoje quase não permite a ninguém deter-se para pensar. E adquirimos o hábito de sorrir com frivolidade para o que desconhecemos. No entanto, as velhas escrituras estão cheias de exemplos que nos deixam perplexos

Cecília Meireles

Os trabalhos científicos carregam consigo muitas particularidades. São construídos a partir de muitas engrenagens, vínculos pessoais, construções delineadas por motivações profissionais, sob desejos pulsantes, interpretações racionalizadas, por vivências, na busca por compreensões (ainda que parciais) da realidade, a partir de devaneios; enfim, por possibilidades múltiplas e que muitas vezes se entrelaçam e se interconectam. Nenhum trabalho é igual, por óbvio; carregam a individualidade e o tensionamento subjetivo de cada sujeito ou sujeita que se dispõe a realizá-lo. Nenhum trabalho é idêntico, fato. Mas todo trabalho é uma construção conjunta porque não se dialoga sozinho quando se constrói uma produção científica responsável, digna e vívida.

A ciência precisa de continuidade e, para que ela exista, é necessário que estejamos atentos ao que já foi dito e interpretado, às tematizações que já foram postas à prova, e as investigações que já delinearão sugestões ou construirão teorizações sobre nossos objetos e temas.. Muitas vezes, na cotidianidade concreta e em diversas situacionalidades a frase “*olhar para trás*” vem acompanhada de uma ideia de aconselhamento, para que se siga em frente e que se trace sua trajetória: “siga sem olhar pra trás”, ou “faça [isso ou aquilo] e não olhe pra trás”. Aqui, e em especial junto aos acionamentos teóricos que reivindicamos na construção de uma pesquisa ética e crítica, *olhar para trás* significa valorizar toda uma construção conceitual-temática que possibilita que este trabalho que lêem, esteja situado, assentado e edificado nos moldes que vos apresentamos.

A pesquisa não é, ou, ao menos não deveria ser um percurso totalmente solitário - embora a *solitude* e os constructos subjetivos pessoais sejam importantes para sua construção, elaboração e refinamento - porque deveríamos estar conscientes da necessidade intrínseca de *olhar para trás* e, com essa necessidade, compreender que houve quem já edificou teoricamente sobre coisas das quais estamos interessados em conhecer, saber, supor e investigar. Damos valor a isso. Aproveitando a coloquialidade e suas terminologias que nos ajudam a dar sentido a contextos abstratos, acreditamos que as pesquisas são

realizadas “de tijolo em tijolo”.

Segundo Bachelard (2015), “o conhecimento em movimento é um modo de criação contínuo; o antigo explica o novo e o assimila; e, vice-versa, o novo reforça o antigo e o reorganiza” (BACHELARD, 2015, p.19). Por isso, acreditamos ser de extrema importância incorrer em um olhar atento e cuidadoso aos trabalhos que se interseccionam temática, teórica, empírica e metodologicamente à proposta a qual pretendemos construir com nossa dissertação. Mais do que compreender seus objetivos, vislumbrar suas hipóteses, considerar seus caminhos e trajetórias ou analisar seus resultados, compreendemos como necessário e frutuoso, estabelecer correlações, alinhamentos de expectativas e pontuar sobre avanços os quais o nosso trabalho busca em relação aos propostos por estes que serão expostos aqui, em um estado da arte.

Em uma argumentação teórico-prática referente à construção e estruturação de nosso trabalho, dividiremos esta etapa em dois eixos principais: no primeiro momento, na busca por explicitar a relevância do tema para a comunicação, apresentaremos os principais avanços trazidos pela nossa pesquisa em relação ao que já foi investigado na área, a partir de um estado da arte no campo, realizado especificamente no repositório de teses e dissertações da CAPES, com escolhas de análise explicitadas e refletidas ponto a ponto. Na sequência buscamos analisar a produção na área a partir de pesquisas que tenham adolescentes como sujeitos co-participes e/ou objetos de pesquisa, em especial quando estas estão relacionadas a tematizações próximas de contribuições que se vinculam aos usos e apropriações das plataformas de rede social e/ou dimensões estéticas e simbólicas da comunicação e dos *media*.

Dados de contexto estão intrínsecos às enunciações apresentadas nas justificativas, justamente porque compreendemos que a contextualização é e deve ser entendida enquanto aspecto que nos ajuda a configurar e moldar a problemática de pesquisa. Neste caso, partindo das ciências da comunicação, os dados contextuais teóricos estão invariavelmente vinculados aos artefatos midiático-comunicacionais (mas não apenas, com o risco de fragilização epistêmica). O contexto nos traça desde uma visão abrangente às particularidades e curiosamente apresenta-se como um indicador de outros contextos que surgem à medida em que a exploração, observação, experimentação e vivência acontecem (MALDONADO, 2011).

3.2 Sobre o tema: imbricações e possibilidades

Em se tratando de atualizar debates já suscitados na área, percebemos - como já

explicitado neste trabalho - que não são novos os trabalhos que investigam as dimensões de construções de identidade em rede e da autoapresentação dos sujeitos nesses espaços, mas que o atravessamento do conceito de intimidade dentro deste grande eixo temático, pode nos trazer dimensões interessantes e inovadoras à pesquisa.

A pesquisa de estado da arte sobre os trabalhos da área que focalizam sobre os temas propostos por essa dissertação, foi realizada no repositório de teses e dissertações da CAPES, e foi construída no mês de maio de 2022. Mapeou-se trabalhos circunscritos na área das Ciências Sociais Aplicadas - e na subárea das Ciências da Comunicação, que se apropriam do debate sobre performance para entender as questões de autoapresentação na rede. O estrangeirismo “*performance*”, valioso à nossa pesquisa, dificulta a busca, já que muitos trabalhos e áreas utilizam-o como substituto do termo “desempenho”, o que não faz sentido para a construção e tematização do nosso trabalho - daí a importância de utilizar os filtros temáticos que o repositório nos possibilita. Utilizamos, portanto, variações como: *performatividade*, *performativo*, *performatização*, no intuito de situar o trabalho a partir da perspectiva utilizada no projeto. Somaram-se às pesquisas os termos *identidade* e *intimidade*, quando ou não vinculadas aos termos correlatos à *performance*.

A tese de Beatriz Polivanov, apresentada no Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense (UFF), intitulada “*Dinâmicas de autoapresentação em sites de redes sociais: performance, autorreflexividade e sociabilidade em cenas de música eletrônica*”⁶ defendida em 2012, nos dá pistas para entender a performance como uma espécie de eixo analítico para se autoapresentar nas plataformas, e pode ser rica conceitualmente para nosso trabalho, embora necessite, em relação ao tempo-espaço em que foi escrita, de atualizações conceituais como a mudança do termo *site de rede social* para *plataforma*, entendendo que há também dimensões materiais, infraestruturais e estético-algorítmicas que fazem parte da dinâmica de autoapresentação em rede. A pesquisadora, na ocasião, estava interessada em compreender como sujeitos que tinham uma relação amadora com ambientes de sociabilidade em música eletrônica compreendiam seus perfis no *Facebook*, buscando investigar por meio de questionários, entrevistas estruturadas e inspiração etnográfica para a web, o que este público postava (ou deixava de postar) em seus perfis na plataforma. O trabalho está diretamente articulado com pesquisas em torno da comunicação e cultura digitais empreendidas naquele momento. À época muitas pesquisas, em especial, anglo-saxônicas estavam preocupadas com dinâmicas parecidas, como as de Boyd e Ellison (2007) que inclusive, elaboraram suas pesquisas junto

⁶ Disponível na íntegra: <<https://ppgcom.uff.br/beatriz-brandao-polivanov/>> Acesso em: 06 de mar de 2023

a adolescentes, mas em outras *redes sociais online*, (as quais hoje compreenderíamos enquanto *plataformas*) como o *MySpace*.

Aproveitando o gancho, percebemos também, em nossa área, tematizações que quase sempre atestam dimensões críticas sobre as vinculações entre intimidade, artefatos midiáticos e cultura digital, em especial nas dimensões sobre corpo, beleza e estética como na tese de Bruno Thebaldi de Sousa, do Programa de Pós em Comunicação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio): “*Mídia e Exteriorização do Self: Exposição de Intimidade e Culto ao Corpo*”⁷ ou ainda no trabalho de dissertação de Daniela Reis do Nascimento, do Programa de Pós Graduação em Mídia e Cotidiano, (UFF), “*Belas, Recatadas e do Lar? Performances da Intimidade na Disputa de Sentidos sobre ser Mulher*”⁸ que parece nos propor mais reflexões acerca do imaginário e das disputas simbólicas em relação ao termo intimidade, e menos sobre como se dá a autocompreensão da conceituação, tão valiosa ao nosso trabalho.

A dissertação de Thaís de Oliveira Sarda, do Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS): “*A gestão de identidade dos sujeitos nos sites de redes sociais Facebook e LinkedIn*”⁹ nos apresenta uma lacuna que possibilita a atualização conceitual em nosso trabalho, que procura sim, entender as dimensões que envolvem a construção, gestão (e também a manutenção) de identidade de adolescentes em plataformas - aqui em especial no *Instagram*, o que não aparece no trabalho citado - contudo, a nós, importa mais investir e realizar um trabalho de investigação incorporado a uma chave de leitura que tematiza dimensões que envolvem a intimidade e sua exposição (ou não), o que não é o caso da dissertação de Sarda. A incursãoda pesquisadora, no entanto, nos parece ser rica quando e se apropriada a conceituações como a de “gestão”, muito relacionável às novas possibilidades que o *Instagram* proporciona aos sujeitos que o utilizam, o que podemos, conceitualmente, interpretar enquanto *affordances*, a partir de leituras como as de Gibson (1977) e já debatidas em trabalhos de introdução a esta pesquisa, realizados pelo autor. (ANDRADE, 2022a; 2022b)

Encontramos também, durante a análise e pesquisa de estado da arte, trabalhos como o de Thaís Patueli Campos de Oliveira, do Programa de Pós em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), com a dissertação intitulada: “*A*

⁷ Disponível na íntegra: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/35021/35021.PDF>> Acesso em: 06 de mar de 2023

⁸ Disponível na íntegra: <<https://app.uff.br/riuff/handle/1/6688>> Acesso em: 06 de mar de 2023

⁹ Disponível na íntegra: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/117425>> Acesso em: 06 de mar de 2023

construção performática de si e do cotidiano no Snapchat”¹⁰, aplicativo este, muito popular em meados da década de 2010 e que inspirou implicitamente muitas das mudanças da plataforma a ser investigada em nosso trabalho, o *Instagram*. O trabalho pode nos ajudar a construir dimensões conceituais do que chama de “construção performática de si”, além de atualizar conceituações sobre o que a autora encontrou investigando o aplicativo *Snapchat*, mas ainda sugere em seu título e mesmo na apresentação do trabalho, desde o resumo às hipóteses, que tender ler a ideia de performance a partir de uma chave conceitual que não parece ser a do nosso trabalho.

Já a dissertação de Luciano de Sampaio Soares, do Programa em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná (UTP), “*RECOMPARTILHAMENTO DE IMAGENS E PERFORMANCE EM SITES DE REDES SOCIAIS: Percepções Sociossemióticas sobre a Apresentação de Si no Facebook*”¹¹ demonstra uma perspectiva explicitamente semiótica da ideia de autoapresentação em rede e analisa, em específico imagens publicizadas no feed do *Facebook*; pode, no entanto, guiar-nos sobre o que o autor tem entendido enquanto performance, vinculando-a ao entendimento de “apresentação de si” que nos parece um sinônimo para o que temos optado por chamar de “autoapresentação” em nosso trabalho. A discussão, inclusive, parece fugir de inferências que vinculam-se a dimensões negativas ou narcísicas do compartilhamento imagético de si na plataforma analisada, o que também nos importa na construção temática de nosso trabalho, que busca fugir de postulações críticas e/ou que delineiam e vinculam o termo ao narcisismo e/ou exibicionismo.

O mesmo acontece em trabalhos como os de Deborah Rodriguez Santos (UFF), “*O amor nos tempos do Facebook: narrativas amorosas e performances de si de jovens cubanos no site de rede social*”¹², indicada ao prêmio de melhor dissertação do campo pelo prêmio COMPÓS em 2017, ano em que foi apresentada. O trabalho pode nos ajudar a alinhar detalhes sobre o quê e como podemos compreender a ideia de “performance de si” e “performance de identidade” nas plataformas de rede social, ajudando-nos a interpelar o debate também às conceituações de identidade e construção identitária em rede.

Tabela 1: Estado da Arte envolvendo eixos teóricos de pesquisa (2012 - 2022) no Repositório da CAPES

¹⁰ A dissertação não está disponível na íntegra para consulta. A análise se deu a partir de resumo e de seus resultados.

¹¹ Disponível na íntegra: <https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UTP_6f0cab3fa3998b85cd1e28f928c4fde1> Acesso em: 06 de mar de 2023

¹² Disponível na íntegra: <<https://app.uff.br/riuff/handle/1/21805>> Acesso em 06 de mar de 2023

Título/Autoria	Tipo de produção	Instituição	Área/Ano
<u>Dinâmicas de autoapresentação em sites de redes sociais: performance, autorreflexividade e sociabilidade em cenas de música eletrônica</u> - Beatriz Brandão Polivanov	Tese	Universidade Federal Fluminense (UFF - PPGCOM)	COMUNICAÇÃO 2012
<u>A gestão de identidade dos sujeitos nos sites de redes sociais Facebook e LinkedIn</u> - Thais de Oliveira Sarda	Dissertação	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)	INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO 2015
<u>Belas, Recatadas e do Lar? Performances da Intimidade na Disputa de Sentidos sobre ser Mulher</u> - Daniela Reis do Nascimento	Dissertação	Universidade Federal Fluminense (UFF - PPGMC)	COMUNICAÇÃO 2018
<u>Mídia e Exteriorização do Self: Exposição de Intimidade e Culto ao Corpo</u> - Bruno Thebaldi de Sousa	Tese	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO)	COMUNICAÇÃO 2018
<u>A construção performática de si e do cotidiano no Snapchat</u> - Thaís Patueli Campos de Oliveira	Dissertação	Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)	COMUNICAÇÃO 2017
<u>RECOMPARTILHAMENTO DE IMAGENS E PERFORMANCE EM SITES DE REDES SOCIAIS: Percepções Sociosemióticas sobre a Apresentação de Si no Facebook'</u> - Luciano de Sampaio Soares	Dissertação	Universidade Tuiuti do Paraná (UTP)	COMUNICAÇÃO 2015
<u>O amor nos tempos do Facebook: narrativas amorosas e performances de si de jovens cubanos no site</u>	Dissertação	Universidade Federal Fluminense (UFF)	COMUNICAÇÃO 2017

de rede social - Deborah Rodriguez Santos			
---	--	--	--

3.3 Sobre a adolescência: definição conceitual e atravessamento etário com os usos e apropriações midiático-comunicacionais quando debatidos à luz do nosso tema de pesquisa

Congregamos que é preciso ter cuidado com as denominações e com as terminologias que utilizamos em todos os trabalhos; mantemos este cuidado no nosso. Acreditamos que discurso nos revela dimensões implícitas e que colocam em jogo dinâmicas de poder; seja porque envolvem escolhas (in)conscientes ou porque representam imaginários e constructos pessoalizados, embora também conjunturais e, portanto, sociais e culturais. Se nos apoiarmos no que afirma Foucault (2012), compreendemos que os sujeitos (tal qual os objetos) não existem “de fato”, porque são construídos no discurso a partir da percepção em relação aos determinados contextos.

Ao escolher utilizar o termo *adolescentes*, optamos por compreender e seguir a ideia expressa na Lei 8.069, a do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), instituída no Brasil no ano de 1990 que afirma considerar adolescentes, logo em seu Art. 2º: “aquela entre doze e dezoito anos de idade”¹³. Levando em consideração que nossa pesquisa é realizada em um projeto que tem como beneficiários principais, sujeitos e sujeitas entre 14 e 17 anos, fica aqui demarcado que os co-partícipes de pesquisa serão considerados e enunciados, portanto, enquanto adolescentes. A Lei afirma também que em determinadas excepcionalidades, jovens de até 21 anos também serão considerados adolescentes e que crianças serão os sujeitos e sujeitas de até 12 anos incompletos.

Acreditamos ser interessante e - mais que isso - importante, demarcar essa compreensão porque há outros mecanismos e formas de compreender as terminologias e, sendo portanto, a adolescência e a juventude mais fluídas e flexíveis que imaginamos, devemos pontuar isso desde aqui; considerando inclusive, que há marcação enunciativa do termo no título do trabalho. Para as Nações Unidas, por exemplo, o termo juventude é consensualmente utilizado para demarcar cidadãos e cidadãs entre 15 e 29 anos. Para a Organização Mundial da Saúde (OMS), a adolescência é compreendida por um fator

¹³ Texto da lei disponível na íntegra em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm> acesso em: 11 de mar de 2023

cronológico que tem relações biopsicossociais, e que acontece na segunda década de vida - entre os 10 e 19 anos, portanto.¹⁴ Para a mesma organização, a juventude acontece entre os 15 e 24; há diversos fatores que justificam essas demarcações que são temporais, mas também vinculadas à percepções culturais.

Podemos também fazer correlações com o ideal de “maioridade”. Se em grande parte do mundo adquire-se-a aos 18 anos, como é no caso do Brasil, há países em que ela acontece antes, é o caso de países de doutrina predominantemente muçulmana como é o Irã, Iêmen e Arábia Saudita, onde considera-se civilmente que aos 15 anos os sujeitos e sujeitas já possuem “maioridade”, podendo, portanto, responder pelos atos praticados. Em nações como Camarões, Estados Unidos e Egito, atinge-se a maioridade apenas aos 21.

Considera-se imprescindível estabelecer aqui, portanto, que a cultura também é central no entendimento do que é ou não juventude e, por isso, ressaltamos que há uma infinidade de possibilidades interpretativas e conceituais quando escolhemos trazer à tona o termo ao nosso trabalho. A escolha é refletida e estabelecida conforme a jurisdição brasileira estabelece em seus manuais técnicos somadas a um consenso estrutural dos falantes do português brasileiro.

Para compreender e discorrer sobre como os trabalhos do campo estavam (e estão) entendendo as terminologias em questão, realizamos pesquisas pelos termos “*adolescentes*” e “*jovens*” no repositório da CAPES, entre os anos de 2015 e 2022, estabelecendo como critério que os trabalhos fossem filiados às ciências da comunicação. A listagem de trabalhos do campo que utilizam como sujeitos partícipes de pesquisa adolescentes e/ou jovens é vasta e não poderia nem se quiséssemos ser transportada para este trabalho; por isso, decidiu-se escolher para a análise trabalhos que também tivessem relações diretas com terminologias empregadas no nosso, sendo estes, relacionados aos temários apresentados no tópico anterior.

Trabalhos como a dissertação de Marcos Roberto Hiller, do Programa de Pós Graduação em Comunicação e Consumo da Escola Superior de Propaganda e Marketing de São Paulo, (ESPM-SP): “*MODOS DE APRESENTAÇÃO DE SI NO FACEBOOK: construção da identidade de jovens estudantes em um site de rede social digital*”¹⁵, utiliza-se como sujeitos partícipes estudantes universitários de distintas classes sociais. O termo *jovens estudantes* se coaduna com a utilização consensual do termo *jovem* segundo

¹⁴ Texto com a conceituação na íntegra, disponível em:

<https://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/07_0400_M.pdf> acesso em: 11 de mar de 2023

¹⁵ Disponível na íntegra: <<https://tede2.espm.br/handle/tede/132>> Acesso em: 06 de mar de 2023

manuais de organizações, mas curiosamente pode sugerir, também, para outras interpretações, caso o trabalho não seja analisado em sua completude.

O trabalho de Simone Pedroza Sampaio, “*OS ADOLESCENTES NAS REDES SOCIAIS: RELAÇÕES DE USO E IDENTIFICAÇÃO NA RECEPÇÃO DE PRODUTOS MUDIÁTICOS NAS PLATAFORMAS DIGITAIS*”¹⁶, apresentado para a obtenção do título de mestre no Programa de Pós Graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero (FCL), também se utiliza da terminologia *adolescente* em seu título e trabalho, já em seu escopo empírico, trabalha com sujeitos matriculados do sétimo ao nono ano de um colégio da rede municipal de São Paulo, o que equivale considerar que, em sua maioria, são partícipes da pesquisa, adolescentes entre 12 e 14 anos; seguindo também a percepção jurídica da legislação brasileira no que se refere ao termo.

Já em trabalhos como os de Ilana Camurca Landim Tavares, “*A CONSTRUÇÃO DAS IMAGENS DE SI POR ADOLESCENTES EM REDES SOCIAIS*”¹⁷ apresentada na Universidade Federal do Ceará (UFC), no Programa de Pós Graduação em Comunicação, a autora vale-se de co-participantes com idades entre 14 e 17 anos, os mesmos utilizados no nosso trabalho de pesquisa. A dissertação foi realizada empiricamente em um colégio particular de Fortaleza, no Ceará, e pode frutiferamente também nos dar direcionamentos e acionamentos teóricos, já que busca compreender o que chama de “construção das imagens de si”, algo que podemos correlacionar com “performance” e/ou “autoapresentação”, tão importantes e sugestivas ao nosso trabalho.

Pesquisas como as de Andressa Fantoni, em dissertação apresentada no Programa de Pós Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), intitulada “*AUTORREPRESENTAÇÃO DE ADOLESCENTES PORTO-ALEGRENSES NO INSTAGRAM*”¹⁸, utilizam como referência sujeitos e sujeitas entre 15 e 18 anos para elaborar sua pesquisa; realizada com quatro sujeitos em colégios privados e públicos de Porto Alegre (RS). A pesquisa, como a anterior, também nos ajuda a compreender dinâmicas que envolvem tanto a parte empírica e o empreendimento com adolescentes, quanto em relação ao que chama de “autorrepresentação”, em especial porque

¹⁶ Disponível, na íntegra em:

<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?p_opup=true&id_trabalho=11755145> acesso em: 11 de mar de 2023

¹⁷ Disponível, na íntegra

em:<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?p_opup=true&id_trabalho=3123918> acesso em: 11 de mar de 2023

¹⁸ Disponível na íntegra em:

<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?p_opup=true&id_trabalho=5020545> acesso em: 11 de mar de 2023

seu trabalho também se dá no *Instagram* e porque debate algumas particularidades sobre “elaboração de imagens de si” na plataforma, apresentando um contexto material das possibilidades específicas possibilitadas por ela em seus usos e apropriações.

A tese de doutoramento de Marco Antônio de Oliveira Tessaroto, apresentada no Programa de Pós Graduação da casa onde este trabalho também é construído, o de Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), com o título de: “*Nas dinâmicas do Facebook: experimentações, usos e apropriações por jovens quilombolas do Matão*”¹⁹, utiliza-se da terminologia *jovens* para sinalizar conceitualmente participantes de pesquisa entre os 16 e os 24 anos. O pesquisador, reitera em seu texto, contudo, que há distintas fases de “amadurecimento” presentes na amostra dos sujeitos co-partícipes, mas ainda sim segue conceitualmente a estrutura apresentada por entidades como a OMS, ou a ONU.

Tabela 2: Estado da Arte envolvendo eixo empírico de pesquisa no repositório da CAPES

Título/Autoria	Tipo de produção	Instituição	Área/Ano
<u>MODOS DE APRESENTAÇÃO DE SI NO FACEBOOK</u> construção da identidade de jovens estudantes em um site de rede social digital - Marcos Roberto Hiller	Dissertação	Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM-SP)	COMUNICAÇÃO 2014
<u>OS ADOLESCENTES NAS REDES SOCIAIS: RELAÇÕES DE USO E IDENTIFICAÇÃO NA RECEPCÃO DE PRODUTOS MUDIÁTICOS NAS PLATAFORMAS DIGITAIS</u> ” - Simone Pedroza Sampaio	Dissertação	Faculdade Cásper Líbero (FCL)	COMUNICAÇÃO 2022
<u>A CONSTRUÇÃO DAS IMAGENS DE SI POR ADOLESCENTES EM REDES SOCIAIS</u> - Ilana Camurca Landim Tavares	Dissertação	Universidade Federal do Ceará (UFC)	COMUNICAÇÃO 2015

¹⁹ Disponível em:

<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=11007990> acesso em: 11 de mar de 2023

<u>AUTORREPRESENTAÇÃO DE ADOLESCENTES PORTO-ALEGRENSES NO INSTAGRAM</u> Andressa Fantoni	Dissertação	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)	COMUNICAÇÃO SOCIAL 2017
<u>“NAS DINÂMICAS DO FACEBOOK: EXPERIMENTAÇÕES, USOS E APROPRIAÇÕES POR JOVENS QUILOMBOLSAS DO MATÃO”</u> - Marco Antonio de Oliveira Tassaroto	Tese	Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)	CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO 2021

4. DOS CONTEXTOS AOS SUJEITOS: *LOCUS* E REALIDADE EMPÍRICA DE PESQUISA

*Eu acredito é na rapaziada, que segue em frente e segura
o rojão
Gonzaguinha*

4.1 Os sujeitos comunicantes em inter-relação com as mídias

Este trabalho, institucionalmente construído e elaborado em um Programa de Pós Graduação vinculado às Ciências da Comunicação, tem sua feitura realizada junto a atores sociais que contribuem plenamente para sua criação, elaboração e existência. Os **adolescentes** envolvidos na construção desta dissertação não são sujeitos passivos e que apenas nos fornecem informações pontuais. Refletimos sobre isso para além dos ditames teóricos críticos e das cantilenas acadêmicas porque em uma das incursões empíricas realizadas, uma das adolescentes, após a contextualização e explicitação das lógicas de produção da pesquisa bem como dos procedimentos científicos, nos questionou, de forma direta: “então quer dizer que a gente vai ser cobaia?”. A pergunta-questionamento pode passar despercebido aos menos atentos, mas guarda um fino arranjo em sua construção que é, além de tudo, política e epistêmica.

Ao contrário de *cobaias*, os adolescentes são fundamentais para que essa pesquisa exista porque se configuram enquanto **sujeitos comunicantes**; marcam direcionamentos, criam novas configurações de pensamento, estabelecem vínculos de afetividade que transcendem explicações facilitadas e nos ajudam a fugir dos determinismos positivistas que se afugentam em uma objetividade dissimulada. A partir e sob as vivências de nossos sujeitos co-partícipes, estruturamos, portanto, uma pesquisa que irá contribuir para os estudos do campo midiático e comunicacional - ainda que transcenda esta área do saber ao compreender a comunicação como uma ciência que necessita de diversidade e que flui, inclusive, a partir de suas próprias limitações epistêmicas.

Daí a importância de junto a Maldonado, e a partir de seus escritos sobre *receptividade midiática*, compreendermos que os partícipes de nosso trabalho, são: “sujeitos complexos de caráter histórico, social, cultural, político, ético, estético, técnico e psicológico” (MALDONADO, 2014, p. 37). Estes, portanto, devem ser percebidos a partir de uma abordagem participativa e com confluências que levem em consideração um entendimento aprofundado do tempo-espço onde estão localizados cultural, social e geograficamente.

Nem apenas privilegiar a individualidade e singularidade dos indivíduos partícipes de pesquisa, nem excluir as marcas estruturantes e condicionantes para a sua existência, incorremos ao pensamento de Barbero (2018) para compreender que não se pode opor sujeito e estrutura: “o sujeito é o autor não apenas no sentido explicitado por uma sociologia que o define por esse status, mas também por uma existência atuante definida pelo esforço e apropriação do existir” (BARBERO, p. 111, 2018).

Como já explicitado aqui, vivendo em uma *era informacional*, estamos continuamente interpelados por experiências em mídias; se as pesquisas de *recepção* no Brasil tiveram forte vinculação aos trabalhos sobre a forma de interpretar, (re)interpretar, sentir, pensar e construir-se a partir de artefatos midiáticos de massa como o rádio e TV, é interessante que na contemporaneidade possam situar, compreender e marcar particularidades na forma de compreender as pesquisas de *receptividade comunicativa* - que envolvem a compreensão de usos, apropriações, fazeres, compreensões e inter-relações com os artefatos midiáticos - a partir de uma perspectiva que consiga considerar e interpelar o debate também acerca da *plataformização* e das dinâmicas complexificadas que envolvem estes objetos e os sujeitos comunicantes nestes espaços.

Junto a Bonin (2016), vislumbramos entender como *apropriações midiáticas estelocus* privilegiado de análise e investigação, que não deve ignorar a enormidade de conhecimento pensado e construído a partir das pesquisas em recepção, nem desconsiderar como central o debate que envolve a midiatização social, compreendendo o ecossistema midiático como matricial para a construção e (re)laboração de identidades e modos de ser-estar-perceber o mundo (BONIN, 2016).

Ao compreender que sempre houve possibilidade de consumo aliada a produção de sentidos variados; desde os romances oitocentistas os quais debatemos no capítulo sobre intimidade, por exemplo, os sujeitos já construía narrativas pessoalizadas que envolviam e interconectavam às suas realidades práticas; nunca houve passividade; o que se viu nas últimas décadas foi profusão. A possibilidade de construir simbolicamente narrativas personalizadas imbuídas dentro de constructos plataformizados - que envolvem textualidades, dimensões imagéticas, de vídeo, reprodutibilidade contínua, possibilidade de comentários, marcações de humor momentâneo entre uma miríade de outras possibilidades - faz parte de uma concepção que acompanha o nascimento e posterior crescimento do que convencionamos aqui compreender enquanto plataforma, e do qual já debatemos anteriormente. Analisar as práticas comunicacionais dentro desses espaços é um grande desafio e marca temporalmente as pesquisas em ciências da comunicação produzidas neste tempo-espaço, em especial quando

e se vinculadas aos processos de criação, agenciamento, consumo e receptividade dos sujeitos e sujeitas em suas realidades práticas.

No entanto, é importante considerarmos como essenciais as compreensões de que as práticas sociais midiáticas (aqui em especial digitalmente) estejam sempre, em maior ou menor grau, vinculadas às estruturas e formações sociais onde os processos acontecem (MALDONADO, 2014). Daí a importância de considerar as perspectivas pessoais de vida dos sujeitos e partícipes de pesquisa, já que eles nos levam a perceber potencialidades e particularidades ricas. Esses cidadãos os quais fazem parte de nossa pesquisa experimentam, na contemporaneidade, fusão de dimensões de forma intensa e, muitas vezes, simultânea; possuem uma reflexividade basilar e, por isso, conjecturamos junto a Maldonado que “noções, conceitos, ideias, categorias, estratégias e projetos de pesquisa precisam considerar essas mudanças para dar conta da multiplicidade, da diversidade e da complexidade comunicativa atual” (MALDONADO, 2014, p.23).

Considerando como essencial a compreensão cultural em que o sujeito está circunscrito, elaboramos junto a Mattelart (1989) que é preciso construir um conhecimento aprofundado sobre os grupos e sujeitos os quais analisamos-investigamos. Se trata de compreender, como já afirmado no parágrafo anterior, que as vivências e experiências individuais também podem se configurar enquanto um panorama social, e que, as habilidades e competências do pesquisador, devem estar presentes no momento de compreender os momentos oportunos para tecer relações, realçar peculiaridades e estabelecer uma compreensão que explicita a vivência, realidade e percepção *comunicacional* como geradora de sentidos e de encaminhamentos para a construção temática, empírica e metodológica da pesquisa; assim evitamos incorrer em trabalhos pouco férteis do ponto de vista científico-cidadão, além de fugir do funcionalismo, do autoritarismo pedagógico e do tecnicismo superficial (MALDONADO, 2014).

As práticas instituídas a partir da forma como os adolescentes co-partícipes de pesquisa usam as plataformas - neste caso, o *Instagram* - ordenam, remodelam e instigam-nos a investigar as práticas sociais e também comunicacionais que estão engendradas nas configurações estabelecidas desde aqui, principalmente ao creditar junto a Lopes (2014) que todo processo de comunicação está articulado a tramas culturais e a *nós*; estes, contribuem para configurar o que a autora reivindica enquanto *sociedade da comunicação*: um espaço temporal em que devemos entender: “os processos comunicacionais enquanto operadores de sentido e o mercado como operador de valor que movem, através de suas contradições e ambivalências, os vínculos sociais entre os sujeitos” (LOPES, 2014, p. 70). A técnica aqui

não deve ser subentendida apenas como *aparato*, recusamos, portanto seu sentido única e exclusivamente instrumental para reivindicar um entendimento que a compreenda "incrustada na estrutura do conhecimento" e que deve ser compreendida a partir da "ordem dos saberes, da constituição de práticas produtoras de inovações discursivas, dos modos de percepção social" (2014, p. 74).

Daí relembramos a importância de compreender que toda apropriação midiática plataformizada deve ser pensada e refletida a partir e sob tensionamentos e acionamentos que devem considerar suas contradições, lacunas, interesses e conflitos (MATTELART e MATTELART, 1999) recorrendo a linearidade e historicidade do processo comunicacional e as dissimetrias fundantes das dinâmicas que envolvem as plataformas, incluindo sua pouca, nula ou inexistente regulamentação, por exemplo. Pensando junto a Bonin (2016), concluímos, então, que as plataformas de comunicação seriam materialidades midiáticas: "constituídas por lógicas e recursos distintos, materializados nas ferramentas digitais concretas, no desenho de funcionalidades, nos usos realizados por agentes e espaços institucionais, nos conteúdos propostos" (BONIN, 2016, p. 218) e que para investigar a apropriação feita pelos sujeitos e sujeitas não devemos esquecer e/ou afugentar o papel central desses âmbitos em nossas investigações,

4.2 A Vocação

O espaço escolhido para realizar a construção empírica de nossa pesquisa é a **Vocação**, uma organização não governamental (ONG) situada na zona sul da cidade de São Paulo, no distrito do Campo Limpo; um dos mais populosos da cidade, com pouco mais de 650 mil habitantes, é também um dos mais *favelizados*. No distrito figuram bairros reconhecidos nacionalmente e emblemáticos do ponto de vista cultural-midiático, como Paraisópolis, onde se situa uma das maiores favelas do país e também o Capão Redondo, célebre e reconhecido por ser berço do grupo de rap Racionais.

Criada em 1967, a *Vocação* ficou conhecida nacionalmente sob o nome de *Ação Comunitária do Brasil* (ACB). Em seus primórdios, a instituição buscava realizar um trabalho de formação de base que incluía dimensões educacionais-pedagógicas, centros de saúde, além de atuar como espaço formativo para líderes comunitários, na busca pelo fortalecimento de territórios. No ano de 2021, a partir de uma análise auditável no que se refere a dimensões de

atuação, a organização impactou mais de 35 mil vidas²⁰, o que envolve diretamente seus beneficiários, mas também suas famílias, por exemplo.

No Brasil, o terceiro setor ganhou adequação jurídica apenas aos finais dos anos 1990, com a Lei 9.790/1999²¹ conhecida como Lei do Terceiro Setor e que qualificava as entidades em questão perante o poder público, entendendo-as como Organizações da Sociedade Civil (OSC) ou Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP). O termo não-governamental, contudo, invariavelmente nasceu comungando desejos e vislumbres que se opunham a regimes ditatoriais e autocráticos como afirma Cardoso (1996); sendo as ONGs nos períodos entre 1960 e 1980, espaços de “participação cidadã”.

Ao vislumbrar a existência do termo *terceiro setor*, compreendemos também que existem outros dois setores: sendo o primeiro representado pelo Estado e o segundo a esfera privada, de interesses lucrativos e particulares. O terceiro setor é uma terminologia sociológica e designa organizações construídas em esfera privada, mas que buscam interesses públicos (CARDOSO, 1996; FALCONER, 1999)

Desde 2015, em seu processo de *rebranding*²², que envolveu a mudança do nome (de ACB para Vocação), a ONG tem direcionado seu processo de atuação para o que convencionase chamar de “inclusão produtiva”. Sua missão e propósito desde então, temsido preparar e qualificar adolescentes (faixa etária que faz parte e está envolvida na construção temático-empírica de nossa pesquisa) e jovens da periferia paulistana para sua inserção em postos de trabalho. Ao compreender que este público possui um *déficit* de formação técnica e socioemocional, a Vocação oportuniza que eles tenham mais acesso a vagas de trabalho, a partir de projetos e programas consolidados do ponto de vista educacionale pedagógico. Além disso, a ONG também segue com sua atuação vinculada à educação, atuando no contraturno escolar para crianças de seis a 14 anos, tanto em sua sede, no Campo Limpo, quanto em duas outras unidades, também localizadas na zona sul de São Paulo, no bairro do Grajaú e Cidade Ademar.

²⁰ Relatório Anual de Atividades do ano de 2021 com dados referentes a atuação e impacto da ONG Vocação: <<https://www.vocacao.org.br/wp-content/uploads/2022/07/Vocacao-Relat%C3%B3rio-de-atividades-2021.pdf>> acesso em: 06 de maio de 2023

²¹ Lei na íntegra disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19790.htm> acesso em: 06 de maio de 2023

²² Termo derivado do Marketing que indica um reposicionamento parcial ou total de marca



Imagem 1: Unidade da Vocação no Bairro Grajaú - Jardim Icarai



Imagem 2: Unidade da Vocação no Bairro Cidade Ademar - Distrito Cidade Júlia

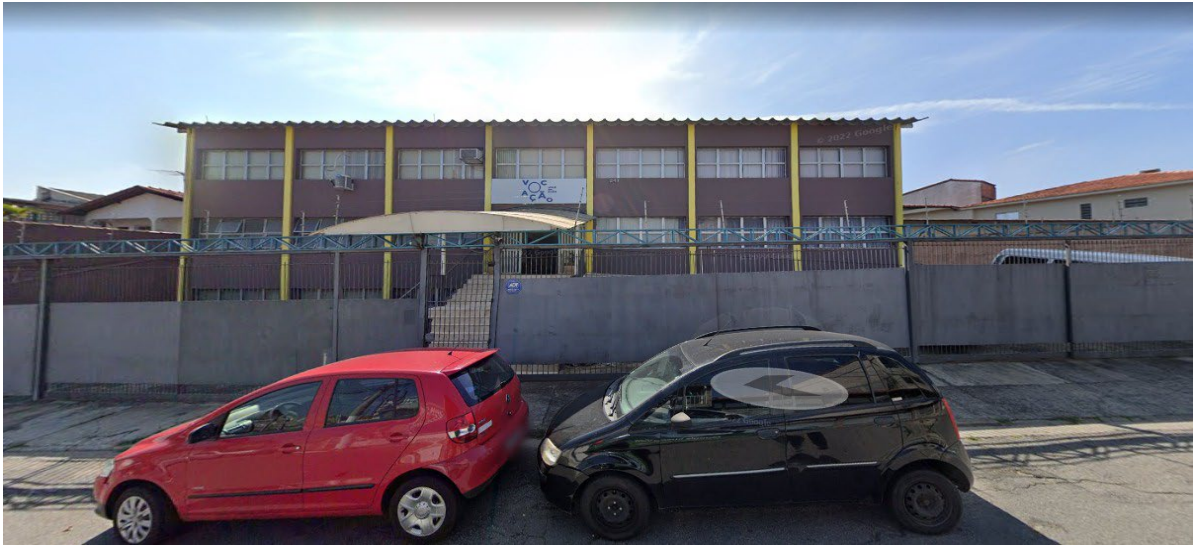


Imagem 3: Sede da Vocação no Bairro Campo Limpo - Jardim Leônidas Moreira

O processo de escolha para a realização empírica da pesquisa na ONG Vocação, também envolve dimensões particulares e pessoais, sendo um processo reflexivo e que prescinde de explicações contextuais. A Vocação é onde o pesquisador que vos escreve atuou como Analista de Comunicação entre os meses de agosto de 2022 a dezembro de 2023. As funções e atribuições envolveram, entre muitas frentes, atuar como elo comunicacional interno e externo da instituição. Todo o trabalho textual e que perpassa a construção de planejamento estratégico de redes sociais, frentes de negócio, produções externas, de *marketing*, escrita de relatórios gerais, auxílio à equipe pedagógica para escrita de editais, além da interface e relacionamento com a imprensa estiveram envolvidas no trabalho do pesquisador, que vislumbrou neste espaço um potente *locus* para o acompanhamento, artesanato e realização desta pesquisa.

Há, portanto aqui uma motivação que também envolve uma escolha de ordem prática que se inter-relaciona com aspectos e circunstâncias causais e convenientes: a escolha por uma ambiência que se coaduna com a atuação profissional cotidiana do pesquisador (principalmente ao compreender que a atuação acadêmica e as responsabilidades envoltas neste trabalho também devem ser consideradas como profissionais), mostra-se frutífera e potente porque também consegue estabelecer nexos de contexto, dando insumos teórico-práticos que importam de maneira complementar: prática profissional e prática de pesquisa caminhando juntas.

Isso, no entanto, não nos exime de considerar as dificuldades que o fato envolve; embora dois ofícios que se entrelaçam à comunicação, são formatos e modos distintos de

atuação. Enquanto o trabalho acadêmico-científico nos exige maior reflexividade e um tempo hábil para acontecer, o trabalho prático em uma equipe de marketing de uma instituição do terceiro setor não se difere do *modus operandi* de uma agência de marketing corporativo; com entregas e demandas contínuas e que exigem tomadas de decisão de modo rápido e funcional. Despir-se do olhar crítico e autorreflexivo que envolve a produção de uma dissertação concomitantemente a abrir-se ao mundo prático das lógicas produtivas do marketing exige resiliência. Mas e o encontro na prática com os adolescentes partícipes desta pesquisa, que, lembramos: estão lá por outras motivações que não as de participar ativamente de uma pesquisa? É o tema do próximo tópico de nosso trabalho

4.2.1 O Programa Preparação para o Trabalho (PPT) e a Pesquisa Empírica e Exploratória com adolescentes

O Programa Preparação para o Trabalho (PPT), faz parte de uma frente de atuação chamada “*socioemocional*” dentro do escopo de trabalho da Vocação. A ideia é que o projeto seja uma transição entre a escola e as dinâmicas educacionais e o mundo do trabalho, realizando um “planejamento assistido” que direciona e possibilita que jovens entre 14 e 17 anos possam reconhecer suas habilidades, competências e seus direcionamentos vocacionais para áreas que tenham mais afinidade; estas, desenvolvidas, percebidas e analisadas dentro deste contexto de projeto que abarca todo o período de contraturno escolar. No caso dos sujeitos participantes desta pesquisa, de segunda às sextas-feiras entre às 13h e 17h. Paratentar materializar a atuação do programa, segue o exposto e exemplificado sobre o PPT no Relatório Anual de Atividades de 2022, disponível no site oficial da Vocação²³:

Ao fazer a transição da escola para o mundo do trabalho, o **Programa Preparação para o Trabalho (PPT)** proporciona que os adolescentes, reconheçam, de maneira autônoma, suas habilidades e competências técnicas e práticas, além de incentivá-los a compreender seu lugar como cidadão no mundo a partir de um trabalho psicossocial. O Programa Preparação para o Trabalho, envolve uma atuação pedagógica que se alinha às necessidades práticas de um mercado de trabalho exigente. Além de construir uma trilha de aprendizagem cidadã, com assuntos e temáticas atuais e imprescindíveis para as vivências dos beneficiários, o programa também possibilita que os jovens estejam prontos de forma técnica: proporcionando habilidades instrumentais como o acesso à rede de internet, aos aplicativos e às bases introdutórias de programas de informática. No transcorrer do programa, os

²³ Site oficial disponível em: <<https://www.vocacao.org.br/>>

jovens produzem um “Projeto de Vida”, baseado no aprendizado que tiveram durante os meses com educadores, direcionando suas trajetórias profissionais para funções e ofícios que tenham mais afinidade com seus perfis. (VOCAÇÃO, 2023)

Um ponto significativo deste processo é que o PPT faz parte de uma trilha desenvolvida pela equipe pedagógica da Vocação, que começa no programa chamado “CrêSer” e culmina em outro, intitulado “*Mentoria Voluntária*”, os adolescentes podem ou não participar de toda a trilha formativa, sendo o PPT o programa que solidifica uma etapa considerada fundamental do ponto de vista psíquico-pedagógico. O programa PPT acontece duas vezes por ano em cada uma das duas unidades e também na sede da Vocação, local onde se deu a **pesquisa exploratória** e as incursões teóricas percorridas na sequência deste trabalho

Compreendendo os adolescentes do Programa Preparação para o Trabalho como **sujeitos partícipes** de pesquisa deste trabalho, as aproximações e vinculações entre o pesquisador e o campo empírico de pesquisa, se iniciaram ainda no mês de fevereiro de 2023, onde as primeiras conversas com a equipe pedagógica aconteceram; aqui, representadas pela gerente pedagógica da Vocação, Paulina Christov²⁴ e a Coordenadora Pedagógica da organização e responsável pelo programa em questão, Simone Marina²⁵. Ao explicar o processo, delineamento, tematização, realização e objetivos desta pesquisa, buscou-se juntamente com a equipe, elaborar formas de que a turma que ingressaria em 2023/1 pudesse fazer suas contribuições com a pesquisa.

A partir de algumas conversas, incluiu-se também ao debate as orientadoras pedagógicas e instrutoras de aprendizagem que atuam nas dinâmicas do dia a dia dos adolescentes em questão, representadas aqui por Marcela Lopes²⁶ e Mislene Almeida²⁷. As incursões empíricas aconteceram em **dois momentos distintos**, em primeiro momento com a turma do primeiro semestre do programa, sendo realizadas nos dias 27/04, 29/05 e 07/07 e permitiram que o autor se apresentasse aos 42 jovens participantes do projeto que realizam-nos períodos matutino (oito jovens) e vespertino (34 jovens). No segundo semestre, encontros com as mesmas dinâmicas e temáticas aconteceram nos dias 30/08, 13/09 e 20/09 em uma única turma de 30 adolescentes.

Em ambas as ocasiões, marcadas por três encontros de pesquisa, apresentamos uma proposta similar. No primeiro deles, durante a apresentação (do pesquisador e da pesquisa),

²⁴ Perfil da Gerente Pedagógica no Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8506252655776693>

²⁵ Perfil da Coordenadora no LinkedIn: <https://www.linkedin.com/in/simone-marina-2899b093/>

²⁶ Perfil da Orientadora Pedagógica no LinkedIn: <https://www.linkedin.com/in/marcela-lopes-568797225/>

²⁷ Perfil da Orientadora Pedagógica no LinkedIn: <https://www.linkedin.com/in/mislenealmeida28/>

pedíamos que os adolescentes também se apresentassem com nome, idade, como chegaram até a Vocação²⁸ e quais desejos e anseios profissionais. Depois disso, debatíamos sobre as possibilidades para depois do PPT - o que envolve a apresentação das diferenciações entre cursos técnicos e superior, bem como das principais distinções entre institutos técnicos, faculdades e universidades. Daí para a apresentação da pesquisa, dúvidas, questionamentos e diálogos frutíferos surgiam.

Durante a apresentação da pesquisa, apresentamos nossa proposta, o que invariavelmente trouxe curiosidade explícita nos olhares dos/as adolescentes. A pergunta inicial sobre quem usava o *Instagram* incitava os momentos de maior atenção dos adolescentes. Seguindo o percurso, apresentávamos um questionário²⁹ responsável por nos indicar direcionamentos frutuosos para as etapas subsequentes da pesquisa.

O segundo encontro rememorava as perguntas realizadas via questionário e sugeria para que pudéssemos conversar e debater sobre cada ponto das questões; esse momento nos dava subsídio para compreender as percepções de modo mais profundo e, ao mesmo tempo, perceber quais sujeitos/as teriam mais facilidade em desenvolver as questões abordadas nas propostas de pesquisa subsequente, com critérios que abarcariam diversidade (em todas as suas formas e possibilidades), mas também comunicabilidade e mesmo conveniência *de e para* a pesquisa.

Nos terceiros e últimos encontros, expuséramos os achados de pesquisa a partir das respostas dos/as sujeitos/as, questionando-os sobre se os resultados (em relação ao questionário) iam ao encontro com o que eles pensavam e supunham. Este momento fazia com que opiniões divergentes ficassem mais evidentes e que os/as sujeitos/as pudessem discorrer com mais acuidade sobre suas próprias motivações em consonância com suas respostas e vivências, mas, ao mesmo tempo, com respostas e usos distintos dos que comumente realiza.

Não raro, alguns usos e apropriações se modificaram do primeiro ao último encontro³⁰ - o que envolve compreender, a partir das experiências empíricas e das falas dos/as sujeitos, que as respostas obtidas via questionário se transformaram - direcionando-nos para leituras que compreendem as processualidades da pesquisa qualitativa enquanto uma realidade vivida-partilhada, e a partir de “problemas da vida prática”, segundo Minayo (2009): “a pesquisa qualitativa responde a questões referentes a um conjunto de fenômenos humanos

²⁸ Isso também contribuía para compreender as comunicações realizadas pela nossa equipe na busca por angariar adolescentes para participarem do programa; o que na maioria das vezes, no entanto, acontecia no “boca a boca”

²⁹ ver item 6.1.1

³⁰ ver discussão empírica

entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações” (MINAYO, 2009, p.17). Neste caso, os *problemas* de ordem prática envolvem as formas de se autoapresentar nas plataformas e sobre as percepções dos/as sujeitos/as sobre o temário a partir da intimidade, privacidade e visibilidade como já reiteramos outras vezes neste trabalho. As autoapresentações do começo da pesquisa exploratória, não serão as mesmas ao final do nosso percurso de pesquisa.

Aqui faz-se necessário estabelecer as potencialidades que a **pesquisa exploratória** nos proporciona no processo de desenvolvimento do nosso trabalho. Estar próximo da realidade do fenômeno a ser investigado nos direciona para confrontações entre teoria e práxis que nos são frutuosas para os passos seguintes da pesquisa. Não só porque nos permitem estabelecer nexos, relações, atestar-refletir sobre aquilo que foi sugerido pelas leituras, mas porquetambém permite modificar rotas e remodelar pensamentos prévios, construir e elaborar novas hipóteses e visualizar a reflexão como base contínua para uma pesquisa crítica e que busca tecer bases midiático-comunicacionais, em especial abarcando um debate que adentra as tecnologias digitais inseridas em plataformas de rede social, como é o nosso caso. Pensamos aqui, compartilhando do ponto de vista de Bonin que a pesquisa exploratória possibilita aos pesquisadores: “suscitar o aprofundamento de conceitos para dar conta de aspectos que se revelam importantes em sua configuração e exigir o alargamento de perspectivas com as quais estamos operando” (BONIN, 2013, p. 8).

Configura-se, portanto, como uma etapa de avaliação sistemática de investigação que permite e possibilita a inter-relação entre teoria e empiria, afinal como nos explica Cassirer: “sem nexos entre o concreto e o abstrato o conceito se torna uma ilusão perigosa (CASSIRER, 1993, 7-8). A pesquisa exploratória consegue portanto, reunir potencialidades que podem direcionar enfaticamente a realização e feitura de uma proposta científica, afinal, nos dá direcionamentos para passos posteriores além de ideações sobre como nossos objetos vão (e podem) se expressar das maneiras mais diversas possíveis, redobrando nossa atenção para evitar estabelecer e/ou criar condições fixas e imutáveis para a nossa análise. Seria a pesquisa exploratória, portanto, uma tentativa de evitar o “*descanso no estereótipo*” como nos exprime Bosi (2003) e que deve continuar no decorrer de toda a pesquisa. A incursãoempírica junto aos sujeitos/as de pesquisa, pode contribuir para quebrar uma percepção inicialfalsa construída e introjetada em nosso modo de *ser-estar* que, também e invariavelmente afeta-nos na forma de investigar-pesquisar, afinal: “como nos salvar dos preconceitos penetrantes que governam nosso processo de percepção? onde começam nossas ideias sobre

as coisas? Por que aceitamos?” (BOSI, 2003, p.117) essas parecem boas perguntas para começarem a ser respondidas a partir de uma rica pesquisa exploratória, empírica e reflexiva.

A comunicação, como campo mestiço de pesquisa, necessita de um forte tensionamento concreto na feitura e construção de suas problemáticas de pesquisa e isso se dá a partir (entre outros fatores) da dinâmica percebida nos/dos objetos e/ou sujeitos os quais pretende-se investigar. Segundo Bonin: “As ações de pesquisa exploratória implicam investir em planejamento, construção e realização de sucessivas aproximações ao concreto empírico, a partir de várias angulações possíveis” (BONIN, 2008, p. 125). A complexidade e mutabilidade próprias de tensionamentos comunicacionais e midiáticos nos impulsionam a criar e (re)criar continuamente processos a se realizar em pesquisas exploratórias. Além disso, também oportunizam intuir sobre possíveis procedimentos e operacionalizações a serem parte constitutiva dos arranjos, constructos e feituas metodológicas exigidas a posteriori pelos objetos empíricos. Acreditamos também que a pesquisa exploratória pode evitar a “*ilusão*” de se olhar para os objetos a partir de nossas sensações, como nos explica Maldonado (2022); é fato que treinamos nosso olhar de formas viciosas e que a partir das leituras teóricas e abstrações construídas, tendemos a vislumbrar modos de fazer-elaborar que se interpelam de maneira efusiva nas etapas subsequentes da pesquisa. Em se tratando de investigações com sujeitos e que envolvem apropriações midiáticas e análises a partir de observações comunicativo-conversacionais (e, portanto, também comportamentais), isso pode ser ainda mais forte. No entanto, a exploração pode servir como baliza porque: “aguça a percepção de dimensões dos objetos naturalizadas ao olhar – pela possibilidade de distanciamento/estranhamento que potencializam” (BONIN, 2008, p. 125).

5. DOS CONCEITOS OPERATIVOS E DOS ATRAVESSAMENTOS TEÓRICOS

5.1 Da identidade: profusão terminológica e co-relações com a comunicação e os estudos de mídia

Identidade é um rio – um processo. Contida dentro do rio está sua identidade, e ela precisa fluir, mudar para continuar um rio – se parasse seria um corpo de água contido, como um lago ou um tanque. As mudanças no rio são externas (mudanças no ambiente – leito do rio, clima, vida animal) e internas (dentro das águas). O conteúdo de um rio flui por entre suas margens. Mudanças na identidade, da mesma forma, são externas (como outras/os percebem alguém e como alguém percebe outras/os e o mundo) e internas (como alguém percebe asi mesma/o, autoimagem)

Gloria Anzaldúa

O que é identidade? Um conceito tão polivalente quanto esse não seria contemplado por completo nem que quiséssemos. Há uma miríade de autores e autoras que já debateram sobre o tema e que o entrelaçaram-no às suas pesquisas. A pergunta “*quem é você?*” embora curta, traz consigo uma dificuldade em seu cerne; já pensou em como responder isso? Ela pode nos convidar a desfilar pelas representações feitas por nós sobre nós mesmos, nos faz pensar e articular sobre nossos gostos, desejos e vontades, pega-nos desprevenidos, também. Afinal, quem somos? Quando a filosofia despontou no século VI a.C - em referência a história cronológica ocidental - já haviam indícios que os indivíduos buscavam compreender questões como essa que apresentamos, a partir de embasamentos, abstrações e do uso de sistemas operativos que depois sustentaram muito do que a ciência se tornou. Mas responder *quem somos* não é uma tarefa pura e simplesmente objetiva ou que pode ser resolvida de forma conclusiva.

O termo identidade deriva-se etimologicamente do latim *identitas*, que significa “mesma coisa”, e no dicionário *Michaelis* de Português tem três significações principais: “Estado de semelhança absoluta e completa entre dois elementos com as mesmas características principais”, mas também “Série de características próprias de uma pessoa ou coisa por meio das quais podemos distingui-las” e ainda: “Aquilo que contribui para que uma coisa seja sempre a mesma ou da mesma natureza”.

Os significados abarcados pelo dicionário nos dão pistas importantes para começarmos nossa conversa; mas o que nos importa aqui de fato é o **conceito** de identidade, e não suas significações. Você deve estar se perguntando: de qual conceito? E

com toda razão, afinal, há conceituações de identidade por várias disciplinas das ciências humanas e sociais. Talvez a concepção de identidade para a antropologia e para sociologia não seja a mesma para a psicologia, que deve-se diferir ao ser analisada sob o olhar filosófico e que distingue-se quando pensada sob o leque jurídico, linguístico ou mesmo biológico.

Sendo assim, partimos de uma perspectiva que assume a infinidade conceitual que o termo pode abarcar: da construção íntima do *self* dos sujeitos e sujeitas, às vinculações da terminologia aos debates sobre gêneros e sexualidades, até as discussões que atravessam delimitações sobre a cidadania e a cultura, há uma vasta cadeia teórica que pode fundamentar o que entendemos por identidade.

Reformulando a pergunta ainda no início deste excerto: “*Quem é você?*”, caberia compreender e conceber de maneira prática e despreocupada que somos complexos e fragmentados e que de fato torna-se impossível responder esta pergunta a partir de um único ponto de vista ou aspecto. Quem sabe ao compreender a maleabilidade do que a terminologia representa, poderíamos entrelaçar-lá também as vivências cotidianas que atravessam-nos na prática. Se definir identidade em termos teóricos nos parece deveras complexo, acioná-la na cotidianidade de nossas existências também não nos parece menos dificultoso. O que é, afinal, identidade?

Para Manuel Castells (2018) há diferenças consideráveis nas formas de compreensão do que chamamos de identidade e de papéis sociais. Acionando sua inclinação sociológica o autor expõe no decorrer de seus trabalhos que a identidade é um “atributo cultural” e que dever e estar sempre inter-relacionada a variadas dimensões do existir dos sujeitos e sujeitas. Identidades, para o autor, se constituem a partir de “fontes de significado” e estas por sua vez emergem a partir de identificações simbólicas que acontecem desde que nos estabelecemos enquanto sujeitos no mundo; antes ainda portanto, *de, quando e se* tomamos proporção das dimensões cidadãs que nos balizam.

Enquanto as identidades estão sempre situadas historicamente e se estruturam a partir das particularidades disponíveis nos determinados tempos em questão, os papéis se situam enquanto funções previamente estabelecidas, como por exemplo, este que vos escreve enquanto pesquisador das ciências da comunicação, ou você que me lê, a partir de seu ofício laboral, de suas vinculações afetivas, de gosto, de suas preferências esportivas ou da doutrina religiosa que segue (ou não). Talvez fosse interessante situar aqui, de forma bastante simplista mas também instrutiva, que enquanto as identidades são construídas de fora para dentro, os

papéis fazem o caminho oposto. Para o autor, é nas igualdades e identificações onde se constroem aspectos identitários. Identidades organizam significações; papéis, funções.

É nesta seara e a partir de uma análise de fôlego em sua obra intitulada “O poder da identidade” que o autor sinaliza para três tipos dela e analisa suas construções, sendo: **a) identidade legitimadora**, vinculada aos ideais dominantes de um povo, cultura, doutrina ou nação; **b) identidade de resistência**, àquelas que são estigmatizadas perante ou em comparação ao primeiro grupo apresentado e, na maior parte das vezes, desvalorizadas, subtraídas e apequenadas e **c) identidade de projeto**, vinculadas a uma nova construção e experiência de mundo e que vislumbra criar um novo posicionamento de vida-trajetória a partir de lutas que desembocariam em uma transformação societária, o que seria o caso do movimento feminista, por exemplo. O autor relembra que identidades de resistência podem vir a se tornar identidades de projeto e que estas, por sua vez, também podem se configurar identidades legitimadoras.

Toda essa reflexão teórica nos ajuda a situar a visão do autor de que as identidades neste tempo-espço (do qual já afirmamos considerar informacional) são vastas e que devem estar situadas historicamente. Ao dialogar com Giddens (2002), o autor concorda que a ideia de “planejamento de vida” na contemporaneidade é impossível, mas já consegue atualizar contextos teóricos apresentados pelo autor inglês quando este debate a identidade sob a luz da modernidade; conceito o qual acionaremos na sequência deste tópico.

Para Castells (2010), os processos derivados da globalização e da atualização constante do sistema material vigente, que supervaloriza a informação enquanto mecanismo e dispositivo de poder como ponto crucial das vivências da contemporaneidade, provoca disjunções entre o global e local, criando o neologismo *glocal*. Para ele, as identidades legitimadoras estão ruindo e se desfazendo estruturalmente, mas também aponta que as identidades de projeto estão construindo novos contornos em relação ao que ele havia imaginado quanto estruturou-a conceitualmente.

Talvez o leitor deva estar se perguntando sobre o que todo esse preâmbulo tem propriamente a ver com a pergunta instaurada logo no início deste capítulo. Muita coisa, visto que para compreender em totalidade o que buscamos amarrar conceitualmente enquanto identidade em nosso trabalho, é necessário também assegurar que não estejamos capturando conceitos e os inserindo de modo aleatório dentro do escopo teórico desta proposta. A reflexividade estruturante das identidades na modernidade tardia também precisa estar disposta nas construções científicas. Aproveitamos, então, para nos apropriar

do que pensa Giddens em relação aos constructos identitários em sua obra.

O autor britânico vincula a terminologia identidade às “novas formas” de entender o mundo a partir do que vem a considerar modernidade e sugere que este momento histórico - que expõe rupturas com processos dos quais a sociedade estava acostumada e que, segundo o autor, se inicia no pós feudalismo mas vai de fato impactar nas construções subjetivas e nas dimensões de sociedade aos finais do século XX, sempre vinculada ao acompanhamento do processo produtivo e do sistema material vigente - nos faz viver o que o autor chama de “projeto reflexivo do eu” - aqui, de fato, muito mais aplicado a um pensamento desde à psicologia. Nos parece ser interessante citar o título aqui por que resume pontos específicos que gostaríamos de esmiuçar e que nos ajudam a adentrar no campo e escopo teórico-conceitual que nos interessa mais neste trabalho.

Diferente da construção de si do período histórico que a precedeu, a modernidade permite construir novos mecanismos de auto-identidade, e faz com que os indivíduos estejam conscientemente refletindo sobre as possibilidades abarcadas por um tempo-espaço que gera “perigos e oportunidades”, como bem cita o autor. Se antes os sujeitos e sujeitas viam-se apegados a dinâmicas identitárias que, muitas vezes predestinava-os desde ou até anteriormente ao nascimento a seguir cartilhas sobre suas próprias escolhas de vida, durante a modernidade os indivíduos podem e são incentivados a se perguntarem a todo momento sobre “*como devo viver*”, ou, para rememorar-nos nossa pergunta fundante: “*quem sou?*”

Para o autor há três pontos importantes que nos são essenciais para entender as discontinuidades entre esses períodos e eles nos ajudam, por consequência, a entender as modulações identitárias, sendo: a) **separação tempo-espaço** b) **desencaixe** e c) **reflexividade institucional**. Se a dilatação da espacialidade articula relações sociais e, portanto, comunicacionais, permitindo que a comunicação não esteja mais efetivamente condicionada a presença física como também explicita Castells (2018) ao exemplificar a sociedade em rede, o desencaixe diz respeito aos novos formatos de experienciar dinâmicas da vida cotidiana. Embora não tenha citado nominalmente as flutuações relacionadas ao dinamismo das bolsas de valores pelo mundo afora, nos parece interessante avaliar que o autor sugere justamente sobre a maleabilidade e a especulação como ponto crucial no que chama de desencaixe, e portanto utilizamos-na como exemplo concreto aqui.

Giddens lança mão de dois conceitos centrais para estabelecer correlações temáticas sobre isso, sendo elas: “fichas simbólicas” e “sistemas peritos”. A profusão de aparatos técnicos e por consequência midiáticos (os que nos importam mais aqui), parece escancarar uma realidade em que nada mais é fixo e estável e que tudo ou ao menos quase tudo pode

se modelar e modificar de maneira flexível; desfaz-se o planejamento e minimiza-se o trabalho artesanal; assim, aumenta-se a fluidez dos fluxos profissionais, afetivos, subjetivos, intelectuais, o que se coaduna com que o autor chama de reflexividade, termo que parece captar de forma potente todos os processos derivativos do que o autor chama de modernidade - e que hoje pode ser renomeado por termos distintos como pós-modernidade, modernidade tardia ou ainda, alta modernidade, a depender de quais filiações teórico-conceituais nos dispomos a usufruir.

A reflexividade diz respeito às variadas possibilidades nas quais estão inseridos os sujeitos e sujeitas, que por mais reflexivos, também se veem aportados a mais dúvidas sobre situacionalidades triviais, como por exemplo: a própria construção de si enquanto indivíduo. Diante da possibilidade de estar sempre aberto à revisão, onde tudo o parece incerto e inconcluso, o sujeito torna-se mais vigilante em relação a sua própria construção identitária, o que refletiria em compreender que a identidade, elaborada de forma discursiva, não se constrói de modo aleatório, mas sim co-relacional e processual a partir e pelo outro. Neste processo, “cada um de nós não apenas tem, mas vive uma biografia reflexivamente organizada em termos de fluxo de informações sociais e psicológicas sobre possíveis modos de vida” (GIDDENS, 1991, p.20), o que não parecia ser explicitamente possível perante as vivências historicizadas e relatadas em períodos anteriores.

Junto a Giddens, portanto, nos parece assentado inferir que neste trabalho convencionamos perceber e pensar a identidade a partir da forma como nos entendemos, nos articulamos socialmente, nos apresentamos ao mundo e uns aos outros e, portanto também em como nos autoapresentamos nas plataformas de redes sociais, dimensões das quais autores citados aqui ainda não dimensionaram, ao menos não da forma como estas adentraram nas realidades cotidianas dos sujeitos.

Pensando nisso, vamos buscar em Hall (1992), uma ideia-argumento propositivo sobre identidade que nos contemple, ao menos introdutoriamente. Para o autor caribenho, o conceito de identidade é “demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea para ser definitivamente posto à prova” (HALL, 1992, p.8). Disso bem sabemos e já exemplificamos aqui. No entanto, acreditamos que o autor nos dá subsídios para começar a articular a conceituação com nosso trabalho.

Para Hall, que investiga o que cientistas sociais chamam de “crise de identidade”, há um longo percurso histórico que justifica a descentralização e fragmentação dos sujeitos e das construções narrativas e biográficas que fazemos de si mesmos neste tempo em que vivenciamos. Diferente de Giddens - que por escolha e afiliação teórica - considera a cultura e

as dimensões históricas modificadoras das construções identitárias (embora preferia olhar de maneira introjetada e particular para as concepções das quais empreende tematicamente), Hall evoca que a modernidade tardia é claramente um espaço que modifica as concepções que fazemos de nós mesmos, mas que as conjunturas culturais são essenciais para apreendê-las no campo científico.

Para isso, ancorado em diversos autores e construindo uma narrativa cronológica que, reitera, é simplista por efeito pedagógico, Hall nos apresenta três concepções de sujeitos que nos ajudam a compreender as dimensões temporais atravessando as construções de identidade, sendo elas. a) **sujeito do iluminismo**; b) **sujeito sociológico** e c) **sujeito pós-moderno**.

O primeiro deles é caracterizado por ser um sujeito centrado, dotado da razão. Apresenta estabilidade no constructo que tem de si e está diretamente atrelado ao tempo em que emerge. O *eu* para o sujeito iluminista é central, essencialista e contínuo. O sujeito sociológico, contudo, não é mais focalizado na construção de si para si, mas sim em um aspecto relacional com o *outro* em uma dimensão interativa que pode bem ser representada pelo pensamento dos interacionistas simbólicos; aqui, o sujeito está se modificando sempre e não é mais auto-suficiente.

Já no sujeito pós-moderno a coerência não existe; há uma mobilidade interminável. Há descontinuidades, rupturas e fragmentações. Há aqui uma significação relacional com o que pensa Giddens (2002; 2010), mas Hall vai além porque relembra e afirma que a “identidade plenamente unificada é uma fantasia” (HALL, 1992, p. 13) e discorre na sequência de seu argumento traçando paralelos que vão além das narrativas psíquicas e fenomenológicas que acompanham prioritariamente o que explicita Giddens, como já relatado. Para Hall, eventos como migrações, dimensões culturais e populares, processos políticos e econômicos e a globalização, (re)configurariam fortemente todo esse processo de compreensão identitária. É curioso, no entanto, vislumbrar que para ambos os autores a noção de tradição aqui é um aspecto chave.

Longe no entanto, de considerar que aspectos de tradição e de emulação a determinados comportamentos culturais vivenciados estão desfeitos e acabados, compreendemos que: “problemas relativos à identidade geralmente vêm à tona em momentos de crise, quando as certezas a respeito de quem se é são questionadas ou alteradas” (SÁ MARTINO, 2010, p. 39), e notamos isso, fortemente durante os últimos anos, em especial após-2016, com eleição de líderes políticos autoritários e conservadores ao redor do globo. A

ideia de identidade está imbricada em discursos de líderes de extrema direita como é o caso emblemático da eleição de Donald Trump, nos Estados Unidos, e de Jair Bolsonaro, no Brasil.

Quem é você? Quem somos? está aí um debate que nos parece interminável.

5.1.1 Construções identitárias na hodiernidade: o *eu* digital e a autoapresentação plataformizada

Levando em conta o arcabouço teórico explicitado no capítulo anterior, debateremos agora sobre as dinâmicas de construção identitária em nosso tempo-espaço, optando por chamá-lo de contemporaneidade ou hodiernidade. Já debatemos e explicamos que as disjunções e fissuras temporais vivenciadas durante o século XX, modificaram a forma de compreender a identidade, bem como nossas construções de si mesmos; as dimensões comunicativas estão imbuídas nesta conjuntura, já que os artefatos midiáticos modulam também as formas de ser-estar no mundo e participam conjuntamente da dinâmica e do senso de construção de nossas identidades.

Acreditamos contudo, que antecedendo à discussão teórica a ser realizada aqui, é importante também discorrer sobre a ideia de tempo e, por isso consideramos enunciar que há possibilidades várias de vivenciar um mesmo período histórico; a contemporaneidade a que tratamos aqui diz respeito à forma e o tipo de organizar a história cronológica a partir e segundo as temporalidades ocidentais e, em especial, a dimensão eurocêntrica que instalou e apregou seu fazeres nas sociedades colonizadas - esta, no entanto, não é a única maneira de vislumbrar o tempo presente - e por isso explicitamos com cuidado terminológico que a compreensão da ideia de presente também deve ser contemplada sob um prisma que prescindede conceituação e demonstração enunciativa.

Citamos de forma introdutória no capítulo anterior que mesmo debatendo de forma contundente sobre as novas formas de criação e percepção identitária, autores como Stuart Hall e Anthony Giddens não estavam dialogando a partir de uma realidade prática a qual nos dispomos aqui: o atravessamento com as particularidades que as *plataformas de redes sociais* detém. Entendemos enquanto plataformas: “infraestruturas digitais (re)programáveis que facilitam e modulam interações personalizadas entre usuários finais e complementares e complementadores” (POELL; NIEBORG; VAN DIJCK, 2020, p.4). Não nos cabe aqui compreender de forma abrangente toda a vasta construção teórica que alguns autores têm se debruçado para investigar e sinalizar teoricamente desde a comunicação sobre a tematização das plataformas (debateremos este ponto no tópico posterior de nosso trabalho), mas sim, perceber que as práticas culturais estão interpeladas por debates que também são

maquínico-algorítmicos; daí, considerar as dimensões infraestruturais das plataformas de rede social a partir de debates dos quais consideramos sociotécnicos. As construções de identidade aqui não podem ser pensadas sem que haja compreensão mútua de que não há só o envolvimento ativo dos sujeitos que constroem o perfil, mas também de afetos não-humanos.

Ao levar em conta que não podemos contar com a fisicalidade dos corpos nesses espaços, inferimos, portanto, que os perfis dos sujeitos e sujeitas nas redes sociais representam quem somos, marcando nossos gostos e nossa personalidade: são constructos editáveis de nossa *identidade*. Antes de iniciar esse debate que envolve a acepção do termo à digitalização dos processos, onde emprestamos escritos de boyd (2003; 2020), consideramos lembrar que Hall já relatava em seus estudos que: “se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos” (HALL, 2006, p.3). Na internet, ao que nos parece, essa postulação ganha ainda mais força e respaldo, em especial, quando percebemos e notamos que não é possível - nem nos parece satisfatório - que dissociemos nossas vivências físico-presenciais das virtualizadas; soa-nos bem resolvido e esclarecido conceitualmente que a “vida virtual” não é menos *real* que a existência cotidiana corporificada. A construção de uma identidade virtual, entrelaçada aos perfis nas plataformas, não é menos verídica - eles dão vazão ao que somos e o que gostaríamos de ser, são representantes do que construímos em nossas vivências (embora os sujeitos possam estruturar seus perfis da forma como quiserem, inclusive, ocultando, mentindo e omitindo coisas, situações, peculiaridades, etc). Tudo isso envolve um jogo dinâmico que passa pelas materialidades e suas possibilidades, mas também por *gambiarras* sociotécnicas construídas e imaginadas pelos próprios sujeitos e sujeitas.

Consideramos interessante pensar que: “a [possibilidade de] construção do “eu” digital é uma das principais alterações no cotidiano feitas pela internet, afinal: “no espaço virtual, qualquer ser humano é livre para reinventar-se a si próprio conforme seu gosto” (SÁ MARTINO, 2007, p. 179), isso porque detém funcionalidades e aplicações para tal: um perfil em uma plataforma compreende uma miríade de possibilidades em relação às dinâmicas de autoapresentação: da escolha de uma foto a uma frase que possa te definir, tudo perpassa por relações de escolha e por entrelaçamentos da estrutura de uma plataforma em questão. Há reflexividade fundante - como também acontece na fisicalidade e corporeidade.

Convencionamos chamar de *autoapresentação*, portanto, importando a conceituação de autores do interacionismo simbólico, o processo de gerenciar e/ou controlar como os

sujeitos demonstram-se aos outros. A internet trouxe diversas possibilidades e brechas para se pensar a produção e investigação desses fatores, complexificando portanto dimensões caras à psicologia social e a microssociologia do cotidiano a qual pensava Goffman (1985) e emergindo um novo tipo de incursão temática que considera às materialidades e ecologias midiáticas, sem deixar de olhar para os aspectos que concernem a cultura, os usos e apropriações - já falamos disso aqui em nosso trabalho.

Há um vasto campo de estudo que pensou nas dinâmicas as quais consideramos entender aqui enquanto autoapresentação (*autopresentación* no espanhol e ainda *self-presentation* do inglês). Essa via de interpretação-investigação-análise pode ser encontrada fortemente na Sociologia e na Psicologia, mas nos últimos tempos também incorpora especificidades da Comunicação e, em especial da Comunicação Digital - essa nos importa aqui, porque se coaduna com aspectos observáveis nesta dissertação. Na esteira deste processo de produção acadêmico-científico recorreremos a diversos autores (boyd, 2003; Ellison, 2006; Guadagno, 2012; Lee-Won, 2014; Vieira, Sepúlveda, 2017), todos e todas estes, em maior ou menor grau construíram seus trabalhos investigando o que compreendemos aqui como “*autoapresentação*” em espaços mediados digitalmente e, na maior parte das vezes, em plataformas de redes sociais e/ou em plataformas e aplicativos de relacionamento romântico-amoroso.

O que percebemos junto a estudos como os dos portugueses Vieira e Sepúlveda (2017) são “ciclos de adesão e abandono temático” próprios do campo e que devem ser considerados aqui como um percalço a ser vencido. A maleabilidade e ubiquidade somadas a fluidez e gerenciamento mercadológico com que as plataformas se modificam, não permitem construir o que compreendemos enquanto “maturidade acadêmica” ao campo, já que as pesquisas tornam-se rapidamente “obsoletas” do ponto de vista empírico, o que não significaria que os esforços das pesquisas e da investigação teórica em questão não sejam válidos e devam ser incorporados em novos estudos que problematizem - inclusive e principalmente - essas características. Acontece que a autoapresentação se modifica consideravelmente a partir dos atributos que envolvem as possibilidades cedidas pelas plataformas. Novamente, não significa que não sejam de exímia importância; só são circunstancialmente mais complexas de serem apropriadas, investigadas e/ou analisadas, por exemplo.

Quando pensamos em plataformas, notamos que a autoapresentação dos sujeitos e sujeitas mudam de acordo com suas arquiteturas já que estas: “condiciona[m] as ações e conseqüentemente os resultados já que pode determinar as dinâmicas em função do [seu]

design” (GILLESPIE, 2015, p. 2, tradução nossa). Compreendemos, portanto, que há várias autoapresentações (mesmo em uma mesma rede) como as que serão observáveis aqui - o que dinamiza, mas também aprofunda os processos de inferência e as deduções teóricas - necessitando fortemente de análises empíricas ricas e férteis do ponto de vista metodológico. Daí a necessidade de articulações várias, mistas, a partir de um pensamento *transdisciplinar*, mas também *transmetodológico* que nos possibilitaria abduzir, construindo um movimento que sinalizaria para que “algo pode ser”; construindo assim, conhecimentos vívidos, novidades ao pensamento. (VERÓN, 2013)

Dispostos os motivadores para o uso da terminologia e a pujante área de análise e investigação abarcada pelos ideais de autoapresentação, trazemos à tona aqui a dimensão tácita da busca por uma *coerência expressiva* sob nossa própria identidade. (SÁ & POLIVANOV, 2012). Sinalizamos que esta parece ser exigida cada vez mais em nosso cotidiano contemporâneo ao mesmo tempo em que é atravessada pelos nossos desejos múltiplos e nossa condição cambiante e fragmentada, Hall já nos alertava sobre o temário. O resultado é uma auto-cobrança refletida e constante instada sob lógicas do sistema material vigente, que perpetua aos sujeitos que eles devem ser “autênticos” em um irremediável gerenciamento de si mesmo em ambientes *online*, afinal, nossos perfis nas plataformas, embora representados por um endereço de IP teriam a difícil missão de nos representar.

Sodré (1995), vislumbrava com bastante criticidade a forma como o advento das *teletecnologias* parecia adentrar a construção identitária dos sujeitos. De maneira contumaz, e se referindo a algumas exemplificações da cultura popular, o autor cita que ao tomar conhecimento deste espaço, que seria de co-criação, os sujeitos tornariam-se “comutáveis por comutação sígnica [...] encaminhando a identidade pessoal para formas taratológicas ou paradoxais, esteticamente classificáveis como neobarrocas” (SODRÉ, 1995, p.175). Para o autor, a midiaticização permitiria que os sujeitos e sujeitas construíssem histórias de si próprios a partir de uma narrativa estética particular e que poderiam ainda “inventar e viver uma realidade alternativa” (1995, p.175). Esta visão, atrelada às dimensões materiais das mídias, não estão vinculadas ao que pretendemos apresentar neste trabalho, mas nos faz (re)lembrar junto ao que nos explica Silverstone (2005) as mídias enquanto “textura” das experiências humanas na atualidade; compreendendo que todas as dimensões de nossa vida cotidiana estariam marcadas pela media(tiza)ção.

Para Sodré, enquanto escrevia (bem lembramos, duas décadas antes da profusão das plataformas e de seu *modus operandi*), sujeitos e objetos tornariam-se correlatos a partir do

que chama “funcionalização do mundo”, onde as identidades “viabiliza[m]-se como um jogo de signos realizados por imagens, que circulam aceleradamente de forma contagiante, à maneira de um processo viral” (SODRÉ, 1995, p. 174), sendo produzidas como um “bem de mercado”.

No nosso trabalho, a construção de um perfil nas plataformas - e aqui em específico no *Instagram* - passa por uma reflexividade fundante onde os sujeitos constroem narrativas de si com intentos de estarem o mais próximo possível de suas representações corporificadas, do que apresentam aos outros em suas *performances* cotidianas; acreditamos nisso porque, em grande medida (mas novamente, não em totalidade) os sujeitos fazem escolhas que concernem em uma visibilidade para o outro o qual “já conhecem”: um grupo de amigos, colegas de trabalho, pessoas da família, entre outros círculos sociais distintos. No entanto, sabemos: há muitos níveis de convivência física e isso impacta na forma de se autoapresentar na virtualidade; daí os mecanismos e funcionalidades (*affordances*) das plataformas e sua atenção a estas particularidades; entram aqui as “gambiarras” dos próprios sujeitos na construção de um perfil mais ou menos tragável, aceitável e/ou publicável valendo-se das circunstâncias. Nada dessas coisas, para nós, representam simulacros, falseamento ou nos atestam a pensar e inferir sobre comportamentos patologizantes referentes às dinâmicas identitárias midiáticas.

Fugimos, portanto, de caracterizações apocalípticas em relação às construções de si nesses espaços. Novamente, nem patologizar os processos, menos ainda, aceitá-los como postos e dados; cabe-nos como cientistas da comunicação buscar as lacunas entre as dimensões comunicativas que envolvem conhecer e compreender a si e relacionar-se com as dinâmicas platformizadas em um espaço em rede e nas construções de um perfil; aqui, filiamos-nos a boyd (2020) para compreendê-los como: “*corpos digitais*”, pois: “identificam uma pessoa de forma única e são o fruto de uma produção de identidade autorreflexiva [...] os perfis localizam e são a combinação de uma série de autodescrições controladas no contexto das conexões sociais” (boyd, 2020, p.6)

A autora supracitada construiu sua dissertação intitulada “*Taken Out of Context – American teen sociality in networked publics*³¹”, tentando compreender as dinâmicas empreendidas por adolescentes em suas construções identitárias em rede. Na ocasião ela valia-se de uma rede social *online* muito utilizada no país em que realizou a pesquisa: o *MySpace*. Ela investigou, a partir de diversos aparatos metodológicos como análise de perfis somadas a entrevistas em profundidade, a forma como os adolescentes construíam e

³¹ Em tradução literal: “Tirado do contexto: a sociabilidade de adolescentes estadunidenses em públicos em rede”

confabulavam a si mesmos naquele espaço, valendo-se das possibilidades e oportunidades permitidas pela rede - algo que, em alguma medida, também nos apropriamos aqui; diferente da autora, no entanto, que buscava estabelecer alguns parâmetros sobre sociabilidade e se apoiava em leituras estruturalmente sociológicas e que tinham como principal ponto de vista as dinâmicas de sociabilidade, nosso trabalho busca perceber e inferir sobre dinâmicas comunicativas nas plataformas (no *Instagram*) e embora também utilize jovens como co-partícipes de pesquisa, olha para seus usos e apropriações a partir de uma percepção que se envolve com a forma como (e se) eles interpretam, percebem e sentem a intimidade.

Há riqueza conceitual no trabalho de boyd e alguns debates suscitados pela autora devem ser (re)aproveitados, como por exemplo o de “audiência imaginada” e o de “colapso de contextos”, embora compreendamos que eles necessitam também de inferências ainda mais complexificadas, como já apresentamos introdutoriamente em textos com reflexões iniciais desta dissertação (ANDRADE, 2022)

Para boyd, como bem entendemos e reivindicamos, as escolhas de como se apresentar nos espaços *online* não se configurariam como atos isolados e estariam intimamente ligados a outros aspectos das vivências práticas dos participantes da pesquisa, incorporando características e causalidades dos sujeitos. A autora apropria-se da concepção *Goffmaniana* de “*performance*”, muito importante aqui nesta pesquisa (a ser exemplificada no próximo capítulo), mas entende que em ambientes mediados e com públicos esparsos e diversos há alterações nos processos identitários e de performatização de si, já que os “processos de sinalização social seriam complicados pela tecnologia” (boyd, 2020, p.5).

Concordamos com a autora no que diz respeito a essa percepção, mas consideramos importante salientar que da época em que escreveu e divulgou sua dissertação para os dias atuais, muito se modificou - a começar pela própria decadência da rede social *online* a qual a autora analisou e pela profusão das plataformas, gerenciadas a partir de interesses mercadológicos e servis a grandes marcas, acoplando-se a uma dimensão algorítmica que não pode ser descartada, tema debatido no próximo tópico.

5.1.2 O perfil na plataforma como centralidade ao debate: considerações sobre identidade, cidadania e vigilância nas autoapresentações

O início do século XXI proporcionou o nascimento de espaços comunicativo-conversacionais que viriam a fazer parte da rotina cotidiana de milhares de

pessoas: os *sites* de redes sociais, redes sociais *online* ou ainda, como aqui compreendemos, as **plataformas de redes sociais**. A distinção da nomenclatura se dá justamente pelas especificidades temporais relacionadas ao debate sobre o tema e remontam mudanças já muito características no que diz respeito às particularidades e funcionalidades destas materialidades.

Com intenção de acionar este debate, pretendemos pincelar e construir de forma introdutória, um relato que permita apresentar algumas dinâmicas específicas nestes espaços e entrelaçá-los aos temários que envolvem as dimensões e processualidades na autoapresentação na plataforma do *Instagram*, jogando luz a ideia sobre como pensar dimensões cidadãs nestes espaços verticalizados do ponto de vista hierárquico e das governanças.

Há 15 anos era o *Orkut* a rede social *online* quem detinha mais perfis no Brasil, no entanto, considerada a última década, o *Facebook* reina - não mais tão isoladamente - como líder no *ranking* quando refletimos e investigamos as experiências de apropriação e uso brasileiras³². Contudo, notamos que nas faixas-etárias juvenis, *Instagram* e *Tik Tok* duelam pela hegemonia³³ - em especial quando recortadas a partir da idade das sujeitas e sujeitos investigados aqui. Todas estas plataformas citadas, apesar de suas distintas ecologias, necessita(va)m de algo em comum: **a construção de um perfil**.

Se há pouco mais de 20 anos anos Castells (1999) nos dava direcionamentos para entender a sociedade em rede, o amadurecimento de trabalhos nas humanidades e nas ciências sociais e a percepção sobre como este modelo tecnocultural se espalhou pelas realidades cotidianas, percebemos que os aspectos fetichistas de horizontalidade e o otimismo observados naqueles tempos já não podem mais estar abarcados em nossas leituras e formas de compreender e investigar estes objetos e as apropriações realizadas pelos sujeitos e sujeitas nestes espaços - percebemos, contudo, que a criação, manutenção e gerenciamento de um **perfil** seguem vívidas como um constructo materializável de todas as plataformas e redes contíguas. Daí a importância de conferir a ele um fator central aqui em nosso trabalho. Consideradas as distinções na forma como ele é construído, bem como as particularidades exigidas por cada plataforma, o perfil segue como um marcador significativo da representação dos sujeitos nestes espaços.

³² Matérias na íntegra falam sobre os usos das plataformas pelos brasileiros. Disponível em: <[https://www.poder360.com.br/brasil/brasil-e-o-3o-pais-que-mais-usa-redes-sociais-no-mundo/#:~:text=Levanta%20da%20Comscore%20mostra%20que,sociais%20\(96%2C9%25\).](https://www.poder360.com.br/brasil/brasil-e-o-3o-pais-que-mais-usa-redes-sociais-no-mundo/#:~:text=Levanta%20da%20Comscore%20mostra%20que,sociais%20(96%2C9%25).>)> acesso em: 13 de maio de 2023

³³ Dados em relatório global de uso do ano de 2022. Disponível em: <<https://datareportal.com/reports/digital-2022-global-overview-report>> acesso em 16 de jul de 2023

Mesmo a utilização das terminologias “redes sociais *online*” ou “redes sociais na internet” já remontavam a uma realidade que direcionava para o entendimento do qual vislumbramos atualmente, em que a arquitetura, governança e os direcionamentos destes espaços na internet, longe de serem neutros, afetam direta e diariamente a realidade cotidiana de quem os usufrui. O que acontece é que a criação de um perfil em todos estes espaços, passa pelo que um estudo do Instituto de Pesquisa Aplicada (IPEA)³⁴, realizado ainda no início deste ano, chama de “*orquestramento*”, porque são controladas por empresas e organizações privadas que detém um poder verticalizado e hegemônico sob seus usos. A “sociedade de plataformas” conforme nos apresentam Van Dijck, Poell e Waal (2018), talvez seja uma forma minimamente adequada temporalmente para compreender este *locus* do qual escrevemos. Os arranjos sociais em rede existem, mas estão hierarquizados e dominados por sujeitos que centralizam seus poderes e comandos. Tudo isso torna estes espaços lugares mercadologicamente viáveis e rentáveis do ponto de vista econômico liberal. Daí os interesses escusos dos quais já relatamos neste trabalho e que não devem ser desconsiderados. Não há controle; seguem as plataformas (e seus donos) agindo como e da forma que preferem, modificando formatos, estruturas e condições de usabilidade ao mesmo tempo em que se desconsideram culturas, tradições e ritualidades específicas das nações em que estão ativamente funcionando.

Os **perfis** construídos nestes espaços passam invariavelmente por automatização e (re)coleta de dados, em um novo uso político de identidades (MATTELART; VITALIS, 2014). Ao aceitar os termos e condições para utilizarem as plataformas, os usuários estão fornecendo uma miríade de informações pessoais de maneira consentida, já que para que haja usabilidade plena, há aderência conjunta; esta, muitas vezes, envolve dimensões que são financeiras, laborais, mas também culturais e de sociabilidade (como as que nos importam aqui neste trabalho, por exemplo).

Para Bruno (2013), um **perfil** seria:

um conjunto de traços que não concerne a um indivíduo específico, mas sim expressa relações entre indivíduos, sendo mais interpessoal do que intrapessoal. O seu principal objetivo não é produzir um saber sobre um indivíduo identificável, mas usar um conjunto de informações pessoais para agir sobre similares. [...] [buscando][...] a probabilidade de manifestação de um fator (comportamento, interesse, traço psicológico) num quadro de variáveis” (BRUNO, 2013, p. 161)

Neste caso, inspirada por leituras Deleuzianas sobre as sociedades disciplinares, a autora pensa no termo perfil como uma tentativa de que equipamentos públicos e aparatos

³⁴ Texto na íntegra: <https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/11677/1/TD_2829_web.pdf> acesso em: 07 de maio de 2023

estatais controlassem e esquematizassem os sujeitos a partir de suas dinâmicas de sociabilidade e/ou de circulação e preferências. A noção nos é importante aqui porque suscita que pensemos em um trabalho de perfilamento que também acontece a partir dos acionamentos sociotécnicos na contemporaneidade, décadas depois dos escritos do pensador francês. O autor se referia a como *dividualidade* a capacidade de que os sujeitos e sujeitas, a partir da virtualidade, se decomponem dentro de si próprios, sendo governados pelo que chamava de cifras, amostras ou dados (DELEUZE, 1999). A visão do autor se apega a referenciais materialistas e se filia à pesquisas como as que Foucault introduziu ao campo social. Compreendemos junto a Bruno, no entanto, que os perfis nas plataformas se complexificam para além de dicotomias sobre simulacros e/ou realidades porque seriam: “um efeito de identidade, num sentido pontual e provisório, uma vez que não atende a critérios de verdade e falsidade, mas de performatividade” (BRUNO, 2013, p. 169). Como já citamos em outros momentos e compreendemos como necessário enfatizar, construir um perfil não significa construir um *outro eu* como muitas pesquisas nas/das humanidades se propuseram.

Ter um perfil porque se é importante para que consiga encontrar um emprego, para comunicar-se com quem está longe fisicamente, para pura e simplesmente estabelecer contatos, criar novos amigos ou estar atento a novidades do local onde vive, do estado onde reside, se informar. Estes são pontos que não devem ser desconsiderados perante as apropriações feitas pelos sujeitos e sujeitas, que quase sempre utilizam-se das plataformas e constroem seus perfis de maneira gratuita.

A gratuidade das plataformas está vinculada a um forte financiamento publicitário e mercadológico que se atravessa aos buscadores e se complementa a lojas *online*, e *e-commerces*, em uma rede enredada e por isso complexa e algoritmizada. A exploração de dados virtuais, por exemplo, ganhou enorme repercussão durante o caso *Cambridge Analytica*³⁵, mas continua na cobertura e pauta midiática, hegemônica ou alternativa, como nas coberturas referentes a diversos projetos de lei que buscam regular (ou não), responsabilizar (ou não) e tornar mais transparentes (ou não) a atuação das plataformas digitais no Brasil, vide os PLs 2630/2020³⁶ e 2821/22³⁷ que, embora enfatizem sobre questões

³⁵ Contexto:

<https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/entenda-o-escandalo-de-uso-politico-de-dados-que-derrubou-v-ador-do-facebook-e-o-colocou-na-mira-de-autoridades.ghtml>> acesso em: 07 de maio de 2023

³⁶ Projeto de Lei na íntegra disponível em:

<<https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/141944>> acesso em: 13 de maio de 2023

³⁷ Projeto de Lei na íntegra disponível em>

<https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/155169?_gclid=CjwKAEjY4NDAwNTE4NC4wLjAuMA..> acesso em: 13 de maio de 2023

relacionadas à desinformação e a impulsionamento, retirada ou manutenção de conteúdos e discursos de ódio nestes espaços, esbarram também em maior ou menor grau em debates que dizem respeito ao uso de dados, transparência, princípios, parâmetros e deveres dos conglomerados em relação aos “*usuários*” dos espaços em questão.

É a partir dos perfis, de seus usos e das preferências *percebidas* pela plataforma algoritmizada, que o manejo de toda sua experiência acontece. O que percebe-se então é o que o enorme contingente de dados, movimenta e “facilita” o desempenho dos algoritmos que existiram, entre outras palavras como “um conjunto de instruções para realizar uma tarefa, produzindo um resultado final a partir de algum ponto de partida” (DONEDA; ALMEIDA, 2019, p. 142). Os algoritmos e sua forma de aprendizado automático se complexificam - cada vez mais - e tornam-se ainda mais opacos e de difícil mensuração a partir de suas atuações em cadeia porque a quantidade de dados produzida dentro de perfis em plataformas são gigantescos.

Recorremos a García-Canclini (2019) ao lembrar que, embora a *world wide web*, tenha nascido com intentos e a partir de iniciativas consideradas “desierarquizantes” e “antiautoritárias”, sua desregulação e formas de apropriação por grandes conglomerados de mídia tornaram sua experiência “pouco libertadora” do ponto de vista cidadão, porque reforçariam práticas coniventes com regimes autoritários, não se atentando à práticas de preconceito além de desempenharem papel nulo no que diz respeito ao controle de conflitos cotidianos. Para García-Canclini, há três pontos que reforçam as práticas predatórias vinculadas às plataformas sendo elas: a) a ausência de consentimento informado aos sujeitos sobre os rumos de seus dados b) a facilidade com que conteúdos odiosos circulam; e c) a incapacidade de eliminar informações falsas de maneira imediata. Neste espaço e para a contextualização deste trabalho, nos importa focalizar nossos esforços investigativos em considerar o grande contingente de informação obtida pelas plataformas em qualquer situação prática que aconteça dentro dela. Da postagem de uma imagem às conversas privadas: tudo passa por uma coleta de informações e dados contínuos e tudo isso acontece dentro de um perfil, a partir de usabilidades individualizadas e particulares.

Ao notar que “o ritmo acelerado do ‘aprimoramento’ ou da reconfiguração de sistemas, modelos e plataformas - desempenha um papel decisivo na reinvenção do sujeito” (CRARY, 2016, p. 51), compreendemos que as modificações e a constante inovação vinculada a ideários de lucro e compensação mercadológica interpelam crucialmente as discussões teóricas que envolvem a comunicação e cultura digital - seja ela quando analisa propriamente os artefatos ou as dimensões infraestruturais, quando despontam a partir de iniciativas que

buscam compreender aspectos subjetivos, estéticos e/ou identitários nestes espaços ou mesmo quando busca-se investigar, ainda que de maneira parcializada, as duas dimensões. Para Crary, “o ritmo incessante de consumo tecnológico impede que exista um tempo para nos familiarizarmos com determinado produto ou uma combinação deles, a ponto de esse produto integrar o cenário de nossas vidas” (2016. p.53) e isso parece também acontecer com as mudanças rápidas que envolvem os usos e funcionalidades dentro das plataformas. Embora a materialidade do perfil continue existindo em todas as suas dimensões apropriadas por/para cada plataforma, acreditamos que considerar que as mudanças pelas quais passam as plataformas são incontroláveis e esbarram nas pesquisas teóricas realizadas sobre o tema.

5.2 Da intimidade: construções históricas, delineamentos teóricos

Deus, aqui na intimidade que ninguém nos ouça, mas um milagrezinho até que ajudaria, dá um jeitinho logo pro meu bem voltar

Tony Cardin e Ubiratan

Tal qual no debate sobre identidade feito a pouco, a definição conceitual de intimidade também se situa em um lugar complexo. A etimologia da palavra não nega; do latim *intimus*, diz ser relativo ou a característica do que é íntimo; esta, por sua vez, diz respeito ao que compõe a “essência” de algo ou que tem relação com o “âmago”. Relações enunciativas com afeição, confiança e familiaridade também aparecem nas significações sobre o termo. Daí podemos notar que as definições e possibilidades de significação ou de interpretação sobre a intimidade extrapolam conceituações conclusivas. O termo também pode captar uma ideia vinculada ao erotismo e a percepções acerca da sexualidade e incorrer até uma assimilação errônea com o que entendemos por privacidade. Da psicologia às ciências jurídicas, o termo é abrangente e plural, já que sua *invenção* é jovem quando analisada do ponto de vista histórico.

As noções envoltas à terminologia não deixam de estar vinculadas às fortes transformações socioculturais ocorridas desde o século XIX, em especial na Europa Ocidental - novamente entendendo o dever de caracterizar qual o espaço teórico de onde partimos e do qual estamos situados conceitual e temporalmente. Foi naquela configuração territorial e cultural onde uma série de mudanças estruturais nos modos de vida nos ajudam a compreender e estabelecer parâmetros e critérios para discorrer sobre o tema. Consideramos, por isso, explicitar o entendimento no parágrafo anterior de que a intimidade seria nada mais que uma *invenção*, e é interessante que isso esteja posto. Para Sibília (2003) sua construção-delimitação histórica e cultural obedeceu interesses políticos e econômicos da própria transformação do sistema material capitalista e de lógicas burguesas.

O “sujeito moderno”, oitocentista - novamente, vivenciando uma realidade temporal e geográfica pontual e específica - era bem quisto socialmente quando (e se) preservava os detalhes de suas subjetividades. O padrão, então, era se resguardar. As construções subjetivas de si mesmo estavam envoltas a uma dinâmica de opacidade e de interioridade que, inclusive, tinham relação com a própria novidade das disposições arquitetônicas das casas e residências burguesas daquele período. Se durante os dez longos séculos dos quais consensualmente estabelecemos chamar de Idade Média era impossível pensar em um quarto próprio, o advento da modernidade, passou a permitir que alguns indivíduos pudessem usufruir de uma noção de espaço que era só sua; a cultura burguesa possibilitou o nascimento de espaços como quartos

individuais; nestes, as escritas e narrativas de si despontaram - dizemos respeito aqui aos diários autobiográficos, às cartas e a todo tipo de narrativa literária que toma o sujeito que escreve como base central para o constructo de um enredo - no entanto, é preciso considerar: tudo aquilo continuava resguardado apenas a si próprio. Conhecer-se, bem como o exercício do autorrelato dizia respeito também ao seu resguardo. Que se jogue luz aos indivíduos e cidadãos que exercem papéis de poder e soberania - como as famílias detentoras de poder político - mas que se mantenham preservados os cidadãos e cidadãs anônimos, sujeitos comuns que vivenciam e experienciam suas vidas rotineiras e triviais.

Paula Sibilia (2016), em seu estudo basilar para o campo, ao remontar por meio de um trabalho arqueológico as construções e delineamentos que permitiram que a noção de intimidade florescesse, explica que a ideia de interioridade foi, similarmente, construída; surgiu naquele contexto histórico-cultural por forças variantes que estimularam com que isso fosse possível. A autora conclama esse novo tipo de subjetividade como “interioridade psicológica”, onde os sujeitos prescindiam de um “espaço interior, vagamente etéreo e localizado dentro da alma de cada um, onde fermentava toda sorte de pensamentos, emoções, lembranças e sentimentos privados” (SIBILIA, 2016, p. 98), eram as *personalidades introdirigidas*, conforme situou David Riesman (1960) e as quais podemos consensualmente por meio de vasta bibliografia compreender como o nascimento do *homo psychologicus*.

É interessante notar, também, como essas novas formas de perceber e de estar no mundo se relacionam a um aumento no letramento populacional e no que podemos considerar um deslocamento dos escritos e obras da literatura para narradores em primeira pessoa - aqui, como já relatamos às cartas, diários - “as escritas de si”, tornavam-se uma prática habitual que apoiavam-se na “autorreflexão para autoconstrução”. Daí também o nascimento dos grandiosos romances oitocentistas - muitas vezes trágicos. A escrita em primeira pessoa, os romances e a intimidade têm mais relação do que supõe nossa consciência prática (SIBILIA, 2016).

Para Dunker: “a intimidade tem estrutura de um diálogo. No interior desse diálogo, a experiência subjetiva se particulariza [...] quando falta um outro vivo e encarnado, esse diálogo se apoia num interlocutor imaginário” (DUNKER, 2017, p.84). Esse *interlocutor imaginário* o qual explicita o autor pode ser compreendido pelos suportes comunicacionais dos quais os sujeitos modernos detinham: os diários, por exemplo. Eram eles quem faziam este papel em uma conversa imaginada que não parecia ter fim; o autor relembra que os devaneios e a música também podem ser importantes suportes para a construção e caracterização de uma dimensão íntima. Para Berlant (1998), a intimidade invariavelmente

envolve-se a partir de um desejo por uma narrativa compartilhada, seja ela sobre si mesmo ou sobre um outro alguém. Por isso, a intimidade se constrói em sentidos dos quais podemos considerar complementares, para si (pessoal), ou para o outro (relacional).

A Constituição Brasileira, como carta fundamental que nos direciona sobre nossos “direitos e deveres”, dá alguns indícios sobre o entendimento da terminologia, citando-a em seu artigo 5º, inciso X, afirmando que: “são invioláveis a **intimidade**, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas, assegurado o direito à indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação”. Embora esparso, em grande medida, o entendimento neste caso sempre incorre para interpretações que valem-se conjuntamente de uma percepção que atrela a intimidade aos direitos à privacidade, ou o que convencionou-se em Direito e na norma jurídica como “vida privada”.

O que queremos dizer aqui é que não há nenhuma acepção ou normativa jurídica que explicita a maneira como a doutrina compreende a terminologia, mas que há leituras, como as de Costa Junior (2007), que compreendem existir distinções formais no Direito entre privacidade e intimidade; sendo a última, algo que está e faz parte do direito à privacidade. Em constituições como a francesa, a terminologia está nomeada: seria o “*droit a la intimité*”³⁸; na Itália, sugere-se uma ligação com a ideia de confiança, proposta na terminologia como “*diritto allá riservatezza*”³⁹.

Junto a autores como Eudes Quintino, promotor de justiça aposentado do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo (TJSP), sugerimos que o direito à intimidade seria onde encontramos: “tudo o que é mais precioso para a pessoa, desde a sua crença religiosa até os segredos mais recônditos, sem qualquer risco de invasões arbitrárias e, principalmente, de se chegar ao conhecimento público porque não há qualquer registro materializado”⁴⁰ o que nos contempla aqui - em partes - já que consegue distinguir que a intimidade seria concêntrica à privacidade, mas que possuiria peculiaridades que devem ser consideradas em sua completude; inclusive, juridicamente. Mas e sobre não haver registros materializáveis? Temos nossas dúvidas; em especial se tratando de construir análises que envolvem dispositivos midiáticos e comunicacionais.

O sociólogo Richard Sennett também foi um dos autores que tentou tematizar as dimensões e significações abarcadas pelo termo “intimidade”. Pensando na sociedade europeia sob um prisma de criticidade, ele chamou de “*tirantias da intimidade*” o fato de que

³⁸ Em tradução literal: Direito à intimidade

³⁹ Em tradução literal: Direito à confidencialidade

⁴⁰ Acesso ao texto completo em: <<https://www.migalhas.com.br/depeso/279271/o-direito-a-intimidade>> Acesso em: 17 de mar de 2023

os sujeitos e sujeitas - em especial os das nações do norte ocidental, e também a partir da perspectiva temporal apresentada por Sibilis em seus trabalhos - estavam preocupados demais consigo mesmos, considerando que a fixação pelas experiências pessoais e particulares, poderiam acarretar em uma perda crucial no sentido político e coletivo. Para o autor o advento da psicologia moderna, representada em suas palavras especialmente pela psicanálise, poderia levar os cidadãos e cidadãs a experienciar e visualizar as dinâmicas societárias apenas a partir de suas perspectivas. O secularismo também seria um representante simbólico para esta concepção de mundo, mas é a partir da dimensão de espaço público que o autor constrói toda sua narrativa.

Discorrendo especificamente sobre as vivências dos cidadãos parisienses e londrinos, o autor entende que as especificidades das cidades e do urbano modificaram crucialmente as formas de se compreender a si mesmos e que o capitalismo e suas constantes atualizações - aqui pensado sob um forte tensionamento industrial - modificaram instâncias de “público” e “privado”, pois, segundo o autor: “O eu de cada pessoa tornou-se o seu próprio fardo; conhecer-se a si mesmo tornou-se antes uma finalidade do que um meio através do qual se conhece o mundo” (SENNETT, 1999, p.16). Essa dinâmica poderia ser comprovada (e mesmo validada), na contemporaneidade, com o aumento de casos clínicos e com o também correspondente aumento na cobertura midiática tradicional hegemônica sobre novas formas de sofrimento psíquico no qual os atores sociais parecem temer construir relações íntimas e profundas com outras, como nos explicaria Dunker (2017).

Para o pensador e psicanalista, que visualiza esta dinâmica a partir de uma perspectiva clínica, o “problema” tem fortes tensionamentos com as reconfigurações (ainda mais maximizadas na contemporaneidade) vinculadas ao estilo de vida o qual citara Sennett em sua obra. Embora os sujeitos e sujeitas hodiernos consigam desenvolver traquejos e habilidades sociais em suas relações pessoais, profissionais, amorosas, entre tantas outras formas de relacionar-se, relatam serem sempre “observadoras de si mesmas”, particularidade esta que estaria relacionada a um profundo sentimento de solidão, que embora comum na análise dos relatos, soa difícil de ser exemplificado. (DUNKER, 2017).

Para os autores, mesmo que a partir de concepções, vertentes e temporalidades distintas, o aumento populacional, o êxodo rural e a crescente industrialização são entrecruzamentos que permitem que haja um menor gerenciamento das relações até então pacatas e controláveis que sondavam períodos que precederam os tempos atuais. Vivenciados por duas ou três gerações anteriores, à época, os ideários do “domínio público” não passavam despercebidos pelo olhar do outro. Isso poderia ser exemplificado na compreensão de que um

espaço em que existe suposta “ausência de privacidade”, dicotomicamente, há a produção de certezas, uma dimensão de continuidade. A autonomia e as possibilidades infinitas de escolha delegariam aos indivíduos uma maior chance de desenvolver estágios de solidão - e daí talvez as falsas correlações e associações entre “estar só” e ao sofrimento; a autorreflexividade de Giddens (2002), traçada anteriormente no tópico sobre as construções identitárias, pode-nos ser importante aqui para entrelaçar dinâmicas do íntimo com as construções identitárias dos sujeitos e sujeitas, em especial pela e a partir da facilidade dos acessos, mas não apenas. Seria a ideação de intimidade uma escolha pensada e refletida?

Dentre os muitos debates incitados aqui, há algo, no entanto, que se atravessa com a mediatização e a digitalização da sociedade e que merece investigações que, nos parece, merecem ser realizadas a partir e desde a comunicação. Trata-se da exposição da intimidade; um contrassenso se levada ao pé da letra, mas algo que acontece em uma sociedade hodierna envolta a equipamentos e suportes que agora não parecem mais serem utilizados *apenas* para construções narrativas subjetivas, mas *também* para as suas propagações. Se em tempos outros as narrativas de si estavam vinculadas aos ideais de interioridade, profundidade e opacidade, parece-nos consensual afirmar que nos tempos em que vivemos elas parecem estar construídas pelo e para o olhar do outro, em vinculações práticas que envolveriam a exterioridade, a aparência e a transformação de aspectos da visibilidade, tópico a ser debatido a seguir.

5.2.1 Visibilidade como marcador contemporâneo: onde está a intimidade que estava aqui?

Como já pontuamos, se o sujeito moderno era bem quisto socialmente quando (e se) preservava detalhes de suas subjetividades, não podemos afirmar o mesmo sobre os padrões esperados e, porque não, delegados aos sujeitos na contemporaneidade. Há uma distinção marcadamente perceptível nestas duas formas de ser-estar-habitar, e é sobre ela que enunciaremos neste tópico. Enquanto o sujeito moderno o qual relatamos nos parágrafos anteriores, situava-se em um espaço de construção subjetivo que privilegiava a introspecção, nos parece instigante perceber e inferir que o sujeito da contemporaneidade, instado sob novas lógicas, privilegia a **visibilidade** como um atributo a ser perseguido.

Não se trata, novamente evitando generalizações, de afirmar que todos estaríamos agindo sob e com uma mesma finalidade, mas que como fruto do tempo-espaço em que estamos alocados, notamos rupturas e descontinuidades explícitas na forma como os sujeitos e

sujeitas se constituem, e é preciso considerá-las; aqui, fazemos isso a partir de acionamentos teóricos pensados pela *visibilidade midiática*, que se tornaria pouco a pouco, cada vez mais *mediatizada* a partir dos processos que envolveriam, de maneira simultânea e concomitante, a produção e o consumo, em um processo comunicacional do qual consideraremos apropriativo.

Ao compreender que debates envolvendo a visibilidade se transmutam quando relacionados aos aparatos midiático-comunicacionais disponíveis nas diferentes épocas (bem como acontece com a própria intimidade) arriscamos supor que sua enunciação e significação, diferente da intimidade, nos revelaria algo indicioso, excluindo possibilidades de compreensão heterogêneas e múltiplas. Quando pensamos em seu cerne vocativo, logo compreendemos junto a Thompson (2008) que visibilidade seria o que está disponível em nosso campo de visão. A possibilidade de um tensionamento com seu antônimo, parece aqui facilitar também sua cognição, afinal, invisível seria, portanto, o que não pode ser visto.

Somados a este esforço dedutivo, sugerimos também que se algo *pode* e *é* visto, isso implicaria compreender as circunstâncias em que nos encontramos para tal ação. A visibilidade seria, por conseguinte, situada; co-depende de circunstância, causa e também de condições.

John B. Thompson nos interessa aqui como embasamento teórico central porquebuscou, em seus trabalhos, compreender formas de se pensar a visibilidade sempre estabelecendo nexos causais com as interações entre sujeitos e a mídia. Em seu estudo basilar ao campo, “Mídia e Modernidade” lançado em meados dos anos de 1990, Thompson enuncia formas de interação que envolveriam a presencialidade ou não dos corpos físicos (e toda sua co-relação com dinâmicas de visibilidade) notando a partir de inferências e análises - que contribuiriam para estudos midiológicos mas também à linguística, por exemplo - que a irrupção que envolve a presença de artefatos midiáticos nas interações foi determinante para novas formas de ser-estar e também de se subjetivar.

À época o autor pensava nas (re)invenções da visibilidade a partir da mídia que lhe interessava no momento da pesquisa: a televisão. Para ele as novas formas de interação entre os pólos de recepção e emissão, se coadunariam no que entendia por “*interação mediada*” ou também “*interação quase-mediada*” suscitando novos debates para o pensamento comunicacional, em especial para as pesquisas que se enveredaram em compreender processos de recepção de produtos comunicacionais. Toda esquemática do autor se deu a partir de uma estrutura analítica com características que envolviam diversas dimensionalidades como: o *espaço-tempo*, a possibilidade de existência de “*deixas*

simbólicas” e também dinâmicas de *orientação da atividade interacional* (que estava interligada com a quantidade de receptores).

Não nos cabe aqui analisar efusivamente todas as particularidades pensadas e estabelecidas pelo autor; basta contudo compreender que as dinâmicas de visibilidade se alteraram de maneira significativa o suficiente para que o autor revisasse seus estudos a partir do que chama de *novas tecnologias de comunicação e informação* (TICs) - debates que perpassam dimensões de infraestruturas e que desembocam em peculiaridades nos formatos interacionais comunicativos contemporâneos, como os que acontecem no *Instagram*, por exemplo, como analisados em nosso trabalho. Para nossa pesquisa, é profícua a leitura feita pelo autor quando retoma suas conceituações estabelecidas em meados da década de 1990, reconhecendo as disjunções possibilitadas e permitidas pelo que entendemos aqui enquanto *plataformas de redes sociais*. Para Thompson, nessas novas formatações de visibilidade incorporadas às redes digitais “o campo da visão molda-se pelas propriedades distintivas das mídias comunicacionais, por uma gama de aspectos sociais e técnicos (como angulações de câmera, processos de edição e pelos interesses e prioridades organizacionais) e por novas formas de interação tornadas possíveis pelas mídias” (THOMPSON, 2008, p.7).

O campo de visão o qual citamos no início deste excerto (o que torna portanto algo visível) seria alargado temporalmente em espaços como as plataformas, complexificando fenômenos os quais o autor já previra em seus trabalhos anteriores (lembrando, pensando na televisão e/ou em mídias eletrônicas) como a) *simultaneidade desespacializada* e b) *intimidade não-recíproca*. Enquanto o primeiro ponto diz respeito à possibilidade que um sujeito faça-se visível e enuncie para audiências para além de seu espaço físico, o segundo processo traz à tona a possibilidade da criação de vínculos intersubjetivos entre sujeitos que, na impossibilidade de estabelecer relações físico-presenciais, conseguem criar uma sociabilidade invólucra ao processo midiático em questão. (THOMPSON, 1995; 2008). Estes fenômenos, como bem explicitamos, já aconteciam quando e se pensados a partir das mídias tradicionais eletrônicas; um exemplo disso estaria na possibilidade de que um político evocasse a seus eleitores via rádio ou televisão, ou um que um artista fizesse aparições em programas de TV divulgando seus trabalhos, exemplos estes não tão distantes temporalmente do qual escrevemos, mas suficientemente desgarrados das possibilidades penetradas junto às plataformas de redes sociais. Políticos e artistas continuam aproveitando espaços midiáticos como os programas de auditório e jornalísticos, mas têm possibilidades múltiplas de autopromoção e de visibilidade em seus perfis nas plataformas, por exemplo.

A digitalização dos processos e suas possibilidades múltiplas que envolveriam uma *apropriação* a qual consideraríamos “completa” da mídia, irrompe os horizontes observados por Thompson à luz do que estabelecia e enunciara nos anos 1990 e atinge, para além das celebridades, políticos e figuras de proeminência, sujeitos e sujeitas *comuns* em suas cotidianidades; inclusive a partir de suas relações de proximidade ou não com as mídias. Aqui, consideramos que com as plataformas: “este território de visibilidade em rede digital, no qual circulam **pessoas**, marcas, entidades, propõe um modo de comunicar conduzido por protagonismos amplificados, mais mediatizados do que mediados” (SAAD-CORREA, 2016, p. 7), que alterariam as dinâmicas de visibilidade, em um processo de *dupla inscrição* que seria próprio da cultura digital:

Por um lado, as relações, os afetos, os sentimentos e os corpos estão inscritos nos dispositivos através de imagens, textos e sons produzidos, gravados, compartilhados e armazenados. Por outro lado, nosso *self*, nossa subjetividade, isto é, nossos sentimentos, capacidades, gestos, corpos, percepções... está sendo inscrita e configurada por essas práticas e mediações. Como quando adquirimos novas disciplinas e hábitos relacionados com os usos digitais e as expectativas e obrigações de uso que se geram nas nossas interações (LASÉN, 2012, p. 270, tradução nossa)

A riqueza de se pensar nos atravessamentos possíveis e (im)possíveis entre visibilidade e intimidade sob um viés analítico comunicacional, se dá justamente porque a popularização de artefatos midiático-comunicacionais parece estar invariavelmente vinculada a essas novas formas de vivenciar e estabelecer conexões e relações *com* e *no* mundo. Se a profusão das *webcams* e os relatos de vida cotidiana em *blogs* já eram objetos observados e analisados por pensadores e pesquisadores em suas análises no período do qual popularmente chamamos de *web 2.0*, onde os sujeitos já detinham condições materiais para criarem e produzirem seus próprios conteúdos ao mesmo tempo em que realizam seu consumo; segunda década do século XXI, parece ter implodido ainda mais todas essas possibilidades.

As câmeras acopladas em celulares, a profusão das *selfies*, o compartilhamento da vida cotidiana - agora nas plataformas de redes sociais - que privilegiam cada vez mais as dimensões imagéticas (e que estão cada vez mais interconectadas a fabulações e afetações que também são maquínicas): tudo parece convergir para uma forma de existir que vislumbra a exposição como um atributo contemporâneo a ser conquistado. Diferente da interiorização a qual o sujeito moderno buscava, as subjetividades aqui são exteriorizadas - vale agora menos seu resguardo, pois o “eu se constitui na imagem e como imagem [...] e deve ser reativo ao olhar do outro” (BRUNO, 2013, p. 69). As subjetividades agora seriam *interdigiridas*. A partir de leituras mais críticas, recorreremos a Lipovetsky e Lerroy (2011) para compreender que este sujeito interdigirido, o qual conclamam *hipermoderno*: “faz questão de atuar, de

expressar-se, de dar sua opinião, de participar da vida pública, ainda que de forma diferente da militância política à antiga, que exigia o sacrifício da vida privada e da liberdade de opinião individual" (LIPOVETSKY & SERROY, 2011, p. 146).

Quando Bruno (2013) nos expõe que “a narrativa de si é simultaneamente um modo de decifrar a si mesmo, fundado na suposição de que parte do eu se furta à visibilidade e à própria consciência do narrador” (BRUNO, 2013, p.64), compreendemos que as plataformas facilitariam processos de *tornar-se visível* ao passo que também privilegiariam dimensões do que entendemos enquanto *fazer-se visível*. Ao construir um perfil nas plataformas de redes sociais e entender seus mecanismos de usabilidade, percebemos a facilitação de uma processualidade: novas formas comunicativas conduzidas e interpeladas por esses sujeitos e sujeitas contemporâneos que envolvem, invariavelmente, a visibilidade. Nas palavras de Saad-Corrêa (2016), inspirada por leituras como as de Thompson (1995; 2008) notaria-se um processo de: “visibilidade mediada conduzida pelo sujeito *per si*, pelo *self* e pelo conjunto de sujeitos, as *comunitas*” (SAAD-CORREA, 2016, p. 7). Tem a ver consigo, mas tem também relação com outrem; afinal, somos vistos *pelo* outro.

É importante, sobretudo, que compreendamos, a partir de todo esse percurso teórico sobre visibilidade, que os ideais de intimidade com os quais estávamos lidando há pouco já não parecem mais se adequar a uma realidade em que as criações intersubjetivas sobre o público e o privado se entrelaçam e se confundem as que acontecem em rede e nas conexões que se sucedem a partir disso, nas plataformas. Significa que a intimidade acabou? Não é o que parece; sugestionamos a pensar que ela foi transformada. (SIBILIA, 2016)

Para situar essa realidade a qual buscamos compreender, vislumbramos estabelecer como evidente que as plataformas de redes sociais contribuem, ou ao menos potencializam essas novas formas de se subjetivar. São elas agora quem ditam o consumo da intimidade que ora fora feito por outros artefatos e/ou instrumentos midiáticos, como os livros, o rádio, a TV, etc. Justamente e a partir disso, descarta-se entender a exibição e publicização da interioridade como algo banal ou patologizante, como já dito em outros momentos deste trabalho: nossa busca enquanto pesquisadores das ciências da comunicação não está em atestar juízos de valor aos comportamentos percebidos, mas analisá-los enfaticamente a partir de uma perspectiva plural. Compreendemos, portanto que: “não são as redes sociais [plataformas] que levam a intimidade a se divulgar, mas sim que os dispositivos que cuidavam dessa intimidade se encontram entrelaçados com outros que a usam como valor de exibição” (RODRIGUEZ, 2018, p. 187), o valor de exibição aqui seria, portanto, uma resposta à *visibilidade midiaticizada* às suas inter-relações “exigidas”, ou, “bem-quistas” nas contemporaneidade.

A partir disso também seria profícuo que inferíssemos sobre como esses dispositivos - as plataformas - controladas por grandes conglomerados hegemônicos - alteram nossa relação com dinâmicas do público-privado, por exemplo, ou mesmo sobre dimensões entre individual-coletivo. Se as plataformas, ao privilegiarem processos de visibilidade facilitam o compartilhamento de intimidade promovendo o advento de novos formatos comunicativos e conversacionais, tornam portanto mais difícil a definição de uma “barreira estável e clara entre o que é íntimo e o que não é” (LÁSEN, 2015, p.72-73, tradução nossa). Cabe-nos em nosso trabalho investigar também as apropriações feitas pelos sujeitos e sujeitas sobre essa questão, atualizando debates e vislumbrando-os a partir e desde a comunicação. Seria ingênuo também, no entanto, que rejeitássemos o imenso volume de dados coletados e (re)coletados pelos sujeitos ao construírem as narrativas sobre si mesmos nesses espaços, nos lembrando que o debate sobre vigilância (VITTALIS; MATTELART, 2014), também deve estar entrelaçado aqui, principalmente quando notamos que os novos hábitos advindos junto às tecnologias digitais estariam sempre atravessados por dinamismos dicotômicos que envolveriam, por exemplo: a identidade e reflexividade e a vigilância e o controle (LASÉN, 2012)

As (novas) vinculações e compreensões de intimidade dentro do espaço das plataformas nos possibilitam compreender novas dinâmicas comunicacionais que prescindem de investigação. Sugerimos, portanto, junto a Chambers (2013) que merecem atenção as novas convenções no que dizem respeito a representação e expressão da intimidade em espaços como os quais analisamos aqui, compreendendo que o limite entre público e privado se complexifica de maneira efusiva com as possibilidades permitidas pelas plataformas e que isso envolve dinâmicas de se *tornar* ou se *fazer* visível (ou não).

5.2.2 Cultura e compartilhamento de si no *Instagram*: há como falar em privacidade em espaços algoritmizados?

O aplicativo *Instagram* foi criado em 2010 e posteriormente vendido a Mark Zuckerberg, dono do *Facebook*, em 2012. Segundo estatísticas da própria plataforma, há mais de um bilhão de contas no aplicativo em todo o mundo, sendo o Brasil, o terceiro país com mais sujeitos e sujeitas utilizando-o de forma ativa, atrás apenas dos Estados Unidos e da Índia.⁴¹ É nesta plataforma onde faremos nossa análise conceitual-prática acerca dos

⁴¹ Dados disponíveis em: <<https://exame.com/tecnologia/instagram-superou-1-bilhao-de-usuarios-ativos/>>
Acesso em: 13 jul 2022

processos que nos importam aqui.

Não buscaremos, neste trabalho, definir marcos históricos no que tange os processos de modificação na plataforma; no entanto, nota-se que pouco a pouco, suas ecologias e seus formatos de uso e apropriação deixaram de se configurar como um repositório *para e de* armazenamento de fotos e vídeos (marcadamente observáveis em seus primórdios) para uma ambiência que estabelece novos e distintos vínculos de usabilidade que envolvem aspectos notadamente comunicativo-conversacionais. Entre eles destaca-se a criação e incorporação de *chats* de conversa instantânea e também o nascimento da ferramenta dos *stories*, um espaço de publicização efêmera que desaparece em 24 horas após a postagem realizada pelo sujeito. Nele, pode-se compartilhar fotos, vídeos à uma miríade de conteúdos imagéticos, textuais com incorporações distintas como (re)compartilhamento de publicações e *posts* próprios e/ou de outras contas (LEAVER, HIGHFIELD & ABIDIN, 2020) em um ecossistema propriamente plataformizado que permitiria uma série de desmembramentos e que envolvem distintas possibilidades de autoapresentação; espaço profícuo e produtivo para a investigação de distintas e complexas *performances* portanto.

Novamente, como em outros momentos deste trabalho, não pretendemos caracterizar os usos e apropriações da plataforma a partir de hipóteses de frivolidade no que concerne ao fenômeno a ser investigado. Justifica-se aqui serem necessárias iniciativas de pesquisa com visões congregadoras, que se furtem a postular indícios fixos e imutáveis sobre as *performances* desses sujeitos e sujeitas. Fugimos então de avaliações, caracterizações e/ou dimensões valorativas, compreendendo que elas seriam pouco enriquecedoras do ponto de vista científico; estas iniciativas, de maneira invariável, buscariam utilizar em suas enunciações, suposições que implicitamente valeriam-se da conjunção *ou*, exprimindo condicionantes, portanto a essas dimensões performativas as quais nos interessam aqui. Nos importa, em nosso trabalho, menos estabelecer verdades absolutas sobre bem *ou* mal, certo *ou* errado, isso *ou* aquilo e mais *es*. Investigações de fôlego precisam de iniciativas aditivas. Investigar e analisar e sugerir e observar e identificar *performances* que acontecem a partir e pelos sujeitos no *Instagram*: isso é o que buscaremos fazer, em especial quando interconectadas com as experiências pessoais envolvidas por percepções sobre e a partir da intimidade e das exposições de si neste espaço.

Voltando a Sibília, compreendemos que quando a autora nos diz que os sujeitos publicizam suas vivências na internet “sem inquietude com relação à defesa da própria privacidade” e que o “anonimato tampouco parece desejável” (SIBILIA, 2016, p.110),

concluimos que a autora se respalda fundamentalmente em estudos arqueológicos essenciais ao nosso campo e que são de exímia importância para que esta pesquisa possa ser realizada. Se, como explicitado em tópico anterior, a visibilidade na contemporaneidade precisa ser perseguida, visualizamos a partir de sugestões teórico-práticas realizadas nesta investigação, que: “as plataformas construídas sob normas, necessidades e interesses que por vezes são escusos e implícitos, estão atentas a novas dimensões de criações subjetivas que visam responder intentos de (in)visibilidade e de negociação mais gerenciável sob a própria intimidade” (ANDRADE, 2022, p. 7), mas não apenas: sujeitos e sujeitas envolvidos aos constructos teóricos que estão entrelaçados a tríade compreendida aqui quanto *identidade, intimidade e performance* e todas as suas vinculações e atravessamentos com a *visibilidade* buscam estabelecer fluxos comunicativos que seriam altamente reflexivos e que irromperiam análises puramente determinísticas sobre a exposição de si nas plataformas. Tudo isso envolvido por dimensões marcadamente imagéticas.

Se a intimidade possui difícil definição conceitual e se altera *pelos e nas* mídias ao se entrelaçar, entre outros fatores e processos à visibilidade midiática (e midiaticizada), cabe aqui acionarmos ao debate a plataforma escolhida para pensar e refletir sobre a tematização proposta pelo nosso trabalho: o *Instagram*. No nosso processo de análise buscaremos observar e identificar formas, maneiras, processos e dinâmicas envolvidas em como os sujeitos e sujeitas se apropriam da plataforma em questão para construir a si mesmos identitariamente - compreendendo seus perfis enquanto representantes *online* de suas identidades corporificadas.

O debate envolvendo as dimensões de intimidade estaria justamente no que vislumbramos aqui enquanto *agência e poder de escolha*, emprestando a terminologia advinda dos estudos sociológicos da intimidade desenvolvidos por Chambers. Ao refletir sobre dinâmicas familiares e de amizades envolvidas as compreensões de intimidade - em especial e quando pensadas sob a ótica da digitalidade - a autora afirma, conforme também pensamos, que: “sentidos e práticas de intimidade tem sido reconfiguradas e tem desafiado os limites entre público e privado” (CHAMBERS, 2013, p. 42, tradução nossa) e que esse limite, ora se afrouxa, ora se constringe, a partir das escolhas envolvidas à *divulgação* da intimidade, o que, proferido em outras épocas, seria um contrassenso. Estabelecendo relações com o pensamento de Jamieson (1998) sugerimos que a digitalidade propõe aos sujeitos estruturas que envolvem *reciprocidade e mutualidade* e que estas estariam, de forma mais ou menos implícitas, dependentes das necessidades e formas de uso e desejo dos sujeitos e sujeitas, aqui em nosso trabalho, os adolescentes.

Pensaremos neste processo olhando em específico para as estruturas do *Instagram*, mas compreendemos que essas dinâmicas se espraiam de maneira desprendida e flexível também para outras plataformas de redes sociais, em um vislumbre que escolhemos caracterizar como parte de um processo que envolve a *destraditionalização da intimidade* - este, está concatenado por dimensões sócio-culturais e históricas delineadas e muito mais complexas como: a segunda onda do feminismo, a diversidade nos tipos de família e as reformatações nas relações pessoais (CHAMBERS, 2013; GIDDENS, 1991), esta última mais propriamente pode-se inferir ao advento das novas mídias e da digitalização dos processos, mas não se restringiria a eles.

Estes debates todos suscitados aqui, e a partir de inferências e aproximações sobre usabilidade da plataforma, nos direciona para uma percepção nas apropriações que privilegia as dinâmicas de exposição da *imagem*. Não se trata, portanto, quando falamos de *Instagram*, em simplesmente expor; porque a exposição, por si só, indicaria uma dimensão valorativa que privilegia as dinâmicas e processualidades *imagéticas* - no caso do aplicativo isso se daria por vias distintas que podem se complementar como as publicações realizadas no *feed* -posts, portanto e que estão sinalizados na forma quando adentramos aos perfis desses sujeitos ou sujeitas e dispostos na plataforma em nosso *feed* em que se corresponderia a rolagem verticalizada do aplicativo ou ainda pelos *stories*, já citados aqui - desaparecendo 24 horas depois de sua publicização - dispostos no topo do aplicativo a partir de uma dinâmica de observação verticalizada. Ambas funcionalidades, no entanto, sinalizam para um uso prioritário de dimensões e representações da imagem.

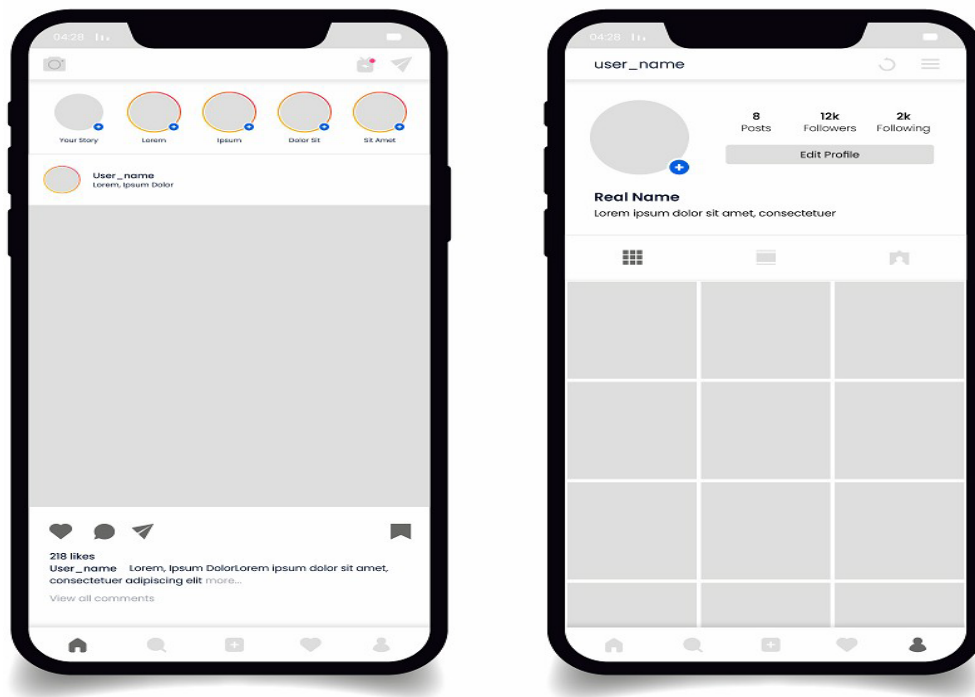


Imagem 4: Exemplo de estrutura da ecologia do Instagram indicando o espaço do *feed/stories* (fonte: JivoChat)

Para além dos apontamentos de uma *cultura da imagem* potencializados pelas vastas leituras que afirmam que as imagens teriam se transformado puramente em técnica (pela interação com os dispositivos digitais) ou como em Baudrillard (1991) onde elas estariam perdidas em dimensões tempo-espaciais e tornariam-se *simulacros* em que o acontecimento/fato captado e a percepção/recepção da imagem estariam dissolvidos - privilegiamos estabelecer co-relações outras em nosso trabalho. A *cultura da imagem* existe e está entrelaçada pelos dispositivos midiático-comunicacionais; cabe entender este privilégio dado às dinâmicas imagéticas de forma parecida com a qual compreendemos as motivações para a exposição da intimidade no capítulo anterior. Assim então, sugerimos que as plataformas estão atravessadas por mecanismos que utilizam as *imagens* como valor de exibição. Tudo isso acontece e se delinea em uma sociedade midiaticizada em que os sujeitos e sujeitas, além de serem afetados pela mídia, também a *fazem* - neste caso, criando e produzindo imagens sobre si mesmos.

Aproveitamos as tematizações aqui elencadas para, inspirados em Lasén, refletir sobre as processualidades envolvidas ao compartilhamento de fotografias em espaços digitalizados, irrompendo dimensões de público e privado e entrelaçando-os com os debates que envolvem privacidade e, *a posteriori*, os ideais de intimidade. Afinal: qual a intimidade

que estamos pensando quando falamos sobre esta plataforma e sobre as exposições de si? O que estaria envolto nesse jogo particular e pessoalizado que também envolve dimensões conjuntas e co-partícipes e que se esbarra em uma miríade de tematizações construídas e (re)elaboradas historicamente? Pensando em uma dimensão vinculada a exposição de fotografias, Lasén nos relembra que

As diversas formas de pensar a privacidade e a esfera pública compartilham duas funções tipos fundamentais de imagens opostas: primeiro, pessoal *versus* coletivo; segundo, o que está oculto, retraído, secreto *versus* o que está aberto, revelado, acessível, exposto. Essas formas lúdicas e complexas de apresentar e representar através de práticas de auto-retrato obscurecem a divisão entre público e privado, abrindo intimidade a novos espaços e participantes desafiando sua ligação com privacidade” (LASÉN, 2015, p. 72, tradução nossa)

Nos importa em nossas investigações, justamente compreender o trabalho reflexivo dos sujeitos em estabelecerem dinâmicas no que se refere a esses compartilhamentos e exposições que estariam atravessadas a uma interferência que também é maquínica e que se apresenta a partir e pelas plataformas de redes sociais; mas não apenas. Relacionando os *tipos fundamentais* de imagens opostas a que se refere Lasén, voltamos a Giddens (1991) e a Goffman (1985; 2014) para lembrar que as interações têm sempre um grau reflexivo que diz respeito a *quem*.

Daí aqui compreender como os adolescentes fazem suas escolhas e se interpelam nas construções de si, usando 1) mecanismos, funcionalidades e *affordances* propostas pela própria plataforma, aqui, representada pelo *close friends*, criada em 2018, é uma lista autogerenciável em que os sujeitos podem eles mesmos escolherem quem verá suas publicações via *stories*. e se caracteriza como um “desmembramento” do próprio stories, com a diferença de que eles podem escolher autônoma e manualmente quem pode ter acesso aos conteúdos compartilhados neste espaço. Quem adentra esta lista consegue visualizar as postagens a partir de uma marcação verde no círculo do stories, o que sinalizaria a diferença em relação às publicações nos *stories* normais. Nas palavras de Sihombing e Aninda (2022):

“esta funcionalidade permite-nos carregar fotos ou vídeos incluídos num obturador privado e carregados em histórias para que possam ser consumidos apenas por determinadas pessoas, que são mais privadas do que as partilhadas com o público. A lista pode ser alterada conforme necessário. Os usuários podem adicionar ou excluir contas a qualquer momento de acordo com o que desejarem através das configurações do aplicativo Instagram” (SIHOMBING; ANINDA, 2022, p. 30, tradução nossa)

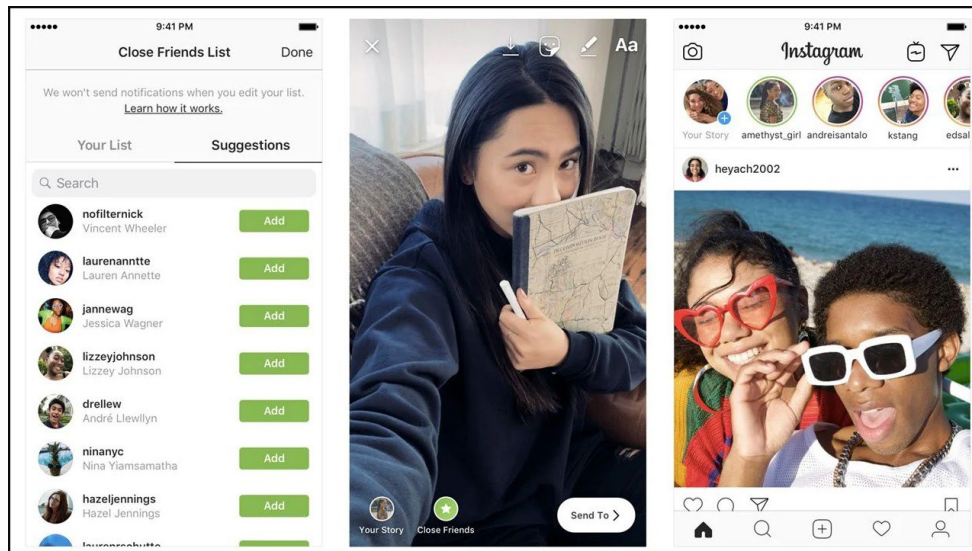


Imagem 5: Exemplo do funcionamento da funcionalidade *close friends* (fonte: B9)

ou 2) reivindicando a criação e estruturação de **novos perfis** a partir de uma **gambiarra sociotécnica** que envolveria escolher com maior autonomia quem o poderia seguir. Na literatura, os estudos têm compreendido esta dinâmica como *Finstas* (ou Fake Instagram, em tradução livre, Instagram Falso), e reiteram que é um espaço seguro para que os sujeitos performatem seus *selves* de maneiras muitas, mas sempre com vinculações ao que compreenderíamos enquanto um ideal de intimidade sob quem pode ter acesso a essas publicações. No nosso trabalho, sugerimos, além dessa hipótese, outras aberturas temáticas que foram notadas e percebidas a partir das reflexões empíricas, como a construção de perfis que se vinculem a aspectos laborais dos/as sujeitos/as. Nestes casos, há criação de outros perfis para compartilhar e expor questões que envolvam experiências laborais práticas



Imagem 6: Exemplo de usos distintos no *Instagram* e no *Finstagram* (fonte: ad Council)

Tornar o seu perfil privado, criar um novo perfil ou utilizar o *close friends*, ou seja: escolher ou ao menos possuir mais autonomia sobre quem pode o seguir e/ou ver suas publicações, pode nos tensionar para um gerenciamento autônomo que nos é importante para este trabalho. Inspirados em leituras como as de Xiao, Metaxa, Park, Karahalios e Salehi (2020), Tan Jun Wei (2020) ou ainda de Tadayoshi (2020), visualizamos a necessidade dos sujeitos e sujeitas criarem espaços alternativos para suas autoapresentações. Em pesquisas a terminologia *Finsta*, remetendo a ideia de *Fake Instagram* ou em tradução ao português, *Instagram Falso*, tem sido utilizado para responder esses intentos, entendendo-os como espaços de “reconfiguração de intimidade” onde haveria, um “o reaproveitamento de uma plataforma sociotécnica subvertendo sua função; neles ao invés dos usuários estarem constantemente realizando uma versão apresentável de si mesmo, esculpem um espaço de maior privacidade e emoções, apoio, suporte” (XIAO *et al*, 2020, p.10, tradução nossa) ou ainda um espaço de monitoramento constante, inspirado em leituras dos estudos da *performance* e acionando terminologias como *palco e bastidor*, presentes nos escritos já citados de Goffman (1985; 2014) que possibilitaria autonomia de escolha (TAN JUN WEI, 2020) - o que vai ao encontro dos sugestionamentos inferidos por nossa pesquisa. Grande parte dessas pesquisas estão situadas em países do sudeste asiático, mas também há pesquisas encontradas em países lusófonos, como em Portugal. (DEWAR, *et al.*, 2019; XIAO, *et al.*, 2020; DARR, DOSS, 2022). Essa abertura temática nos importa aqui para compreender sobre a *autoapresentação* desses adolescentes nestes perfis distintos, compreendendo que eles querem manter dinâmicas que envolveriam a coerência expressiva (SÁ & POLIVANOV, 2012) sob seus próprios perfis “*reais*” e que, supostamente, como nos direcionam e encaminham as leituras teóricas, não poderiam fazê-la com postagens como as publicizadas em seus perfis “*falsos*”; mas não apenas.

Essas inferências nos ajudam a pensar nos usos e apropriações realizadas pelos sujeitos no *Instagram* a partir de uma iniciativa em que buscam implicitamente “desafiar as fantasias tácitas, regras e obrigações que definem a intimidade como não problemática e tida como certa” (BERLANT, 1998, p. 287, tradução nossa) e que conforme nos explica Lasén em seu estudos sobre as práticas de *selfie*, encontramos também nas iniciativas de autoapresentação em ambiências plataformizadas: “usos [que] também são múltiplos, envolvendo diferentes ações e articulações com a divisão público/privado” (LASÉN, 2015, p.63, tradução nossa)”

A divulgação e exposição da intimidade seria, portanto, neste caso *co-construída e se formataria* em consonância com dimensões relacionáveis às processualidades dos equiparatos. Citando Lasén novamente: “as performances são coreográficas no sentido de que são altamente relacionais e interativas, envolvendo sintonia e ressonância mútuas, às vezes até mesmo sequências dialógicas de chamada e resposta” (LASEN, 2015, p. 64, tradução nossa), e isso nos move a pensar a importância do *outro* para as construções e para o entendimento, percepção e sugestionamento dos ideais de intimidade nas autoapresentações realizadas no *Instagram*.

No dia seis de outubro de 2023, durante a já finalização da etapa empírica deste trabalho, o *Instagram* anunciou, como teste, a possibilidade de que os/as sujeitos/as criassem várias “listagens” de amigos para o compartilhamento distinto em distintas ocasiões; como um desmembramento da função “melhores amigos” a qual debatemos a pouco e a qual está enredada nos debates empíricos do nosso trabalho. A informação foi confirmada por Adam Mosseri, chefe da rede social no mesmo dia, concluindo que a ferramenta é uma busca contínua no oferecimento de/da privacidade aos sujeitos/as, em especial, aqueles que possuem seus perfis públicos/abertos, tensionamento que também se entrelaça ao nosso debate operativo-empírico. A ferramenta, segundo Mosseri, tem sido estudada desde 2021.⁴² A adição de mais uma funcionalidade enquanto a pesquisa se encontrava em vias de concretização, nos faz refletir sobre a proeminência que os estudos em cultura digital têm em formatações de tempo-espço em que as dinâmicas sociais e de interação estão vinculadas a infraestruturas plataformizadas, como já dissemos em outros momentos.

Inferir sobre análises como as que temos feito aqui, seguem sendo, portanto, frutíferas para compreensões a partir de desde o processos interacionais em ambiências digitais; isso envolve também reconhecer que todo trabalho precisa de um ponto final e que não conseguimos, por mais que tentemos, abarcar todos os anseios e desejos de pesquisa que vão nos atravessando no percurso. Fica aqui, portanto, um chamado e um atestado para a importância de investigações como as que temos feito e interpretado aqui enquanto autoapresentações em plataformas; antes de tudo porque aparentemente não deixará de ser realizada em contextos com os quais estamos momentaneamente envolvidos, mas principalmente porque merecem atenção a partir de como e sob quais circunstâncias estarão

⁴² Dados informativos sobre as listagens podem ser encontradas aqui:

<<https://tecnoblog.net/noticias/2023/09/15/instagram-deve-lancar-novo-melhores-amigos-em-breve/>> e aqui: <<https://olhardigital.com.br/2023/10/06/internet-e-redes-sociais/e-oficial-instagram-ja-esta-testando-opcao-de-varias-listas-de-amigos-proximos/>> acesso em 15 de nov 2023

envoltas, considerando as mudanças constantes no que convencionamos chamar de plataformas, sempre pedindo-nos, inclusive, para que nos autoapresentemos.

5.3 Da performance: comunicativa por natureza

Paga de loko chama de performance
Ruas paulistanas

A prática comunicativa é tão antiga quanto a própria ideia de sociedade e para nos comprovar isso, há uma vasta gama de estudos que nos atestam sobre as dinâmicas conversacionais de agrupamentos humanos primitivos. Vastos também são os escritos que investigam e delineiam o caráter complexo e multidimensional da comunicação enquanto campo de conhecimento, constatando suas asperezas e deficiências estruturais que vão desde a definição conceitual imprecisa, passam pela ausência de métodos próprios e chegam na enormidade de vinculações abarcadas por uma disciplina datada de recente institucionalização no campo acadêmico.

Nascida a partir de confluências muito específicas, a comunicação se fecundou enquanto campo teórico no início do século XX, mas foi depois da Segunda Guerra Mundial que os estudos ganharam fôlego e começaram a despontar; bem verdade, ainda vinculados fortemente a outras áreas do saber, como à política e economia nos Estados Unidos, sob a égide filosófica e analítica na Alemanha, introjetada pela cultura e antropologia, na Inglaterra ou marcadamente sob forma e prática de resistência, em solos latino-americanos.

A dificuldade em se recortar um objeto específico da comunicação, nasce entre outras coisas, pela sua fácil vinculação ao advento das mídias em suas respectivas temporalidades, que não podem ser consideradas propriamente um objeto de conhecimento do campo, menos ainda seu objeto empírico, incorrendo ao risco de fragilizar e até mesmo, minimizar sua episteme. Junto a Sodré (2015), concordamos que o espraiamento da atividade comunicacional em termos acadêmicos continua sendo - ainda e especialmente - nos dias de hoje, um fator a ser considerado. Nas palavras do autor, o campo “permanece cientificamente tão ambíguo quanto no passado, em meio a milhares de estudos recortados sobre todo tipo de tema imaginável” (SODRÉ, 2015, p. 67). Isso pode ser percebido e constatado pela vasta quantidade de novos programas de pós-graduação na área que despontaram entre meados de 2000 e 2010, geralmente nascendo com vinculações e especificidades muito bem demarcadas em suas nomenclaturas e linhas de pesquisa. Os programas tradicionais do campo, contudo, seguem abarcando grandes eixos temáticos de trabalho, permitindo acionar estudos muito amplos, como afirma Sodré (2015). É curioso, no entanto, perceber que quanto mais tradicional, mais amplo parece ser o leque de possibilidades que um programa do campo consegue absorver, ao passo que a ambiguidade científica a qual nos conclama o autor, parece

ser uma demarcação fortificada de quando o programa se torna bem postulado cientificamente. Programas vinculados à comunicação e consolidados cientificamente, geralmente possuem linhas de pesquisa que variam bastante entre si.

Por seu caráter maleável e adaptativo, podemos reiterar uma vinculação despreziosa e corriqueira do campo às dinâmicas e transformações da vida social cotidiana; com estudos que refletem - muitas vezes sem a maturação suficiente, mas ainda assim de forma necessária - fenômenos, experiências e tendências da realidade palpável dos sujeitos e sujeitas que comunicam, bem como da forma como o fazem, sob quais circunstâncias e por quais (se for o caso) aparatos. Era assim em meados do século XX e nos parece continuar sendo assim com o advento da tecnologia e comunicação digitais, que aceleraram a produção do campo com profusão, como fizeram outras mídias em outros tempos. França e Simões (2017) entendendo a comunicação em si mesma enquanto processo histórico, nos sugerem que o objeto de estudo da comunicação seria a própria comunicação, entendendo-a como “uma concepção, uma forma de ver, perceber e enquadrar uma ação qualquer enfocando e resgatando sua dimensão comunicacional” (FRANÇA; SIMÕES, 2017, p. 27).

Mas o que esse preâmbulo tem propriamente a ver com a performance e porquê escolhemos falar de comunicação antes de citá-la? Explicamos: nascidos no seio vanguardista que permeou o início da década de 1970, os estudos da performance se constituem majoritariamente de bases antropológicas, em uma tentativa de estreitar as divisões existentes junto aos estudos do teatro; mas também se apropria de discussões fundantes da sociologia, psicologia, linguagem e, mais recentemente, também da comunicação.

A performance, vale dizer, assim como a comunicação, existe desde que existem pessoas, embora tenhamos que considerar as distintas temporalidades, espaços e culturas (TAYLOR, 2013). É certo, no entanto, que nos comunicamos e performamos sem que necessariamente reflitamos sobre fazê-los. A performance possibilita que disciplinas se agreguem a ela de maneira descomplicada, atravessando fronteiras delimitadas por um fazer científico cartesiano e ortodoxo. Materializa, portanto, em si mesma, o reflexo de um termo que se tornou um “guarda-chuva” nos estudos das ciências sociais nas últimas décadas: a pós-modernidade, ou a modernidade tardia, modernidade líquida e tantos outros sinônimos que têm por característica dar significado a um mesmo fenômeno complexo e plural por natureza, afinal, existiriam mais pós-modernidades do que supomos conscientemente. Seria portanto a performance “o modo unificador do pós-moderno” (CARLSON, 2010).

Richard Schechner, autor estadunidense, afirma enfaticamente em seus trabalhos que qualquer coisa e tudo pode ser estudado *como* performance, já que: “não há histórica ou

culturalmente um limite fixado que diga o que é ou não performance” (SCHECHNER, 2013, p. 2, tradução nossa). Mais do que uma indefinibilidade, os estudos da performance apresentam uma polissemia que não parece soar como incômodo aos seus pesquisadores. Seus estudos não são organizados em um “sistema unitário”, o que implica considerar o *locus* transdisciplinar e de encontro abarcados por seus estudos. (SCHECHNER, 2013), assim como também consideramos - em especial neste trabalho - a comunicação. Podemos também observar tudo *como* ou *enquanto* processo comunicacional. E isso, longe de fragilidade epistêmica, deveria ser entendido e percebido enquanto peculiaridade e riqueza.

Ao entender que a performance visa sempre o olhar do outro, convidamos os leitores e leitoras a participar desse trabalho: ele é, portanto, *nosso*. Os leitores estão performando durante seus processos particulares de leitura, tal qual o autor esteve a fazê-lo durante a escrita. A performance pode captar variadas significações, nos sugerir diversas práticas, nos induz a pensar uma miríade de coisas, situações e atos. No entanto, reivindicamos aqui, entendê-la a partir e desde uma perspectiva comunicacional. No nosso trabalho pretendemos situar os leitores da riqueza conceitual que comporta o termo e por isso, nos apoiamos em autores basilares para a disciplina. (TAYLOR, 2013; SCHECHNER, 2002; ZUMTHOR, 2018; MARTINS, 2021; GOFFMAN, 2014).

Para nós, a performance não deve ser cooptada por leituras que induzam a uma associação negativa, como se a ideia do que é *performativo* estivesse vinculada a uma percepção de falseamento ou simulacro. Aqui, cabe-nos dizer que pretendemos interseccionar o entendimento da performance a uma matriz teórica da comunicação, entrelaçando suas peculiaridades, demonstrando suas potencialidades conceituais, e concatenando-as para entender as dimensões de uma sociedade altamente midiaticizada digitalmente. Escolher como se autoapresentar em seus perfis de rede social demonstra uma atitude reflexiva, consciente e altamente performativa. Buscamos, a partir de referências interacionistas como as de Goffman (2014), atualizar o debate acerca das representações sociais, do gerenciamento e das manipulações da impressão, valendo-se de uma perspectiva midiático-comunicacional, entendendo que embora sejam frutíferas as articulações feitas e pensadas pelo autor canadense, elas já não explicam de maneira suficiente uma realidade atravessada por dimensões complexas como as encontradas nas plataformas de redes sociais, com todas suas particularidades, complexidades, formas e possibilidades de uso e interesses privados imbricados.

Buscamos a partir de trabalhos como os de Polivanov e Carrera (2019), adentrar aos debates sobre a subjetivação de si em rede - da performance portanto - considerando o

atravessamento crucial entre: a) as dimensões sensíveis do sujeitos e as escolhas conscientes acerca do material publicizado ou não e b) a de um coletivo sociotécnico, tecnocultural, mediatizado, reproduzível. Já debatemos sobre isso no tópico anterior.

Em nosso trabalho, congregamos a ideia de que além de conceitualmente, ela nos é importante também como *lente metodológica* (TAYLOR, 2013); mais do que abstração teórica, ela nos dá indicações empíricas cruciais. Acreditamos que há intencionalidades nas escolhas de publicização (ou não) nos conteúdos dos perfis de adolescentes no *Instagram* e isso envolve questionamentos identitários e formas de se relacionar com a (in)visibilidade e com a intimidade, dimensões teóricas das quais já apresentamos aqui. Entendemos, portanto, que além de uma performance identitária em seus perfis, os adolescentes negociam visibilidade a partir de um jogo que também envolve performance (e ajuste, e negociação), mas de intimidade. Entendendo que a reflexividade é atuante e central para as delimitações sobre *o que e como* postar ou não, concluímos entender e reivindicar a própria performance como uma “grande hipótese” de pesquisa.

5.3.1 Comunicação com performance e performance na comunicação

Etimologicamente derivado do francês *parfournir* [fornecer, completar], o termo performance, como se consagrou nos estudos ao redor do mundo, não possui tradução no português ou espanhol, tratando-se portanto, de um estrangeirismo. Diana Taylor assume ser tranquilizadora a sua indefinibilidade e intraduzibilidade e mesmo utilizando o termo anglo-saxônico a seus estudos - que se caracterizam pelo teor decolonial - afirma que a significação sobre performance é dúbia e intangível mesmo para os falantes da língua inglesa. A autora, contudo, busca no *Náuatle*, dialeto asteca, um possível substituto: *Olin*, que em tradução livre significaria: “movimento repetido” ou ainda “o motor por trás de tudo que acontece na vida”. O termo também é um mês do calendário asteca e o nome de uma divindade que intercede por causas humanitárias; abrangendo portanto, um enorme contingente de situacionalidades que vão desde dimensões temporais até adoração doutrinária. (TAYLOR, 2013)

Atualizando o pensamento de Taylor, sugerimos duas terminologias advindas do tupi-guarani e que poderiam igualmente ajudar a tecer a incompreensibilidade do termo performance: *Rama* [futuro, promissor] e *Pûera* [passado, que já foi]. De uma das centenas línguas dos povos originários do Brasil, nos apropriamos da ideia de que o tempo se expressa a partir dos objetos, e não do verbo, como o imperialismo linguístico nos acostumou. Se performance é arquivo e também repertório, como explica Taylor (2013), devemos considerar

que ela está no passado, no que foi e no que deixou de ser, nos rituais incorporados geracionalmente e, portanto, no corpo em sua totalidade, abarcando a fala e suas manifestações. Está também no porvir, no que pode ser compartimentado e em suas reprodutibilidades, no que há de ser escrito e documentado. Está, portanto na comunicação, dolatim *communicare* [tornar comum, partilhar].

Quando Martín Barbero, em entrevista à Taylor afirma que os estudos da performance são um “espaço teórico, metodológico e estratégico para se refletir a multiplicidade dos conflitos que atravessam o corpo”⁴³, o teórico colombiano nos sugere pistas para entender a performance a partir da corporeidade, também tão importante às ciências comunicacionais. Em Martín-Barbero (2018) “o sujeito constrói sua existência em um esforço que é a implementação e apropriação do movimento e ação inseridos no corpo”(MARTÍN-BARBERO, 2018, p. 114, tradução nossa), nas palavras do autor, o corpo afeta a ação; mas não se isenta de lembrar que a linguagem é uma forma de “habitar o mundo, de estar presente” (2018, p. 114). Quando a performance corporal e linguística se interpelam, transformam-se em uma só: a comunicacional. Tudo isso fica ainda mais complexificado em situações midiaticizadas digitalmente onde, supostamente, não contamos com nossa corporeidade física; mas onde podemos nos apropriar indiscriminadamente das possibilidades de construção linguística que envolve o *arquivo* e as dimensões textuais que as plataformas nos possibilitam, mas também os atravessamentos múltiplos das publicações imagéticas, dos vídeos, das escolhas refletidas sobre como construir nossos perfis e das possibilidades que as plataformas possibilitam aos sujeitos e sujeitas no decorrer do tempo, que se interpelam aos *repertórios* de vida e trajetória de cada sujeito e sujeita. Tudo isso, aqui para nós, comporta uma dinâmica altamente performativa. E porque performativa, comunicacional.

O linguista Paul Zumthor (2018), é outro que nos ajuda a interpretar a performance sob um ponto de vista do encontro, da partilha, mas principalmente do corpo - considerando também sua indefinibilidade temática - o autor suíço contribui afirmando que a performance: “é um saber-ser que implica e comanda uma presença e uma conduta, um *Dasein*⁴⁴, comportando coordenadas espaço-temporais e fisiopsíquicas completas, uma ordem de valores encarnada em um corpo vivo”. (ZUMTHOR, 2018, p. 240).

Aproveitando as linhas de abstração a que Zumthor nos convida, talvez não seja surpreendente pensarmos que os estudos comunicacionais, embora genealogicamente mais

⁴³ Entrevista concedida à Diana Taylor, em 2002. Na íntegra em:

<<https://scalar.usc.edu/nehvectors/wips/jesus-martin-barbero-portuguese>> acesso em: 22 de jun 2022

⁴⁴ Termo que designa, em suma: existência

próximos da sociologia, contemplem tanto os questionamentos platônicos instaurados no limiar do que conhecemos Antiguidade Clássica. A grosso modo, lembremos que à época, além da necessidade de que a linguagem se vinculasse ao campo do pensamento, para os filósofos, deveríamos encontrar formas de transmiti-la. Daí nasce o ímpeto de supor que há comunicação verdadeira e outras apenas que servem ao discurso pelo discurso, como faziam os sofistas na longínqua Atenas de Platão. Por descomedida que pareça essa operação mental, ela nos ajuda a entender e discorrer que além de sempre terem existido, comunicação e performance também sempre foram questionadas, analisadas e examinadas. Imputando-as caracterizações valorativas de autenticidade e legitimidade, ou por outro lado, do ilusório e dosimulado, o pensamento e a civilização se solidificaram sob a comunicação e a performance.

Se os atos de comunicar e performar são postos em tensão, é porque compreendemos que a recepção e as formas de sentir, entender e presenciar são idiossincráticas e, portanto, um mistério. O mito da passividade na comunicação, já esclarecido e resolvido por uma enormidade de pesquisas, nos ajudam a entender que a construção subjetiva dos sujeitos, suas vivências e realidades, deixam marcas significativas na forma como se relacionam com o mundo; por conseguinte, em como se comunicam e em como performam a si mesmos. Ao se aprofundar em estudos midiológicos, Thompson (1995) nos apresenta uma historicização relevante e profunda das mudanças sociais produzidas pelas mídias em diferentes épocas - como já citado anteriormente neste trabalho.

Escrevendo ainda antes da digitalização e contribuindo com o campo a partir de suas percepções relacionadas à televisão e as novas formas de publicidade, o autor é enfático ao afirmar que a mídia modifica a compreensão com o passado, ampliando a vida cotidiana para além dos “encontros diários”; uma das contribuições do autor é nos propor a pensar em novas formas de interação uns com os outros.

Se em grande parte da trajetória de sua existência a humanidade esteve adaptada com interações face a face, transmitidas, em grande parte, a partir da oralidade, foram as mídias que inseriram a complexidade fundante de novos formatos de interação com o mundo. As concepções do autor nos importam aqui, porque além de notadamente modular dimensões conversacionais e comunicacionais, irrompem também as *performances*:

É claro que os indivíduos que se ocupam numa interação, seja mediada ou face a face, estão sempre se servindo de habilidades e recursos acumulados de vários tipos. Suas ações sempre fazem parte de um campo estruturado de interação que tanto cria quanto limita as oportunidades que lhes são disponíveis. Mas nos casos de interação e quase-interação mediadas, os campos de interação adquirem uma complexidade adicional, uma vez que eles estão agora dilatados no espaço (e talvez também no

tempo). e os participantes podem estar situados em contextos os mais diversos em termos de características institucionais e estruturais (THOMPSON, 1995, p. 84)

É na dilatação de tempo-espço que Thompson nos dá pistas para entender novas formas de representação de si, conclamadas pelo autor de “ações à distância”. Essas ações servem, entre outras coisas, para orientar o comportamento dos sujeitos que recebem as mensagens: os receptores; que longe de serem passivos, também comunicam (e performam). Não nos interessa aqui explicitar cada uma das formas como o autor pensou essas novas representações (ou modos de performar o *self*, porque não?) e elas talvez já não nos sejam tão valiosas quanto em meados dos anos de 1990, mas podemos exemplificar algum desses fenômenos performático-comunicacionais, sendo eles: a orientação para que políticos falem para a câmera, a consciência de estar sendo filmado, a organização de grandes eventos públicos com roteiros, a inserção de mecanismos planejados como risos pré-gravados em séries de TV, entre outros diversos exemplos.

É junto ao pensamento de Goffman (1959; 2014) onde Thompson encontra respaldo para pensar todas essas questões. Não à toa, o sociólogo canadense e um dos autores mais referenciados nas ciências sociais, foi o precursor do que chamamos de perspectiva dramaturgica da performance. Especificamente falando em um contexto cultural e social dos Estados Unidos aos finais da década de 1950, Goffman buscou entender o cotidiano como o palco de um teatro. Essa perspectiva, como citada no capítulo anterior, é muito valiosa em nosso trabalho.

As interações sociais modificam a forma como agimos, é fato. Se estamos caminhando na rua sozinhos e nos encontramos com alguém conhecido, prontamente mudamos nossa feição e nossa forma de agir; o grau de proximidade com a pessoa também determina muito da ação. Só um aceno, parar para conversar rapidamente, apertar as mãos ou abraçar? São infinitas as possibilidades que esse exemplo cotidiano nos evoca. É desse tipo de situação que trata “A representação do eu na vida cotidiana”, lançado em 1959. A tradução para o português implica em problemas de significação, onde o original *Presentation* é substituído por *Representação*.

Assim como na leitura de Thompson (1995), representação tensiona a ideia de simulação e pode evocar, outra vez, a ideia de falseamento. O que nos importa no entanto é o que o autor chama de performance nessas circunstâncias: “toda atividade de um determinado participante, em dada ocasião, que sirva para influenciar de algum modo, qualquer um dos outros participantes” (GOFFMAN, 2014, p. 28). Embora pareça superficial quando

comparada a outros acionamentos sobre performance já explicitados neste trabalho, a ideia do termo para Goffman nos ajuda a lembrar porque fazemos o que fazemos em determinadas situações da cotidianidade, como os encontros inesperados nas ruas. Mas também reforça o uso do termo relacionado às vastas práticas incorporadas por ritos e crenças, da qual bem discorre Turner (1974).

Goffman nos importa aqui porque observa o que há de banal nas situações - e por isso é uma obra-prima da psicologia social e da microssociologia do cotidiano - mas também direciona para chaves de leitura que podem ser apreendidas pelos estudos da comunicação, ainda que curiosamente não os tenha citado explicitamente em seus estudos. Embora utilize como já citada a perspectiva dramatúrgica para compreender os fenômenos, Goffman sinaliza no final de seu livro algo que pode passar despercebido por leitores menos atentos: “se deveria admitir que essa tentativa de insistir numa simples analogia foi em parte retórica e estratagem” (GOFFMAN, 2014, p. 272), concluindo que o trabalho não está interessado nos aspectos teatrais no atravessamento com a vida cotidiana, mas sim: “na estrutura daquelas entidades da vida social que surgem sempre que as pessoas entram na presença física imediata das outras” (2014, p. 273), o que nos propõe pensar em perspectivas comunicacionais, sejam elas mediadas ou não por dispositivos digitais e tecnológicos.

5.3.2 A performance como matéria simbólico-prática-empírica de nossa pesquisa

O estudo da performance é exatamente a performance: uma concepção, uma forma de ver, perceber e enquadrar uma ação qualquer enfocando e resgatando sua dimensão performativa. É assim que França e Simões (2017) definiram a comunicação enquanto campo de estudo, e foi esse mesmo trecho que nos apropriamos para nos referir à comunicação, nos tópicos anteriores deste trabalho. Podem a comunicação e a performance caminhar assim tão juntas? Para esta pesquisa, mais do que poder, deveriam. A performance é comunicacional por natureza, e por isso faz parte tanto do aporte teórico conceitual desta dissertação, quanto se relaciona de maneira fluída nas inclinações prático-empíricas. Acreditamos que há *performance* em todo processo de autoapresentação dos sujeitos e sujeitas no *Instagram* principalmente e quando incorporada às negociações e ajustes realizados para ocultar ou publicizar determinados conteúdos para um segmento específico de público escolhido, refletido ou imaginado.

Amaral, Polivanov e Soares (2018) em texto para a RBCC da Intercom, historicizaram a trajetória dos estudos da performance, suas disputas dentro do campo comunicacional, e

propuseram que lêssemos-na a partir de dois eixos teóricos que se filiam também aos estudos de som e música, sendo eles: 1) as linguagens de atos arquivados, registros e captações feitas por fãs e 2) memória e/ou política identitária (de grupo ou individual), relacionada a políticas de visibilidade. Há concordância aqui acerca das intersecções abarcadas pelos temas e fazemos coro às suas possibilidades. Reconhecemos também o esforço teórico-conceitual do texto e a tentativa de amarrar formas de ver, reconhecer e interpretar a polissemia conceitual da performance - isso é importante para ambos os campos e, de forma ou outra, acaba dando contorno e tecendo parâmetros e critérios sob a usabilidade conceitual. Sem intenções de finalizar o debate, propomos que o campo da comunicação deve estar atento também a formas outras de interconectar as conceituações, ao assumir que a performance teria como primeiro fundamento metodológico: “não ter fundamento”⁴⁵, somando com isso, novas maneiras de pensar sobre a terminologia além das quais pensaram Amaral, Polivanov e Soares (2018).

Na nossa pesquisa pretendemos, então, introjetar às práticas, dinâmicas e processos comunicacionais, um senso de que a performance está em tudo; e que isso é "altamente incrementado pela midiatização" (SCHECHNER, 2013, p. 49, tradução nossa). Mas não consideramos aqui uma midiatização preocupada apenas e exclusivamente com os impactos e proveniências dos objetos e artefatos midiáticos; isso não parece interessar a comunicação por si só, menos ainda a performance. Reivindicamos junto a Livingstone (2018), que precisamos de aportes que considerem os sujeitos e sujeitas de forma co-partícipe.

Menos considerar as mídias - na completude de suas significações - como aspectomais importante da comunicação, e mais investigações acerca de como elas circundam os indivíduos em suas cotidianidades, com análises que devem “se envolver com o público de forma significativa através do contextos de sua vida” (LIVINGSTONE, 2018, p. 79, tradução nossa). No nosso trabalho, a trajetória, a peculiaridade, a história, e as dimensões intersubjetivas que atravessam cada um dos sujeitos e sujeitas, fazem parte crucial da simbiose comunicacional performativa que nos alude a pensar, sugerir e inferir sobre diversas questões, hipóteses e abstrações. Ao compreender que na recepção-apropriação das mensagens midiático-comunicacionais estamos todos imbuídos em um processo de autocompreensão, como explicita Thompson (1995; 2008), reivindicamos que assim também acontece com a performance ao remodelar horizontes, nossas habilidades, conhecimento, e transformando nossas experiências, sejam elas midiatizadas (ou não). A performance está; e, se há fragilidade conceitual em considerar válidos os fenômenos comunicacionais apenas

⁴⁵ Entrevista de Richard Schechner, concedida a Diana Taylor:
<https://scalar.usc.edu/nehvectors/wips/rs-portuguese> acesso em 13 de jul de 2022

quando e se interconectados aos ideais de midiaticização, não nos importa, portanto, pensar a performance *apenas* sob essas circunstâncias, mas sim, entendê-la intrínseca a esse tipo de estrutura complexa de sociedade, que, por cada vez mais midiaticizada, mais performativa. São atravessamentos que existem com ou sem o outro; não há imprescindibilidade, mas sim, tensionamento.

Também por todo esse arcabouço teórico engendrado, reiteramos o chamamento para que os campos cada vez mais dialoguem enquanto e a partir de suas similaridades, ainda que elas pareçam disruptivas de maneira incômoda. Se para Sodré (2015), a comunicação se configura enquanto ciência pós-disciplinar, aos olhos de Carlson (2010), caberia interpretarmos a performance sob um viés de “anti-disciplina”.

Mais do que propor ideais fechados, nosso trabalho sugere que devemos considerar a possibilidade de introduzir a performance no campo comunicacional, e vice-versa, de formas variadas e multidimensionais. Seja na interação entre vertentes minimamente consolidadas dentro dos estudos, seja a partir de inflexões imaginativas que rompam essas consolidações ou ainda, inferindo sobre pistas e trilhas introdutórias que possam servir como chaves de leitura para se pensar uma perspectiva performático-comunicacional, ou, comunicante-performativa. Acreditamos que a dimensão empírica do nosso trabalho contribuirá fortuitamente com esses aspectos, mas que também pode, inclusive, nos direcionar para outros modos de ver e enxergá-las como é próprio do que Taylor entende por *lente metodológica*.

6. DAS TRILHAS METODOLÓGICAS

O que estimula o trabalho é a existência da lacuna. O cientista pode se permitir esperar e pode se permitir ignorar. Isso significa que ele tem algum tipo de fé. “Eu não sei. Mas tudo bem! Talvez um dia eu saiba. Ou talvez não. Talvez então um dia alguém venha a saber”

Donald Winnicott

6.1 Da trilha basilar: a transmetodologia como possibilidade vivida-sentida em experiências científicas nas ciências da comunicação

Não há, em nosso trabalho, uma reflexão exclusiva sobre o que consideraria-se “*abordagem*” e/ou “*método*” de pesquisa. A ideia praticamente consensual de que todo trabalho precisa de um capítulo específico para o debate metodológico não parece, portanto, se entrelaçar à nossa proposta de percurso científico. Não significa que não há base metodológica para a realização da pesquisa, mas que ela está disposta de maneira distinta do que pressupõe a convencionalidade. Reivindicamos entender este capítulo como um indicativo de *trilha*.

Isso configura aqui reivindicar, também, uma **postura** metodológica concatenada em completude com a construção, elaboração e enunciação narrativa de toda a estrutura deste trabalho, considerando cada pequena escolha como uma iniciativa reflexiva que perpassa - como processualidade - toda a elaboração e feitura deste trabalho. Tudo quanto temos feito e pensado até aqui, configura-se enquanto “*etapa metodológica*” de pesquisa. Acreditamos que a complexidade fundante das novas formas de experimentar a existência e, em referência a isso, as novas e disruptivas formas de compreender os processos comunicacionais, devem ser interpretados a partir de *formas outras* de pensar os fazeres científicos que, em nenhuma medida, envolvem os constructos cientificistas, positivistas e funcionalistas que foram empreendidos pela ciência ortodoxa. Neste capítulo situamos os/as leitores/as sobre o que já foi realizado em termos práticos e empíricos de pesquisa, ao passo que também abordaremos sobre o que será construído na tentativa de compreender e responder os objetivos propostos até aqui.

Nosso trabalho vê na *experimentação metodológica* a única maneira possível de estabelecer nexos causais saudáveis de pesquisa e de conferir viabilidade *para e nas* formas de pesquisar a comunicação na contemporaneidade. Ao perceber e tomar como posta a

mudança acelerada das práticas comunicacionais, sugerimos como imprescindível construir abordagens metodológicas multifacetadas. Encontramos, portanto, na **transmetodologia** um caminho que não nega a identidade de nossa área ao passo que aceita os atravessamentos múltiplos para construções de trabalho cidadãs e que se envolvem às vivências cotidianas de sujeitos e sujeitas e suas relações com as mídias em suas mais diversas concepções e envolvimentos, como as feitas e realizadas em nosso trabalho de pesquisa, que adentram analiticamente sob às apropriações plataformizadas de/da mídia.

Ao considerar que os meios e, por conseguinte, as plataformas penetram e condicionam os processos e fluxos intersubjetivos criando potentes formas de mapear indícios para relações comunicativas, comunicantes e comunicacionais, compreendemos que é só a partir desta forma de pensar - e (des)estruturar metodologicamente - onde conseguimos confabular e realizar junções perspicazes de fenômenos, rituais e vivências que não se entrecruzariam se não vistos por este prisma. A comunicação *gosta e precisa* do espaço de experimentação que a transmetodologia potencializa, e por isso é a partir dela que conseguimos (e nos permitimos) ver as “*coisas por trás das coisas*”, possibilitando que testemunhemos situações por lentes que ora se aproximam, ora se retraem, à medida das necessidades, dos processos autorreflexivos do pesquisador e do que nos sugere o campo a partir dos sujeitos e sujeitas em suas particularidades.

Ao perceber esses nossos novos enlaces exigidos pela comunicação, torna-se sugestivo e também necessário que já não aceitemos que nossas pesquisas estejam situadas a partir de modos de ver, sentir e fazer ciência focalizados em leituras consolidadas, não-maleáveis e/ou fortificadas sob vieses que - por inúmeras motivações e tensionamentos históricos - consolidaram-nas como espaços que não prescindem de retoques conceituais, que não aceitam novas postulações, proposições críticas e encaminhamentos distintos *a partir e desde* experiências que não são as pré-estabelecidas.

Nossos objetos, sempre fluídos e dinâmicos, tendem a se tornar cada vez menos rígidos do que já são com as novas configurações *do e no* mundo. Não deveríamos permitir que nossas pesquisas recaiam em lugares utilitaristas; precisamos entender a construção científica enquanto um trabalho árduo e custoso, refletindo e buscando suas motivações e seus anseios. Para isso precisamos aceitar que a pesquisa pode e deve ser friccionada, posta à prova - ao invés de *negar*, ela precisa *aceitar* a dúvida e a incerteza, pois, segundo Morin, é ela quem nos ajudaria a conceber a incompletude do conhecimento (MORIN, 1996, 2002, 2003).

Acreditamos, em nosso trabalho, que boas processualidades metodológicas aceitam a adaptabilidade como incontestável e rejeitam assumir postulações de legitimidade plena.

Além disso, devem eximir-se de serem compreendidas como verdades irrefutáveis e absolutas. As concepções funcionalistas, fundadas sob óticas que buscam controle (e por consequência a estagnação) não se encaixam nas formas de pensar-refletir-teorizar a comunicação da qual estamos debatendo aqui. Afinal, nossas ideias e concepções sobre o que existe e está posto diante de nossas realidades palpáveis e materiais partem de espaços íntimos e específicos que têm relação direta com vivências, passagens e transmissões que são personalizadas e, portanto, também íntimas e específicas. Como apenas continuar fazendo aplicações metodológicas sem que haja questionamentos concretos sobre sua viabilidade, adequação ou sentido dentro das dimensões observáveis em questão?

Construir pesquisas científicas baseadas em modos de fazer ciência programados, estabelecidos e consolidados a partir de cartilhas e manuais não combina com o pensamento **transmetodológico** o qual propomos aqui. Permitam-nos utilizar a *comparação* como figura de linguagem para nossa explicitação: o fazer científico transmetodológico não funciona como um remédio (nosso representante simbólico comparativo) que contribui para sanar sintomas pontuais. Embora resolva problemas reconhecidamente conjunturais, e seja resolutivo para a descontinuidade de um sintoma, o remédio camufla a causalidade e a subjetividade dos indivíduos. Provavelmente todos/as tenhamos tido dores de cabeça; assim também seria verídico que elas sejam todas distintas. Sendo assim, o uso da medicação inibe em algum lugar, porque “resolve”, ainda que momentânea e pontualmente.

As metodologias consolidadas, são construídas a partir de esforços múltiplos, conjuntos e historicamente recebem validações em seus campos. Os remédios e drogas manipuladas, como conhecemos, também necessitam de tempo e maturação para se tornarem o que são. Há um desprendimento de tempo e reflexão que move, atravessa e delinea ambos os processos; não cabe a nós atestar qualitativamente sobre eles. A comparação por piegas que seja, nos mostra, contudo, que metodologias prontas e remédios encontrados facilmente sem receita em drogarias, impossibilitam-nos de pensar e refletir *sobre*, porque configuram-se como *faceis*. Estão em um espaço dado, confortável. Com caminhos trilhados não são realizadas descobertas; há determinações e resoluções, mas tudo está (e continua) no seu devido lugar. Com este trabalho, gostaríamos de tirar as coisas do lugar para que elas sejam reconhecidas de novo, reordenadas, realocadas; substituídas, por que não? Dar nome ao que fazemos e conjecturar as misturas como parte fundante e estrutural deste trabalho já nos parece uma dimensão introdutória para tal.

É fácil e reconfortante seguir o que já existe. A mudança de atitude que envolve autonomia, traz a desordem; que embora assustadora, configura-se como rica e fértil para

construções científicas plenamente engajadas *por e para* uma estrutura societária que reforça a descoberta plena da cidadania; mas também se encontra interligada a uma libertação individual - que interpelaria toda a sociedade, de forma ou outra. De libertação em libertação, atingimos um estado conjunto que emana um senso de participação, além de uma expressão plena da autonomia e da negação da subserviência. Comunicar tem a ver com isso. Precisamos considerar um olhar plural que consiga congregar dialéticas múltiplas e abdicar dependências e inflexões que nos conduzam a olhares conclusivos, ainda que a ideiação de que haja respostas prontas seja acalentadora. (MALDONADO, 2013b).

A crise de paradigmas disciplinares é o berço da imersão de um pensamento comunicacional, que quer e precisa estar em um espaço confortável (que paradoxalmente é de inconformidade) para ser potencialmente o que é: um *locus* que privilegia a inventividade, que percorre disciplinas muitas e se apropria de suas potências e, por que não, de suas fragilidades.

Isso não significa que pretendamos eliminar conhecimentos construídos e consolidados, validados pelos pares, que já irromperam seus campos e que foram elaborados com o rigor científico necessário - respeito aos bons modos de se pensar e fazer ciência seguem sendo belíssimas formas de compreensão vital do papel científico que preza pelo melhoramento da sociedade e se vê participe de uma construção difusa, competente e rica. Significa, no entanto, compreender inspirados em Jung (1950) que a visão científica a qual conhecemos como estruturante e hegemônica, nos modos e moldes de produção científica cartesianos nada mais é “do que uma visão parcial psicologicamente tendenciosa que deixa delado todos aqueles aspectos, em nada desprezíveis, que não podem ser estatisticamente contados” (JUNG, p.1, 1950) e que algumas processualidades metodológicas estariam entrelaçadas a estas visões.

Junto a Maldonado (2013), e com insumos teóricos advindos de outras fontes de saber, estabelecemos a partir de conceitos operativos que não há compreensão plena sem que aceitemos que os formatos disciplinares são insuficientes. Se os objetos (e sujeitos/sujeitas) se transformam, há de se considerar que também somos transformados por eles - se tratando aqui de um trabalho que se envolve com *objetos que falam*, não podemos considerar os fatos que nos aparecem como dados, nem considerar as experimentações realizadas de forma ingênua; se apenas transpormos fielmente o que nos é proposto durante nossas observações ou apenas aplicarmos métodos únicos, tradicionais e que serviram para outras investigações (por próximas que sejam das que realizamos aqui), invariavelmente estaremos incorrendo em erros de percurso que envolveriam evitar confrontações prático-teóricas e que, por complexas e

difícil que sejam, dão vida e projetam nossos trabalhos para lugares pujantes do ponto de vista epistêmico.

Inspirando-nos em Bourdieu (1999) consideramos compreender que: “o positivismo que trata os fatos como dados está condicionado a proceder a reinterpretações inconsequentes porque se ignoram como tais ou a simples complicações obtidas em condições técnicas semelhantes” (BOURDIEU, 1999, p. 50) isto dito, considera-se pouco frutífero do ponto de vista comunicacional, não inventar ou deixar-se interpelar por dimensões imaginativas que envolvam uma artesanaria plena de pesquisa. A considerar: o erro é oportuno metodologicamente porque a compreensão dicotômica que envolve ponto-contraponto não tem sentido - em suas diversas significações possíveis - para a comunicação. Se os meios são complexos e contraditórios por natureza e estão interpelados às formas de se compreender os processos e dinâmicas de como consideramos cientificamente a comunicação, devemos entender como ricas as **misturas metodológicas**, por complexas que sejam.

Apropriando-se do pensamento de Maldonado (2011, 2013, 2022) citamos algumas premissas que atravessam a opção transmetodológica de pesquisa realizada desde as ciências da comunicação e compreendidas a partir de nossa pesquisa em construção. A 1) *ecologia científica* nos lembra que devemos tratar os sujeitos e sujeitas com o respeito e sabedoria necessários ao compreender que todos estamos situados em dimensões éticas e filosóficas próprias. Para isso, consideramos que não podemos ultrapassar barreiras e delimitações inegociáveis para os co-produtores com os quais estamos tecendo esta pesquisa; no nosso caso, os atravessamentos com a dimensão etária são pontos significativos a serem considerados. Os adolescentes entre idades de 14 a 17 anos com os quais construímos nossa pesquisa, estão situados em uma realidade específica que envolve refletidamente participar de um projeto pedagógico que os “prepara” para os tensionamentos do mundo do trabalho e de realidades que permeiam a inclusão produtiva e a educação; junto disso, também passam por especificidades pessoais envoltas a um amadurecimento psíquico e físico-hormonal. Acreditamos que isto precisa ser (re)considerado quantas vezes for preciso e necessário. As aproximações empíricas, ricas do ponto de vista da observação, precisam ser construídas a partir de iniciativas congregadoras, plurais e enriquecedoras. Mais do que adentrar este espaço para as incursões e análises - é preciso *explicar, compreender, estabelecer vínculos, criar confabulações, explicitar, convidar, partilhar* com todos e todas neste processo.

Ao tomar como central a ideia de que o 2) *mundo precisa ser transformado*, analisamos crucial e reflexivamente sobre a abertura imprescindível para uma razão *multilética*, já esparsamente supracitada dentro da construção deste trabalho. Isso significa a

partir da visão de Maldonado (2022) incorrer em compreender os fenômenos através de confrontações e inter-relações que tomem como valiosas as contradições e os conflitos postos na realidade empírica. Conceber os contextos em que os adolescentes estão inseridos e aplicá-los aos direcionamentos teórico-práticos de pesquisa nos ajuda a dimensionar esta ideia, mas é preciso ir além, questionando-nos sobre *qual sociedade queremos construir* coma ciência a qual estamos elaborando?

Considerando a 3) *investigação como práxis central* do aprendizado humano, buscamos fugir das hierarquias de conhecimento, compreendendo as iniciativas populares, ancestrais e tradicionais dos cidadãos e cidadãs, baseadas na oralidade e no repertório como dignas e vívidas do ponto de vista científico. Pensando junto a Martins (2021), consideramos essas práticas - observadas nas realidades empíricas como as negociações, ajustes e soluções para autoapresentações mais ou menos visíveis, ou mesmo a partir das escolhas refletidas que envolvem a autonomia sobre o que e como fazer - a partir de um “processo pendular entre a tradição e sua transmissão [que] institui um movimento curvilíneo, reativador e prospectivo que integra sincronicamente, na atualidade do ato performado, o presente do pretérito e do futuro” (MARTINS, 2021, p.83) isso equivale a compreender que as práticas e *performances* realizadas pelos adolescentes em espaços e ambiências digitais também incorrem e se atravessam a processualidades históricas, sendo impossível desvincular-se de suas trajetórias individuais e seus fluxos subjetivos que também se configuram enquanto construtores de suas identidades. Há história em cada micro dimensão do *ser* e é preciso de fôlego para que isso seja investigado.

Também reivindicamos uma 4) *postura transdisciplinar constitutiva*. Congregar pensamentos difusos e pretensamente impossíveis de serem entrecruzados é valioso aqui. Inspirados pela Teoria da Complexidade de Morin (2000), compreendemos que: “a especialização abstrai, extrai um objeto de seu contexto e de seu conjunto, rejeita os laços e a intercomunicação do objeto com seu meio, insere-o no compartimento da disciplina cujas fronteiras quebram arbitrariamente a sistemicidade e a multidimensionalidade dos fenômenos” (MORIN, 2000, p. 12), concluindo que só podemos conhecer as *partes* se conhecermos o *todo* em que estejam situadas; e que o oposto também é válido, afinal, só se conhece o *todo* se conhecermos as *partes* que o compõem (MORIN, 2000). Pensar transdisciplinarmente compreende tomar isso como basilar para as construções de/da pesquisa.

Os 5) *bons sensos culturais* nos ajudam a trilhar um caminho fértil de análise. Isso, para nós, inspirados em Winkin (1998) diz respeito a *saber ver, saber estar com e saber*

escrever - competências inspiradas em bases etnográficas que serão apresentadas com mais afinco nos tópicos posteriores mas que nos ajudam a compreender a importância da *alteridade* e do encontro com o outro para pesquisas frutíferas e cidadãs. O que nos guia aqui é saber estabelecer como rico e profundo mesmo o que pretensamente acreditamos ser *banal* ou da ordem do (des)importante nos discursos, na oralidade, na existência plena que envolve as formatações e (re)formatações dos sujeitos *com, na e entre* as mídias plataformizadas e perante seus interesses.

Em um 6) *esforço poradoxal de distinção* acreditamos aqui que é nosso dever se atentar aos direcionamentos mais valiosos e derivativos ao pensamento comunicacional. Reivindicando como ricos os processos vislumbrados *desde, a partir e para* se problematizar a nossa ciência de base aqui; isso não significaria fechar os olhos para as temáticas que estariam entrelaçadas ao nosso trabalho, mas sim compreender como central o esforço para conceber como prioritárias as dimensões comunicativas que envolvem as análises aqui postas, bem como já escrito e delineado em outros momentos deste trabalho. Entendemos junto a Fígaro (2018) que “estudar a comunicação demanda compreender as relações sociais na materialidade concreta para apreender as contradições e entendê-la” (FIGARO, 2018, p. 178). O trabalho com os adolescentes requer, portanto, doses significativas de atenção: nem modular e impor questões que nos são caras e importantes como as que envolvem a mídia e a receptividade comunicativa a partir de usos, apropriações, fazeres, construções e consumos, nem permitir que elas se esvaziem para direcionamentos que pouco as discutem e interpelam.

Sem uma 7) *problematização metodológica* não teríamos chegado até este ponto de nosso trabalho - ela seria portanto, fundante e estrutural - e é a partir dela que assumimos como inegociável um 8) *compromisso com a vida, humanidade e culturas*, também já explicitados durante toda a elaboração de nosso trabalho. Se problematizar envolve fazer escolhas, o compromisso envolveria jamais ter que realizá-las. Não se escolhe ter compromisso, apenas se tem. E na conjuntura analisada e pesquisada, o compromisso envolve, entre outras situacionalidades, compreender de maneira multicontextual tudo que interpela as escolhas (autônomas ou não - embora haja esforço considerável para suggestionar sobre) dos adolescentes em suas *performances* cotidianas em seus perfis no *Instagram*.

Para isso 9) *o caráter complexo do sujeito pesquisador* também precisa estar interconectado ao nosso fazer científico. Ao compreender que temos nossos próprios vícios e somos interpelados pelas próprias *perebas psíquicas* - com o devido empréstimo à terminologias da psicanálise - sugerimos que lidamos com confrontações e enfrentamentos particulares que nos atravessam nos momentos da empiria e da feita e realização científica.

Nosso mundo interno - enquanto sujeito que pesquisa - se relacionaria com o mundo externo - o dos nossos sujeitos - mas ainda sim continuaria a se manter pessoalizado e com suas próprias *inventividades*. Inspirados aqui em leituras Winnicottianas sobre dimensões saudáveis de vida, compreendemos que: “identificações projetivas e introjetivas acontecem a todo instante. Segue-se que a perda e má sorte podem ser mais terríveis para o indivíduo saudável do que para aquele psicologicamente imaturo” (WINNICOTT, 2021, p.33), o que nos interessa dizer aqui é que nossas ideias e desejos não são (ou ao menos não deveriam ser) propulsores de resolução *da/na* pesquisa. Pelo contrário, a fluidez empírica deve reinar absoluta. Precisamos estar prontos para a tarefa de nos desobedecer de si, por doloroso que seja, porque isso nos demonstraria saúde psíquica e envolveria aceitar nossas paradoxalidades e incongruências enquanto sujeitos em errância.

Por fim, ao estabelecermos como essencial uma 10) *cultura inventiva* de pesquisa, há que se situar perante uma condicionante que entrelaça a *práxis* e a *teoria* em um esforço para fugir das dicotomias generalizantes. Aqui a *performance* nos ajuda a seguir este fluxo de pensamento, fugindo dos paradigmas e nos propondo formas plurais de pensar e enxergar as situações. Inventar, para nós, é performático. E por que não, comunicacional?

6.1.1 Dos questionários comunicante-performativos como base introdutória para abduções

Os questionários, nesta pesquisa, se apresentam como mecanismo que permite conceder **bases introdutórias** para direcionamentos posteriores de análise. Compreendemos que a partir dele conseguimos estabelecer vinculações que podem direcionar, sugerir, inferir e/ou desmontar, extinguir, flexibilizar bases prévias. Tornando-se, em nossa visão, um ponto de encontro entre bases indutivas e dedutivas de pesquisa para o início e confluência de abduções - em termos Peirceanos - considerando-a como única operação lógica que introduziria uma *nova ideia* sendo portanto, *fundante* para tal (VERON, 2013). Por natureza, as abduções realizadas aqui estariam alocadas e atravessadas a proposições criativas e particulares *desta* pesquisa ao confrontar hipóteses indiciárias, mas jamais negando-as.

Para buscar os direcionamentos obtidos pela pesquisa exploratória preparou-se um formulário (aqui, compreendemo-lo enquanto *comunicante-performativo*) aproveitando a potencialidade dos equipamentos disponíveis na organização e a facilidade dos adolescentes com os aparatos digitais - considerando que todos eles detinham acesso à rede e a celulares e/ou computadores. As perguntas e reflexões que se encontram no questionário nos ajudam a direcionar e caminhar rumo a compreensão de nossos objetivos gerais e específicos de

pesquisa. As vantagens e desvantagens da utilização dos questionários adentram questões que envolvem diversas temáticas já debatidas por pesquisadores da área das ciências sociais aplicadas e são consideradas aqui; sempre, no entanto, entendendo que a misturametodológica fortalece cada passo dado.

A nós, neste trabalho, o *questionário comunicante-performativo* sugere informações iniciais de pesquisa que envolve o levantamento de dados pessoais, de opiniões, comportamentos e usos de apropriações midiáticas. Ele envolveu perguntas de múltipla escolha e também discursivas. A presença do formulário estruturado nesta etapa de pesquisa, atuou em confluência com nossa entrada em campo e apresentação aos sujeitos co-partícipes de pesquisa. Se a compreensão e interpretação dos respondentes pode ser um problema no que diz respeito à utilização dos questionários (MAIA, 2020), estar *in loco* junto aos sujeitos e sujeitas durante o processo de explicação-feitura da pesquisa, é compreendido aqui como uma potencialidade no caso de dúvida ou não entendimento de quaisquer etapas de seu preenchimento.

Foram aplicados questionários tanto nas turmas ingressantes no semestre 2023/1 quanto no 2023/2; com modificações na nomenclatura. Enquanto nas turmas do primeiro semestre optou-se por utilizar: “*Pesquisa sobre usos do Instagram*” na turma do segundo semestre utilizamos “*Questionário Exploratório de Pesquisa - Usos do Instagram*”, ambos no entanto, apresentavam a mesma descrição.⁴⁶ Optou-se também, por acrescentar blocagens para o questionário utilizado nas turmas ingressantes no segundo semestre, facilitando a usabilidade e responsividade. Os dados obtidos foram somados e compilados. Inspirando-nos em Maia (2020), ajustamos pontos que envolvem uma experiência facilitada aos sujeitos e sujeitas no percurso de resposta ao formulário, refletindo *sobre e em* 1) instruções bem delimitadas de preenchimento (somadas aos direcionamentos e suporte oral junto aos sujeitos/as); 2) sequência lógica do fluxo de temas durante o questionamento e; 3) atratividade, aparência e estética sugestiva às faixas-etárias partícipes do processo. (MAIA, 2020).

Os questionários, realizado via *Google Forms*⁴⁷, iniciavam questionando se os respondentes **utilizavam ou não** o *Instagram*. Caso a resposta fosse negativa o formulário era

⁴⁶ A descrição escolhida foi: “*Oi, tudo bem? Eu sou o Pedro e... vocês já me conhecem, né? Eu ficaria muito feliz se vocês respondessem essas perguntas pra mim... elas vão me ajudar muito! Ah, qualquer coisa vocês podem me perguntar, certo? O formulário tem algumas perguntas de múltipla escolha e discursivas sobre os seus usos do Instagram Abraço!*” | ver anexos

⁴⁷ Acesso ao questionário *online* original pode ser feito aqui:

<https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpOLSc6Fyrn8MojK32s7CUMYTifrzoI_TdhsOD_iJkikmCqb4ucXO/vi_ewform> e aqui

<https://docs.google.com/forms/d/1X79pHIZjgPOOcDMm-KxnV6v5vvN_IHkWTkdXJ802T4k/edit>

encerrado; se positiva, uma pergunta discursiva nos ajudava a entender as motivações destes sujeitos para os usos e apropriações decorrentes da plataforma. Das 75 respostas obtidas, 65 delas afirmaram usar o *Instagram*, configurando em termos percentuais, 86% do total dos respondentes. Isso demonstra, ao menos perante nossa amostra, um alto índice de uso da plataforma, o que corrobora com pesquisas e relatórios que mostram que a utilização do *Instagram* é significativamente mais alta em faixa-etárias que perpassam adolescentes de 14 a 17 anos, ainda que seu uso seja ainda maior entre jovens de 18 e 24. A questão também nos ajuda a direcionar os participantes de pesquisa em etapas analíticas e focalizadas, já que a não utilização da plataforma descartaria que os sujeitos/as pudessem ser co-partícipes de nosso trabalho.

Na sequência, uma questão de múltipla escolha questionava os sujeitos/as sobre seu perfil no *Instagram* **ser aberto (público) ou fechado (privado)**. A questão nos dá direcionamentos no que diz respeito às funcionalidades e usabilidade da plataforma, podendo implicar em construções de novas sugestões e hipóteses além de contribuir para pensar em nossa pergunta geradora que busca entender, lembramos, como os sujeitos entendem as dinâmicas e dimensões de intimidade a partir do que publicizam neste espaço. 55% dos adolescentes, ou seja, 36 respondentes afirmaram deixar seus perfis abertos (em modo público) na plataforma. 29 adolescentes respondentes escolhem e/ou preferem deixar seus perfis fechados (privados). Eles puderam responder discursivamente o porquê optam por deixar seus perfis abertos ou fechados.

Em se tratando dos que mantêm seus **perfis abertos** os adolescentes enunciaram, em sua maioria, motivações que relacionam o fato de privá-los a uma dimensão de *esconder* algo de/para alguém, como em respostas do tipo: “*Porque não tenho nada a esconder, e deixo livre para quem quiser entrar em contato*”, “*Não vejo necessidade de esconder nada*” e ainda: “*Não tenho medo de esconder quem sou e é um ótimo jeito de conhecer pessoas novas*”. Há ainda os que se vinculam à ideia de visibilidade, nos atestando serem multidimensionais as motivações que cercam o temário e direcionam para respostas como: “*bom, gosto de ganhar seguidor, e quem entrar lá gostar do meu perfil e quer me seguir vai lá e tá de boa*” e ainda: “*Gosto de conhecer novas pessoas, e pretendo ser influencer*”. Também captamos respostas que nos atestam direcionamentos lúdicos como em: “*Pra todos verem minha beleza abertamente*” e também: “*porque eu quero que mais pessoas me conheçam KAKAKAJAKKA*”

Já no caso dos que escolhem deixar os seus **perfis fechados**, há chaves de leitura que nos mostram dinâmicas como: “*Ele é privado, porque quero saber quem vê [sic] meu perfil*”, “*Não gosto de qualquer pessoa vendo , até pq já sobre [sic] assediada*” e “*Ele é fechado pq*

eu n [sic] quero que pessoas que n [sic] me segue fique vendo minhas coisas” direcionando para aberturas, marcações e tensionamentos que também são multicontextuais e que necessitam embasamento analítico e empírico. Ressaltamos ainda respostas que envolvem uma articulação com fatores que envolve públicos distintos como em: *“Ele é fechado para esconde da família”* ou em: *“Eu o deixo privado porque, além de ter fotos minhas, não quero que ninguém que eu não conheça fique xeretando em fotos com a minha família por exemplo, assim qualquer conta não poderá xeretar nas minhas coisas”*

Também questionamos sobre os adolescentes possuírem **perfis distintos** ou **um outro perfil**. Tudo isso apropriando-nos das leituras de trabalhos que já enveredaram sobre o tema e que compreenderam, inclusive a partir da pesquisa junto a adolescentes e jovens, que há motivações e direcionamentos tácitos para construção de um novo perfil na plataforma - já discorreremos sobre essas inferências e sugestões no capítulo sobre intimidade e, inclusive, já construímos hipóteses em trabalhos apresentados em congressos durante a construção desta pesquisa.

Das respostas, 30 direcionaram afirmativamente sobre terem outro perfil e 35 afirmaram não possuírem. Algo curioso ocorreu e que vale menção: enquanto nas turmas do primeiro semestre a quantidade de sujeitos/as que não possuíam outro perfil foi maior, no segundo o índice foi o oposto. Das respostas afirmativas, houveram motivações como: *“Tenhoum perfil de unhas .. sou manicure”*, *“a primeira é uma conta onde posto fotos minhas, a segunda é onde posto fotos privadas, e a terceira é aonde [sic] posto poemas”*, *“Porquê eu quero ganhar seguidores”* ou ainda: *“Tenho um Insta de fotografia, onde compartilho um pouco sobre lugares em que fui e tals [sic]. O insta é aberto para todos que se interessem pela fotografia”*. Longe de desvalidar as hipóteses introdutórias de pesquisa embasadas a partir de leituras supracitadas sobre a criação de outros perfis nas plataformas; as respostas nos apontam frutiferamente para novos ensejos de pesquisa que, ao passo que continuam debatendo as mesmas dinâmicas de uma processualidade (a autoapresentação), incorrem para uma percepção de atravessamento direto com a plataforma e suas concepções e funcionalidades, mas que não necessariamente deixam de ser fecundas para novas sugestões, análises e percepções, como em usos e apropriações que indicam para a criação de **perfis profissionais**, aqui em especial ao considerar os contextos dos/as sujeitos/as. Respostas como: *“Bom, eu tenho 1 pessoal e o 2 profissional O segundo eu uso para divulgar meu trabalho, eusou trancista então eu divulgo meu trabalhar por la”* e ainda: *“Sobre a outra conta, é por causa que eu danço eu tenho uma Cia, é bom ter uma outra conta pra esse tipo de coisa”*.

Tematizações sobre os usos e apropriações do *close friends* aparecem na continuidade do questionário, onde perguntamos sobre sua utilização (ou não). Neste caso, dos respondentes, 47 afirmaram utilizar a ferramenta, sendo que na sequência os adolescentes foram motivados a enunciar discursivamente os motivos que os fazem se apropriar deste espaço. Lembramos aqui, que a funcionalidade, sugere usos e apropriações que nos importam aqui, como bem resgatamos no capítulo específico sobre o *Instagram* e a partir das incursões teóricas já realizadas no decorrer da construção deste trabalho. Para nosso entendimento, o *close friends* contribuiria: “para intentos de autoapresentação mais ou menos íntimos e que envolvem questões que atravessam relações de (in)visibilidade, atualizando assim camadas de um debate sobre a identidade e intimidade em espaços *online*” (ANDRADE, 2022, p. 12).

As respostas positivas sobre o uso da funcionalidade, nos direcionam para lógicas que nos comprovam, ao menos inicialmente, que há riqueza temática e que ao incorrer à empiria, neste caso, podemos investigar com afincos caracterizações, usos, motivações, e dinâmicas comunicativo-conversacionais ricas e frutuosas do ponto de vista prático no que diz respeito à forma como os adolescentes sentem, percebem e confabulam sobre a intimidade, privacidade e visibilidade como em respostas do tipo: “*Eu publico coisas mais privadas que nem todo mundo pode ver*”, “*Eu utilizo para postar coisas que eu tenho vergonha de postar para todo mundo ver*” ou ainda: “*Eu coloco coisas que eu não colocaria nos story normal*” mas também se vinculam a enunciações que envolvem uma dimensão de “eu-autêntico” como em: “*Bom eu coloco [sic] os amigos mais próximos dos próximos de vdd , nos melhores amigos eu posto oq estou fazendo de vdd sendo bem mais verdadeiro*” e também em: “*Coloco pessoas em que me sinto a vontade de compartilhar coisas que geralmente outras pessoas não sabem, ou apenas eu não quero que elas vejam*”

Para finalizar o questionário introdutório, convidamos os respondentes a responderem sobre o desejo de seguir participando (ou não) de nossa pesquisa; neste caso, 50 respondentes aceitaram continuar suas participações na feitura e realização desta pesquisa, fornecendo dados que envolvem: *e-mail*, nome completo, idade, número de telefone e perfil no aplicativo *Instagram*. A ideia, sequencialmente, é construir, a partir de novas aproximações empíricas, somadas as respostas em formulário, estabelecer critérios para as escolhas de quais sujeitos/as farão parte da amostragem sequencial de pesquisa, que envolve a abordagem de novas trilhas metodológicas, em análises aprofundadas envolvendo **inspiração etnográfica e entrevistas**. Para construções mistas e profícuas de pesquisa, entendemos ser de importância metodológica e epistêmica que consigamos estruturar amostras menores e que nos gerem e possibilitem

indícios de fortaleza para a pesquisa, compreendendo a **diversidade**, a **comunicabilidade** e os **exercícios de cidadania** como dimensões a serem buscadas nos sujeitos co-partícipes de pesquisa. Para tal empreendimento optamos por convidar seis sujeitos/as participantes do PPT durante o semestre 2023/2 para construir a pesquisa conosco⁴⁸, sendo quatro meninos e duas meninas de idades entre 15 e 18 anos. Antes de abordar e refletir sobre os dados obtidos, trataremos sobre as etapas seguintes do que considerariamos processualidades metodológicas, elencando como elas nos atravessaram neste processo e relatando como chegamos aos resultados bem como de que forma e como todo o processo se deu, trazendo-os mais próximos à realidade empírica e exemplificando as escolhas feitas para chegar ao nosso objetivo final: **compreender as dinâmicas comunicativas dos/as sujeitos aqui investigados**a partir de suas performances.

6.1.2 Das entrevistas semi-estruturadas ou por “entrevistas comunicantes da performance”

Pensando no *discurso* e nas *temporalidades* como indispensáveis para o conhecimento da subjetividade e dos usos e apropriações midiáticas dos sujeitos, convém-nos, aqui remontando a Martín-Barbero (2018) lembrar da importância da participação ativa dos sujeitos/as em pesquisas, como a que pretendemos desenvolver aqui: “não há sujeito sem pressuposto de palavra própria, mas não há palavra verdadeira sem pressuposição da própria história, desse passado que se esconde, se enrola na espessura e na inércia do corpo” (MARTÍN-BARBERO, 2018, p. 120, tradução nossa). Congregamos aqui à visão do autor colombiano que estamos todos imersos em uma vinculação inescapável consigo mesmos. Essa imersão, a partir de nossas capacidades cognitivas, nos permitiria criar e enunciar narrativas sobre o que somos (isto também corrobora para construirmos nossas identidades, ainda que elas sejam dinâmicas, fluidas e representem estágios momentâneos e fluídos) e com isso: “representa a realidade [...] organizando fatos, pessoas e acontecimentos dentro de uma narrativa na qual o sentido pode acontecer” (SÁ MARTINO, 2010, p. 41). Essas narrativas sobre o que seríamos nos ajudam também a perceber e tecer relações como as que são valiosas aqui, interpelando nossas aproximações com as materialidades comunicacionais e midiáticas - o que no nosso trabalho envolveria tecer compreensões sobre fluxos identitários a partir do perfil dos/as sujeitos/as e suas relações (ou não) com dimensões do que considerariamos íntimo.

⁴⁸ ver capítulo 7

Aqui a compreensão de que enquanto seres de linguagem, podemos e temos capacidades para realizar significações, nos ajuda a assimilar que a prescindibilidade do discurso *do outro* é essencial para elaborações profícuas de pesquisa que se envolveriam com as dinâmicas apropriativas de mídia; seria, portanto, a possibilidade de comunicação simbólica vinculada à linguagem que nos diferenciaria de outros seres vivos. Mais do que isso, a possibilidade enunciativa seria valiosa para construção de pesquisas que se propõem e despertam possibilidades interventivas na empiria. A partir disso nasceria e emergiria uma pesquisa plenamente responsável pelas dimensões, apropriações e competências cidadãs. Pensando junto a Bonin (2014) é necessário que compreendamos as particularidades dos/das sujeitos/as a partir de seus “contextos, das culturas, das linguagens e das modalidades comunicativas” (BONIN, 2014, p. 47) só assim podemos, de fato, pesquisar-junto; em especial, nas dimensões das quais buscamos aqui.

Ao iniciarmos uma etapa aprofundada de análise baseada em entrevistas, pensamos junto a Fontana e Frey (1994) que ela se configura enquanto “uma das mais comuns e poderosas maneiras que utilizamos para compreender nossa condição humana” (FONTANA & FREY, 1994, p. 361). Para isso, consideramos como crucial, pensando junto a Valquíria Michela John, em aula expositiva proposta no 31º Encontro da Compós (2022)⁴⁹, o entendimento de que a entrevista diz respeito a: 1) *encontro com a alteridade*: neste caso, com a alteridade de adolescentes que refletidamente aceitaram participar de uma pesquisa e que possuem suas próprias formas de ver, compreender e reconhecer o mundo, as situações e as *situacionalidades* que lhe são apresentadas. A ideia de alteridade aqui está focalizada em sua relação com as próprias noções de identidade - tão ricas e importantes para este trabalho. Para Laplantine (2006), nada que nos atravessa enquanto sujeitos pode ser considerado “natural” e que são nessas percepções, reflexões e análises que conhecemos parte de nós mesmos.

Também reconhecemos a 2) *subjetividade fundante* do método ao considerá-la enquanto uma processualidade qualitativa de pesquisa, incorremos novamente na ideia de que não devemos nos prestar a compreender e oferecer dimensões generalizantes de pesquisa. Estamos compreendendo relações e (inter)relações pontuais e específicas que dizem respeito a forma como *estes* sujeitos (adolescentes beneficiários de um projeto social de uma ONG da zona sul paulistana) se apropriam *desta* mídia específicas (plataforma do *Instagram*) *neste* processo comunicativo (dinâmicas de autoapresentação) analisado *neste* tempo particular. Não

⁴⁹ Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná (UFPR) em agenda realizada no evento, entre os dias 06 a 10/06/2022 de modo remoto em:

<<https://www.compos2022.com.br/>>

significa, contudo, que essas percepções não se tornem, posteriormente, valiosas para realizar observações e produzir análises a partir e acerca de outros sujeitos/as, grupos e/ou comunidades, como em um percurso científico. No entanto, esclarece-se aqui, inspirados em Minayo (1993) - pensando na aplicação de entrevistas para contextos de saúde - que busca-se compreender a entrevista enquanto uma “conversa a dois” que nos fornecerá informações *paranosso* objeto de pesquisa aqui estipulado. Além disso, compreendemos como necessário um

3) *exercício de reflexividade constante*, que envolveria incorrer em uma postura científica esclarecida na ideiação de que todo e qualquer discurso proferido está vinculado a contextos particulares e que não podemos considerá-lo enquanto representante basilar de um/a sujeito/a ou grupo.

Para todo o exposto consideramos, no entanto, como basilar *perceber* as dinâmicas que acometem e se atravessam na construção e elaboração no decorrer da pesquisa. Neste momento, optamos por estabelecer como profícuas as iniciativas **semi-estruturadas** de pesquisa, potencializando-nos para a feitura-realização um roteiro como linha condutora que nos levaria a compreensões as quais nos importam aqui, mas possibilitando, ao mesmo tempo, um espaço para complementações, acréscimos e aberturas temáticas que nos conduzam para percepções as quais não foram programadas, percebidas ou suspeitadas durante a feitura do roteiro; isto não implicaria em diminuir o rigor da proposta, mas sim, fugir dos tensionamentos rígidos implicados em metodologias quantitativas e que se agrupam em uma consideração pouco fértil do ideal de objetividade científica, como já exposto em outros momentos deste trabalho. Compreendemos, assim, que as iniciativas de entrevista semi-estruturadas são mais adaptativas e flexíveis, mas nos possibilitam, ao mesmo tempo, manter fluxos de associação interessantes e sugestivos para os objetivos do trabalho, cabendo ao pesquisador estabelecer até *onde* elas poderiam ir. Decidimos chamá-las, neste processo, de **entrevistas comunicantes da performance** por compreender que buscam reter particularidades e especificidades próprias *deste* trabalho em questão, que busca identificar processos muito específicos, pontuais e contextuais.

As entrevistas foram realizadas na própria sede da *Vocação* durante a proposta do *Programa Preparação para o Trabalho (PPT)* entre os dias 25 e 28 de setembro de 2023, durante o período em que os adolescentes participam do projeto, das 13h30 às 17h30, em uma das salas disponíveis para uso na ONG. As entrevistas foram realizadas individualmente e duraram de 15 a 30 minutos.⁵⁰

⁵⁰ Ver apêndice com link direcionador para a gravação das entrevistas com os/as sujeitos/as

A base de pesquisa foi pensada, refletida e validada e esteve agrupada em uma sequência que permitiu uma associação livre de ideias, conjecturando para captar as potencialidades de cada sujeito/sujeita⁵¹. Fornecemos aqui alguns insumos temáticos importantes para sua realização: Em um primeiro momento sugerimos aos sujeitos/as que pudessem nos explicitar sobre seus perfis no *Instagram*, buscando respostas que indicariam compreensões sobre se eles **o representavam**, aqui consideramos usar o termo representação menos como uma aplicação teórica - que deriva discussões e tensionamentos complexos, envoltos, inclusive a própria ideia de identidade, mas também sobre imaginário e/ou memória - e mais como um significante *consensual*. De maneira enfática, no entanto, a pergunta gera vários outros desdobramentos porque converge para o entendimento sobre identidade e representação mas caminha para lugares outros que vão ao encontro com processos os quais considerariamos *autorreflexivos* inspirados em leituras de Giddens (1992), ou adentram mesmo já de início a tensionamentos caros ao nosso trabalho como os da performance.

Na sequência o motivador é que os/as sujeitos/as explicitem sobre seus perfis, contando-nos **o que postam, para quem postam e dialogando sobre porquê manterem-no aberto ou fechado**. Os direcionamentos aqui, conforme percebidos nos questionários, guiam-nos para interessantes perspectivas sobre imaginários da intimidade, mas antes de tudo, revelam-nos dinâmicas que são identitárias por natureza e, portanto, maleáveis, flexíveis, performáticas e idiossincráticas, envoltas a um tensionamento que envolve também os atos de tornar visível (ou não) e que dialoga de maneira contextual com percepções sobre privacidade, tão caras aos estudos de cultura digital na atualidade e que eram inicialmente um tópico operativo pouco acionado nos vislumbres iniciais desta pesquisa, mas que se concatenaveemente com debates sobre a **privacidade**.

Sequencialmente adentramos o debate sobre a **utilização ou não de outro perfil**; daí os questionamentos florescem de maneira distinta, já que no caso, já conhecemos de antemão os/as sujeitos/as que têm ou não outro perfil no momento de entrevistá-los; questionamos, contudo, aos que afirmaram tê-la se *ainda* seguem tendo- o e daí surgem braços importantes para o que considerariamos central para nossa proposta aqui e que ajudam-nos a pensar também sobre as infraestruturas e materialidades, conforme exposto em um de nossos objetivos específicos: ao adentrar as especificidades do porquê os/as sujeitos/as têm (e mesmonas leituras que afirmam não tê-lo) conseguimos compreender e para que ele *serviria* e pedimos para que os/as sujeitos/as falassem sobre ele, dando indicações sobre as motivações

⁵¹ Ver apêndices

de sua existência, buscando alinhar também este entendimento a uma dinâmica de construção identitária.

Já considerados os usos de um ou mais perfis, seguimos na tentativa de compreender dinâmicas externas de alo-definição (MEUCCI; MATUCK, 2005) e que representariam a percepção do outro sobre si. Aqui, atualizando os debates, podemos adentrar o que considerariamos enquanto *intencionalidade performativa* ou busca por coerência expressiva (PEREIRA DE SÁ; POLIVANOV, 2012) dialogando sobre se os/as sujeitos/as pensaram sobre **quem vai ver** suas postagens no momento da realização delas, além de compreender se já deixaram de publicizar alguma coisa pensando em quem veria ou se já haviam ocultado algo de/para alguém, em dinâmicas próprias das funcionalidades do *Instagram* e que nos ajudam a construir e compreender questões envoltas a **visibilidade**, e também nos contribuem com a postura de fugir da ideia tão reiterada aqui de que os/as sujeitos possuem autonomia constante sob suas publicizações e, nem de longe, tornariam tudo que realizam ou vivenciam, visível.

Como parte fundamental da conversa adentramos o espaço de debate sobre *intimidade* - questionando-os introdutoriamente sobre o que a palavra representaria para eles/as; posteriormente buscamos pensá-la a partir de tensionamentos sobre o termo em seus perfis, buscando compreensões para a forma como construíam a si mesmos, mas também como gerenciavam estes espaços a partir de seus ideais sobre a terminologia.

Por fim, para adentrar um marcador importante para o nosso trabalho, tentamos tecer compreensões sobre a funcionalidade “*close friends*” - optando por manter a utilização da terminologia na língua inglesa devido a forma comumente utilizada pelos/as sujeitos/as; também já considerávamos como certo quais dos/as sujeitos/as usavam ou não, mas demos direcionamentos sobre frequência de uso, motivações e exemplos, incitando também para explicitações práticas de usabilidade.

As perguntas e direcionamentos foram entrelaçados ao arcabouço teórico construído durante o trabalho, sendo, portanto, as teorizações bases delineadoras da e na construção das perguntas semi-estruturadas. A identidade (construção, gerenciamento, manipulação do(s) perfil(is)), a intimidade, visibilidade e a privacidade (percepção, entendimento, compreensão) e a performance (ajuste e negociação), configuraram-se como bases sólidas para a elaboração desta etapa.

6.1.3 Das inspirações etnográficas ou por uma observação comunicacional da performance

Falar sobre etnografia pode ser considerado espinhoso para alguns pesquisadores/as em especial *quando e se* debatida fora de construções e elaborações científicas delineadas para além de um pensamento antropológico de base. Nascida e problematizada como um método de estudo da Antropologia - e o que historicamente garantiu a identidade da área - a própria noção de “*método*” pode não ser completamente aplicável à forma de se pensá-la. Quando revisitamos leituras que ajudaram a estruturar o tema, como as de Geertz (1973) podemos notar que as noções envoltas a Antropologia também dizem sobre um processo de fazer ser entendido, descrever e elaborar sobre determinadas situações, vivências e percepções acerca de grupos específicos. Neste caso, o etnógrafo deveria expor em seu texto particularidades para prover a quem o lê, insumos significativos que mostram que ele *esteve lá*.

Não cabe aqui, em nosso trabalho, historicizar sobre a etnografia - não seria justo com os autores e autoras que já propuseram levantes bibliográficos sobre o temário, e são vastos, inclusive - mas sim apropriar-nos do que compreende Geertz, ressaltando vislumbrar a etnografia enquanto uma *descrição densa* de determinada cultura. Cabe aqui, situar um direcionamento e uma percepção que considere os aspectos extrativistas, colonizadores e pouco diversos que ela [já] compreende(u) em sua trajetória de institucionalização acadêmica, especialmente quando assimilada e interpretada a partir de pensamentos estruturalistas ou que vislumbravam a sociedade a partir de perspectivas pouco móveis do ponto de vista laboral, econômico, social e/ou cultural, negando a mobilidade das estruturas societárias. Para Carvalho (2001), em leitura neocolonial sobre o campo, mesmo os autores que se propuseram a realizar críticas e considerar a Antropologia como parte estrutural de um pensamento eurocêntrico que estipulava suas visões de mundo pouco congregadoras no que dizia respeito aos objetos e sujeitos estudados e analisados - como Jacques Derrida e mesmo Clifford Geertz - ainda assim, não necessariamente conseguiam quebrar por completo essas vinculações porque, para ele, os antropólogos europeus e do norte global “construí[ram]u sua[s] image[ns]m diante do resto do mundo como sendo a única cultura capaz de realizar tal movimento de abertura e auto-desdobramento” (CARVALHO, 2001, p.110), o que nos leva a considerar uma *visão de mundo* impregnada e altamente hierárquica do ponto de vista científico nas trajetórias da pesquisa etnográfica. Como exposto, estas determinações e confrontações são importantes e perpassam os debates sobre a etnografia na

contemporaneidade; pretendemos, no entanto, privilegiar em nosso trabalho, uma construção teórica que permita-nos ajudar a pensá-la como uma *inspiração* metodológica, problematizando-a a partir de um fazer que envolve compreendê-la sob bases midiático-comunicacionais e, em especial, as que acontecem *online*.

Para nosso trabalho, a aplicação e problematização da terminologia em pesquisas realizadas virtualmente nos é rica, em especial pensando que o aumento da digitalização expandiu o campo de estudo de diversas culturas e comunidades. Há pesquisadores/as realizando propostas e direcionamentos como esses já há bastante tempo. Novos nomes para tal feita foram se capilarizando conforme a passagem dos anos, mas os desafios epistemológicos continuam atravessando essas dinâmicas, em especial em uma sociedade altamente digitalizada e plataformizada como a qual vivenciamos. Nomenclaturas como *etnografia virtual*, *antropologia digital*, *netnografia*, *ciberetnografia* entre outras, somaram-sena tentativa de estabelecer especificidades no atravessamento desta com as realidades que surgiram nos, pelo menos, últimos 20 anos. (POLIVANOV, 2013). O debate sobre a etnografia em espaços virtuais está concatenado também à própria construção histórica dos estudos da cultura digital. Se há 15 anos compreendíamos as tematizações e investigações realizadas em espaços digitais a partir do que convencionalmente chamávamos de *cibercultura*, consideramos como importante também as avaliações genealógicas sobre oimbricamento entre as áreas, porque nos ajudaria a estabelecer os fluxos e debates que se interconectam entre teoria-prática em um processo de maturação acadêmica.

Se há algum tempo ainda ressoavam no campo pesquisas que compreendiam as investigações realizadas na internet como opostas às do “mundo real”, que aconteciam na fisicalidade corpórea, hoje já conseguimos vislumbrar a internet como incorporada em nossas realidades intrinsecamente (HINE, 2015) - isso também reverbera nos estudos etnográficos, o que nos ajuda, enquanto pesquisadores a compreender as significações de uso envolta a terminologia. Ao pensar junto a Silverstone (2005) que os processos comunicacionais requerem o entendimento de como: “alteram o ambiente social e cultural que lhes dão suporte como também as relações que os participantes, tanto individuais quanto institucionais, têm com esse ambiente e entre ele” (SILVERSTONE, 2005. p. 189), preferimos compreender, ainda que com cautela, que torna-se indissociável para as pesquisas da cultura digital reivindicarem o uso da terminologia etnografia para entender processos interativos de grupos e/ou sujeitos em espaços e ambiências digitais; compreendendo e tomando como ponto de partida que a coleta dos dados e a *observação* (tão cara a etnografia) deva ser problematizada

a partir das especificidades das narrativas, dinâmicas e literacias provenientes da ambientalização na/da internet (SÁ, 2005).

Sugerimos aqui, para nosso trabalho, afirmar que nossa pesquisa vale-se de *inspirações etnográficas* ou ainda um chamamento a acionamentos que considerariamos aqui enquanto *observação comunicacional da performance* - o que congrega uma ideação mestiça na forma de inferir e realizar as análises. Acreditamos que a processualidade continua válida e rica para inferências e análises realizadas em espaços virtuais, congregando-se a visões como as de Kendall (2009) que a observação e o processo de análise interpretativa requer conhecer e estabelecer os limites espaciais, temporais e relacionais. Especificar os processos, assim como fizeram os autores de base, segue como sendo primordial para caracterizar propriamente a etnografia e suas inspirações - mas que a pretensão de compreender dinâmicas que se entrelaçam de forma reflexivamente mais potente às comunicacionais do que as históricas ou de sociabilidade (ainda que elas sejam importantes e significativas) nos levaria a tecer uma nomenclatura distinta que dê conta de nos respaldar em nossos fazeres.

Em nosso trabalho, buscaremos compreender as formas como os adolescentes se autoapresentam e performam seus *selves* na plataforma *Instagram* a partir da forma como compreendem ideias de intimidade e suas correlações com a privacidade e a visibilidade. Isso requer considerar que há observação fundante neste aspecto; mas que a etnografia acontecerá de maneira multissituada, já que a presencialidade física continuaria com as mesclas metodológicas a serem realizadas nos encontros junto aos/as sujeitos/as. Junto a Hine (2015), entendemos que deve-se esperar que os estudos empreendidos digitalmente se espalhem *para além* da internet, ao explorar, identificar e perceber *como* as atividades existem e adquirem significado nas esferas da vida social e que as observações realizadas nesses espaços não podem estar “centralizadas” pela internet. Para isso, buscaremos adotar: “uma abordagem reflexiva - usando a imersão no campo para desenvolver *insights* acerca dos aspectos sensoriais daquele campo para os participantes” (HINE, 2015, p. 22). Isso seria possibilitado por uma dimensão de *conveniência* metodológica - a proximidade física com o campo, mas também justifica-se a partir da postura transmetodológica de base que busca mesclar e confrontar métodos, como já elaborado e situado no capítulo anterior deste escrito.

Buscaremos, em nosso processo, pensar junto a Winkin (1998), ao estabelecer a inspiração etnográfica para pensar e visualizar a comunicação: “como um fato cultural, uma instituição e um sistema social. Uma comunicação refletida não mais e apenas como uma telegrafia relacional, mas, sim, como uma orquestração ritual, eminentemente sensível e sensual” (WINKIN, 1998, p.10). Para tal, inspirados na leitura do autor supracitado,

valemo-nos de sua compreensão da etnografia também como *arte*, para além de disciplina científica, articulando sua ideia de que para realizar boas etnografias (no nosso caso, a partir de suas inspirações e das observações comunicacionais), é preciso *saber ver*: aqui precisamos estar atentos ao que desponta no cerne das interpretações que os adolescentes têm, em seus usos e apropriações cotidianas, das plataformas em sua vinculação afetiva no que concerne às suas compreensões e constructos subjetivos sobre a intimidade; mas o *saber ver*, aqui, vai além: é preciso localizar o tácito, aquilo que curiosamente pode ser (in)comunicável, de difícil percepção. Estabeleceu-se aqui direcionamentos basilares a partir do que observou-se de maneira empírica em conversas e aproximações realizadas junto aos adolescentes, mas consideramos que é preciso ir além, estar atento ao que nos chega e isso será possível através de um esforço que envolve o entendimento das processualidades comunicacionais abarcadas nas dinâmicas consideradas aqui como de “autoapresentação”. É preciso também, junto ao que nos expõe Winkin, *saber estar com*; neste caso, a multissituação é preciosa. Ainda que as análises aconteçam em uma observação vinculada à plataforma, a possibilidade de presencialidade física é que nos direcionou para inferências iniciais de pesquisa; é ela também que nos permitirá construir novos imaginários *sobre* nossas tematizações, em um processo que envolve construção, elaboração e reflexividade constante. *Estar com* física e digitalmente é valioso; física e digitalmente, mais ainda. Por fim, é preciso *saber escrever*; isso acontece com descrições que nos ajudem a nos fazer entendidos, mas que também caminhem para um espaço imaginativo. Se o próprio autor nos concede o entendimento que o processo etnográfico é *arte*, focalizaremos nossas descrições para uma dimensão *performativa* desta; elaborando uma textualidade: “capaz de afetar a mente fora de toda representação [...] de inventar vibrações, rotações, giros, gravitações, danças ou saltos que diretamente toquem a mente” (DELEUZE, 1994, p.8, tradução nossa). Isso implica considerar que a descrição performática, seria, a que concederia insumos para que os leitores deste trabalho, consigam, além de *interpretar* as análises feitas, imaginá-las a partir de uma vinculação *subjetiva, lúdica e confabular*. Uma etnografia a qual consideramos enquanto uma **observação comunicacional** das performances a partir de um diálogo com o campo midiático-comunicacional, reivindicando um trato que longe de exclusivo, é marcadamente específico, mas também naturalmente esperso, multidimensional.

Como forma de abarcar critérios para nossa observação, optamos por analisar sequencialmente e, em alguns casos, condicionalmente: **1) a quantidade de posts e quantas**

peças cada sujeito/a segue e é seguido/a, 2) as biografias⁵², 3) os destaques⁵³, 4) as publicações⁵⁴, 5) as legendas das publicações⁵⁵, 6) as publicações em que os/as sujeitos/as estão taguados⁵⁶. A análise evita, contudo, seguir um padrão estático enrijecido de construção textual, privilegiando a flexibilidade. Compreendemos e reiteramos também que cada aspecto acionado aqui equivale a categorias distintas de análise no que tangem as materialidades e também as temporalidades, em especial porque comportam insumos que vão de narrativas textuais à dimensões imagéticas, somadas ou não aos aspectos do/de som, incorporando as complexidades envolvidas da e para análises que adentram as ecologias das plataformas - em mutação constante. Por isso, acreditamos que a descrição é fulcral para as considerações analíticas observadas e potencializam os achados em especial quando realizados em aspectos que unem e se apropriam da diversidade metodológica. As análises ocorreram entre os dias 01 de 15 de novembro de 2023 e todos os dados que envolvem número de posts, seguidores ou quaisquer outras circunstâncias e situacionalidades que podem ser editadas, ocultadas ou excluídas etc., foram consideradas até a data em questão.

⁵² Diz respeito à forma como os/as sujeitos/as podem se descrever ou descrever algo em 150 caracteres em seus perfis

⁵³ Conteúdos do formato *story* que são fixados em seu perfil, logo abaixo da biografia

⁵⁴ São as postagens realizadas pelos/as sujeitos/as. Ficam expostas no perfil

⁵⁵ Cada post pode (ou não) ter uma legenda com 2.200 caracteres

⁵⁶ Diz respeito à possibilidade de ser 'marcado' em fotos publicizadas por outros/as sujeitos/as.

7. DO QUE ENCONTRAMOS

O meu delírio é a experiência com coisas reais
Belchior

7. 1 Das análises das *performances* e das relações com as autoapresentações vinculadas aos ideais de intimidade, visibilidade e privacidade

Depois de explicitados os contextos da pesquisa, os conceitos operativos e os movimentos e iniciativas metodológicas realizadas durante toda a construção e as processualidades de/da pesquisa, trazemos aqui as análises e reflexões abduativas que puderam ser obtidas; o que encontramos, portanto, a partir das trilhas investigativas desenvolvidas para este trabalho. Com a ajuda do pensamento transmetodológico de base, consideramos que isso envolve a percepção teórica atrelada e concatenada ao que vimos, observamos e testemunhamos na empiria, com a tentativa de obter e sugerir novas formas de ver, enquadrar e vislumbrar o fenômeno do que consideramos autoapresentação, aqui em especial sob um prisma de/da intimidade e das correlações possíveis (e mesmo as não imaginadas) com a visibilidade e privacidade em perfis no *Instagram* de seis adolescentes beneficiários do Programa Preparação para o Trabalho (PPT), pensando e refletindo a performance como forma e modo de compreender os movimentos realizados desde aqui: seja na teoria, na empiria ou quando ambas se concatenam.

Mais importante propriamente que a descrição sumária dos dados obtidos a partir das entrevistas e observações, consideramos construir uma análise que seja pujante do ponto de vista *processual* ao compreender que os trabalhos, sempre distintos entre si, precisam ser expostos e enunciados cada um à sua maneira. Construimos aqui uma proposição analítica que busque estar o mais fiel possível às realidades observadas e vivenciadas no processo empírico, costurando um texto que fale; mas também diga, exponha e provoque.

Como escolha refletida, escolhemos não nomear os/as sujeitos/as pelos seus nomes, sejam eles de nascimento ou retificados; optamos ainda por não informar sobre as *usernames*⁵⁷ de seus perfis na plataforma, optando também por não mostrar seus rostos ou quaisquer indícios que os caracterizem ou os identifiquem imagetivamente. No entanto, também adiantamos que ao tecer relações e compreensões e explicitar os observáveis a partir das entrevistas; gestos, atitudes, ações e atos circunstanciais aparecem e emergem no texto bem como marcações identitárias, étnicas, raciais, de gênero e gostos, desejos, anseios, sentimentos, etc.

⁵⁷ Os nomes de usuário utilizados pelos/as sujeitos/as em seus perfis

Para representar os adolescentes, utilizou-se a nomenclatura de bairros do distrito Campo Limpo, onde desenvolvemos a pesquisa. Geralmente marcados por nomenclaturas com nomes próprios, consideramos uma saída criativa no cumprimento da meta de não identificar nominalmente os/as sujeitos/as, ao passo que articulamos também um vínculo com o território onde a pesquisa é empreendida.

Em vista de contribuir para um panorama inicial sobre os usos e apropriações dos/as sujeitos/as elaboramos uma tabela que traz os três principais pontos e tópicos do trabalho: 1) perfil aberto ou fechado (considerando este como aquele que é mais utilizado pelo/a sujeito/a e que convencionamos compreender como *peçoal* - embora tenham surgido outras nomenclaturas dadas pelos/as próprios sujeitos/as no decorrer do trabalho); 2) se há mais de uma conta; 3) uso ou não da funcionalidade *close friends*/melhores amigos (nas entrevistas optou-se por utilizar o estrangeirismo, porque o uso da terminologia em português não foi tão compreendida durante as aproximações empíricas com os adolescentes)

Tabela 3: Das escolhas realizadas pelos/as sujeitos/as em seus perfis

Sujeitos/as	Seu perfil " <i>peçoal</i> " é aberto ou fechado	Tem mais de uma conta?	Utiliza o close friends ?
Marcelo	Fechado	Sim.	Sim
Roni	Aberto	Não.	Sim
Munhoz	Fechado	Não.	Sim
Ana Maria	Fechado	Sim.	Sim
Elisa	Aberto	Sim.	Não
Leônidas	Fechado	Não.	Sim

Elaborado pelo autor

7.2 Das análises empreendidas

7.2.1: De não querer ‘ninguém enchendo o saco’ e das dinâmicas laborais nas autoapresentações de Marcelo

A caminho da sala onde realizamos as entrevistas, no prédio da sede da Vocação, Marcelo (que fora o primeiro sujeito a ser entrevistado) começa nos questionando sobre a situação do “*nosso time*” - isso porque nas semanas anteriores, durante as aproximações empíricas, debatemos rapidamente sobre futebol; na ocasião, Marcelo usava uma camiseta do Santos Futebol Clube (SFC), tradicional equipe do litoral paulista com grande adesão na zona sul paulistana, e para qual torce o pesquisador que vos escreve. À época o time estava na zona de rebaixamento do campeonato brasileiro, principal competição nacional de futebol e, por isso, fizemos algumas brincadeiras com a possibilidade do time cair para a série B do campeonato pela primeira vez em sua história. Marcelo prontamente disse: “poxa, mas é a única coisa que a gente tem pra comemorar ainda”, em relação ao fato da equipe ser uma das únicas no país que até aquele momento nunca tinham sido rebaixadas para a segunda divisão do campeonato.

As primeiras impressões, o bate-papo casual e o contato inicial nos ajudam a refletir e pensar que a dinâmica da entrevista também deva seguir um caminho frutuoso e condescendente, se atendo as compreensões sobre o que há de mais valioso no discurso do entrevistado; o que exige flexibilidade para perceber também o que foge do escopo da entrevista - Marcelo gosta da conversa, e deixa ela chegar - atravessando o que fora questionado, em uma marcação que considera e relembra a subjetividade fundante do encontro com o *outro* em um processo de entrevistas, em que *tudo* fará parte da história a ser contada e que é um exercício do narrador-entrevistador saber e compreender como cada situacionalidade se tornará uma duração concreta, no texto a ser apresentado (VENERA, 2003), como é o caso do papo preambular sobre futebol. Talvez isso não tenha propriamente relação direta com as abordagens *dos e nos* assuntos a serem tratados, mas pode servir como pista implícita (inclusive para as observações posteriores nos perfis dos/as sujeitos/as), por exemplo: embora tenha nos dito que torce para o Santos, notamos sequencialmente nas observações dos perfis que Marcelo tem uma foto com a camiseta do Fluminense Futebol Clube, tradicional equipe do futebol carioca, o que nos leva a sugerir uma certa *ruptura de intencionalidade performática* (POLIVANOV; FIGUEIREDO; MORAES, 2017) caso em que a performance não sai como a esperada; neste caso: a inferência inicial de que Marcelo torce para o Santos, prejudica o entendimento dos motivadores para que ele esteja usando uma

camiseta de outro time, evocando uma ideia de quebra de expectativa e mesmo inautenticidade, tópicos debatidos pela perspectiva Goffmaniana da *performance* em contextos não-mediados. Evidente que aqui a ruptura tem uma compreensão que perpassa apenas um questionamento, dúvida e mesmo a ludicidade, mas há de se considerar que para figuras proeminentes e de visibilidade e alcance midiático essas *gafes*, conforme leituras do autor canadense, podem ser prejudiciais, indicando o que leituras da cultura digital podem e têm entendido enquanto “cancelamento” uma quebra de expectativa, um não-gerenciamento da imagem buscada e/ou combinada, pré-estabelecida.

Na ocasião, sabemos que as expectativas geradas são constructos subjetivos feitos/produzidos a partir da receptividade; ou seja: idealizamos que Marcelo torça para um time de futebol e acreditamos que a manipulação e o gerenciamento de impressões foi mal administrado porque ele possui uma foto usando a camiseta de outro time; no entanto, como contraponto lembramos sobre a fluidez e dinamismo das identidades e suas construções em espaços plataformizados. Usar a roupa de outro time se configura como *quebra de uma coerência buscada e almejada?* ou usar a roupa de outro time seria apenas *vestir uma roupa?* Afinal, há diversas outras fotos em que Marcelo está com a camiseta do Santos.

Um dos motivos que nos levou a contatar Marcelo para as entrevistas é justamente sua peculiar característica de comunicabilidade. O sujeito participou ativamente das conversas exploratórias, mostrando como e porquê faz suas escolhas em relação aos usos do *Instagram*, como o exposto no questionário-performativo. Durante toda conversa contribuiu frutiferamente com os direcionamentos e as propostas de intervenção que aconteceram durante a entrevista, respondendo os questionamentos de modo fluído e mesmo rapidamente - aqui não em um sentido de que queria se livrar das perguntas, mas no indicativo que tinha muita certeza no dizer, vontade de participar. É o sujeito mais velho de toda a análise com 18 anos completos (lembramos que os adolescentes do PPT devem ter até 17 anos para se inscreverem no programa); tem intenção de ser *designer* e nos questiona sobre o trabalho com Marketing e Comunicação realizado na Vocação, o que irrompe o início “oficial” de nosso bate-papo, já na sala para a entrevista: “como é trabalhar com Marketing? Tô pensando seriamente em seguir para essa área” essa informação e dado de contexto é valiosa para análise a seguir; guardem-na.

Marcelo é um dos sujeitos que possuem mais de um perfil no *Instagram*, nos indicando, no entanto, uma leitura que passa despercebida pela maior parte das bibliografias sobre o temário: a de um **perfil profissional**; o que notamos, inclusive, ser bastante comum a partir das indicações obtidas via *questionários-performativos*. Enquanto a maior parte dos

trabalhos sobre o temário parecem estar preocupados em pensar em um *outro* perfil para performances mais autênticas, engraçadas e/ou lúdicas de si (HUANG; VITAK, 2022) as apropriações de Marcelo e outros/as sujeitos/as nos fazem pensar mais sobre as peculiaridades e especificidades dos contextos geográficos e sociais nos usos e apropriações das plataformas de redes sociais. Um perfil que esteja atrelado aos desejos profissionais e que possam contribuir com rentabilidade, por exemplo. Evidentemente são enfoques e modos de compreender e pensar os trabalhos de forma distinta: um eixo mais focalizado em dimensões subjetivantes e o outro propriamente em questões laborais e financeiras; contudo, refletimos aqui se não seriam formas distintas de pensar um mesmo fenômeno de base, afinal, estariam todos se autoapresentando, independentemente da forma, motivo ou circunstância. Daí a proeminência de mais pesquisas de fôlego se atravessando as novas formatações de construções identitárias em espaços plataformizados.

Estar em um projeto social voltado à preparação e inclusão ao mundo do trabalho também já nos indica direcionamentos e sugestões acerca do tema, em especial em uma região onde a renda *per capita* é a menor da cidade de São Paulo.⁵⁸ Mas não é só isso: outros/as sujeitos/as demonstraram se preocupar com as questões: uma sujeita que chegou a participar das etapas de entrevistas mas não adentrou a análise final⁵⁹, por exemplo, tinha um perfil para publicar suas *receitinhas* e queria ser *influencer*; outra, ainda em etapas exploratórias com os/as sujeitos do semestre 2023/1 era manicure e tinha um perfil para fazer divulgação de seu trabalho, o mesmo acontecia com uma sujeita trancista. São formas outras de se apropriar dos espaços plataformizados, os quais as leituras temáticas sobre *autoapresentação* ainda pouco versam e que se interpenetram para e sobre dimensões das quais nosso trabalho pouco pode desenvolver proposições, mas precisa considerar: as dinâmicas de classe e as novas configurações de trabalho envolvendo plataformas. Muitos trabalhos, pensando e refletindo sob outros prismas já discorreram sobre o tema, que abrange distintos olhares e tensionamentos; daqui consideramos compreender que as novas formatações societárias contribuem para esta ideiação.

Continuando a observação para análise do perfil notamos que Marcelo utiliza o seu perfil - considerado em suas próprias palavras e mesmo como entendemos neste trabalho - **pessoal** com mais regularidade, sendo 15 publicações realizadas, ante três do seu segundo

⁵⁸ Dados disponíveis em:

<<https://trajetoriasocupacionais.seade.gov.br/wp-content/uploads/sites/6/2021/05/sp-diversa-analise-regioes-cidade.pdf>> acessado em 11 nov 2023

⁵⁹ A motivação para que ela não adentrasse a amostra final é que ela não aceitou ser seguida pelo pesquisador, o que prejudicaria as etapas seguintes de análises e *observações comunicacionais* da performance

perfil, o qual considera **profissional**. Começamos discorrendo sobre as construções e motivadores encontrados em sua conta *pessoal*: ela nos dá mais indícios e sugestionamentos para nossa pesquisa e nos ajuda tanto a tecer compreensões sobre dinâmicas de autoapresentação, mas suas relações tácitas com ideações de intimidade, privacidade e visibilidade; afinal, Marcelo opta por deixar seu perfil pessoal **privado**, ou seja: ele escolhe quem vai (ou não) poder ter acesso a suas publicações.

Lembramos que quando um/a sujeito/a escolhe deixar seu perfil nesta configuração, só pode ver suas publicações ou ter acesso ao contato com o perfil quem solicitar ao sujeito/a, que pode aceitar ou não a solicitação; a mudança pode ser feita a qualquer momento para torná-lo aberto, ou vice-versa. Antes de adentrar as tematizações sobre os usos e apropriações referentes a seu perfil, Marcelo, de maneira geral traz um tópico que nos surpreende: “privacidade pra mim é ter uma porta no meu quarto. No meu quarto não vejo um ambiente privado pra mim. Não tenho um quarto só pra mim”, o que nos relembra quanto às percepções e reflexões sobre as apropriações midiáticas também precisam estar acompanhadas de um olhar para e na história de vida particular de cada sujeito/a. A fala, enfática, nos sugere que ao menos em seu perfil, ele consegue ter uma autonomia na administração de sua privacidade.

É curioso que isso apareça nas falas de Marcelo porque as investigações referentes ao debate sobre o *íntimo* nos reiteram que a disposição dos cômodos das casas burguesas em meados dos anos 1800, possibilitaram uma mirada *introdirigida* para que os sujeitos/as daquele momento pudessem olhar pra si, refletindo sobre suas próprias vivências, criando espaços frutíferos para construir suas particularidades. Mas isso era o que acontecia apenas em classes abastadas e com a burguesia e não parecia estar próximo da realidade dos sujeitos/as de classes populares, seja há 200 anos ou nas vivências dos sujeitos/as partícipes desta pesquisa. Como dados de contexto: a zona sul de São Paulo é a região mais favelizada da metrópole; sendo o Campo Limpo o bairro com mais favelas na cidade: 186 segundo índices do IBGE. Como informação relacional, mesmo com mais de 600 mil habitantes e uma população deveras jovem, o bairro tem uma taxa de fecundidade de mais de 42%⁶⁰, dado que nos indica para um território com grandes famílias. No caso de Marcelo, são cinco irmãos; quatro vivendo no mesmo quarto, sendo destes, o mais velho.

Sequencialmente ao revelar sua escolha em deixar o perfil privado, Marcelo afirma: “quem quiser me seguir vai me perguntar e é isso. Não quero que encham meu saco [...] não quero qualquer tipo de ser humano no meu *direct*, não tenho paciência pra isso” o que indica um tensionamento que se relaciona com debates sobre privacidade e intimidade, discorridos

⁶⁰ Dado do SEADE: <<https://fecundidade.seade.gov.br/fecundidade-geral-dsp/>> acesso em 13 de dez 2023

durante as conceituações operativas. Mais do que particular e pessoal, a intimidade também envolve tensões relacionais, sobre outrem. A escolha, aparentemente refletida no fato de não querer *qualquer* pessoa vendo seu perfil, ganha destaque porque Marcelo afirma não se importar com quem vai ver suas publicações quando as realiza em seu perfil: “não penso em quem vai ver [meus posts]”, algo, no entanto, nos chama atenção: “mas sim qual vai ser a reação delas”, o que nos sugere para leituras que indicam o aumento sobre a manipulação e gerenciamento de impressões em contextos digitais e plataformizados (KHANNA, NAGAJOTHI, RAJAN, 2023) e esbarra em reflexões inicial dispostas no início do trabalho: *quem sou eu para determinadas pessoas?* afinal, em um contexto de visibilidade midiaticizada, tudo parece confluir e indicar para gerenciamentos de si mais significativos; e, ao que parece, as infraestruturas materiais estão atentas a isso - por motivações mercadológicas, fato, e que desembocam em melhorias nas ecologias, usabilidade e funcionalidades - mas atentas.

Sugerimos aqui que a possibilidade refletida de que Marcelo escolha quem tem acesso a sua conta, já o possibilita pensar em uma dinâmica de intimidade relacional o que corrobora para sua contextualização motivadora em manter o perfil privado: “privacidade é você estar em um local em que ninguém vai te olhar torto, ter um ambiente livre, privado, seu [...] e o meu perfil privado é basicamente isso: qualquer um que eu aceitei pode ver, só não enche meusaco”, o que nos faz alusão novamente a questão trazida por Marcelo em relação à privacidade nos cômodos de sua casa.

Em sua biografia, Marcelo traz as seguintes informações: 18 anos, existo além também de um link para seu Last.FM, (sublinhado nosso) aplicativo que categoriza e mostra as últimas músicas escutada pelos/as sujeitos/as. Sequencialmente, versando sobre as publicações do perfil *pessoal* de Marcelo⁶¹, todas apresentam o que os adolescentes chamam corriqueiramente de *dump*⁶², uma sequência de fotos consideradas aleatórias que representam um *despejo*, onde aproveita-se a possibilidade de postar 10 fotos ao mesmo tempo em uma única publicação, em uma sequência conhecida como “carrossel”. O que nos chama atenção é que a primeira foto de cada *despejo* é sempre uma arte produzida por Marcelo (lembramos de seu desejo de ser *designer*); sequencialmente há fotos as quais podemos realmente considerar “aleatórias” que se atravessam a momentos com amigos, prints de músicas, mas também com sua namorada - que conheceu no projeto. Algumas outras fotos de viagens realizadas junto à turma do PPT, prints de desenhos animados e mesmo uma incidência de memes também são

⁶¹ 15 publicações até a data final da análise: 11 de nov. de 2023

⁶² Site jornalístico apresenta a virilidade do photodump e explica porquê ele é tão utilizado:

<<https://www.terra.com.br/byte/photo-dump-o-que-e-e-como-fazer-no-instagram,5d29d48270126aa2e59354df8e90d63aniac4xsv.html>> acesso em 06 de nov de 2023

vistas nas publicações, diversas fotos com camiseta do Santos e uma com a camiseta do Fluminense não passam despercebidas.

A análise da autoapresentação do perfil pessoal de Marcelo nos indica um direcionamento a uma perspectiva performativa que envolveria *nunca ser, sempre estar*; para ele, seu *Instagram* consegue marcar o que chama de fase “mais pra baixo, e me libertando de coisas ruins”. As perambulações realizadas pelo perfil de Marcelo (LEITÃO; GOMES, 2013) vão ao encontro com o que debatemos na entrevista; ele afirma, ao dialogar e discorrer sobre seu perfil que: “antes postava fotos em uma vibe mais escura, trevas, e depois mais colorido [sic]”. De fato, as seis primeiras artes publicizadas no perfil estão em preto e branco, o que compreende os meses de março a outubro de 2022.

Curiosamente entre o mesmo período do ano de 2023, foram realizadas outras nove publicações, todas elas com cores vívidas, o que envolve fortes tons de amarelo e azul, mas ainda sim desenhos e iconografias que remetem ao noturno como tempestades, raios e trovões. As legendas das publicações seguem, no entanto, padrões que envolvem o uso de *emojis* e também frases em inglês, como “*fault*”, “*drunk*”, “*scream of madness*”⁶³, com exceção da última publicação: “*feel in luv*”⁶⁴ (sublinhado nosso) com fotos com sua namorada.

Relembramos com isso tudo que a performance, ou ao menos alguns de seus estudos, em especial os das vinculações às artes cênicas, apoiam-se na concepção dos movimentos expressivos e da corporalidade como *reservas mnemônicas* (o que no caso do perfil de Marcelo estaria marcado por essa dupla identificação com seus momentos vividos, seus sentimentos e suas percepções sobre si mesmo em momentos distintos), inspirados em leituras como as de Joseph Roach (1996) compreendemos o perfil de Marcelo sob “movimentos retidos em imagens [publicações] ou palavras [legendas], movimentos imaginários fabulados pela mente” (ROACH, 1996, p.26), em uma intersecção que não pode ser camuflada envolvendo a memória e a performance; e que justamente por isso, parece ser (re)lembrada, (re)apropriada e (re)afirmada em experiências de troca como no caso das entrevistas. Embora as fotografias nos perfis possam ser ocultadas temporariamente ou excluídas de modo definitivo a partir de anseios e desejos de cada sujeito, também podem (como no caso de Marcelo) funcionar como dispositivos de memória e arquivo - que reverberam nas compreensões íntimas de si e nas vinculações comunicativas estabelecidas com os períodos em que foram publicizadas e midiaticizadas.

⁶³ Em tradução livre: culpa, bêbado e grito de loucura, respectivamente

⁶⁴ Em tradução livre: apaixonado

Quando adentramos as correlações temáticas com a intimidade envolta à autoapresentação e as construções identitárias, Marcelo afirma que considera intimidade, em relação ao seu perfil, como: “poder postar literalmente como eu *tô*. Mostrar minha rotina suave” ou ainda publicações as quais considera “bem do pessoal minha [sic]”. Para ele, os destaques no perfil também demonstram um grau significativo do que considera íntimo, porque, segundo ele, mantém ali fotos com amigos ou sobre coisas que considera o representar. Este espaço, consideramos rememorar, é onde os/as sujeitos/as podem deixar visíveis os *stories* publicizados e que desapareceram 24 horas depois de sua postagem. Neste espaço, no entanto, eles podem continuar visíveis para qualquer pessoa que tenha acesso ao perfil do/da sujeito/a. Os destaques de Marcelo possuem indicações em seu título como: chards, lyrics, mundo, [emoji de coelho] e homes [sic]. (sublinhado nosso) E sinalizam para playlists em aplicativo de reprodução sonora, músicas, fotos de lugares, fotos com amigos e fotos com um amigo em específico (o que nos indica ser seu melhor amigo, conforme resgatado em nossa entrevista), respectivamente. Há duas marcações visíveis no perfil de Marcelo: uma em um show de uma banda de *rock* e outra com familiares; sendo cinco irmãos e seus pais.

Marcelo é um dos sujeitos que utiliza a funcionalidade *close friends*, afirmando que seu uso, no entanto, não é feito recorrentemente: “faz tempo que eu não uso, porque uso para ocasiões especiais”, o que nos desperta significativa curiosidade. Ao ser questionado Marcelo é enfático: “uso mais para piadas, para foto minha pós role tipo deitado no centro de São Paulo” o que se entrelaça de maneira significativa a leituras que compreendem este espaço para construções *autênticas* de si, postando situações lúdicas e que seriam rechaçadas caso estivessem sob visibilidade de todos os seus seguidores, o que se confirma quando ele nos afirma: “é literalmente somente amigos porque se minha família ver o que eu posto, vão falar: Meu deus, que coisa feia!” e ainda completa: “minha família é bem religiosa. qualquer coisa que eu faça que saia da linha deles eles já vem reclamar” o direcionamento de Marcelo nos enfatiza a relembrar como em escritos de Darr e Doss (2022) que a autenticidade, neste caso, é reforçada e guiada a partir da *normas* de um grupo, o que na ocasião e na leitura de Marcelo sobre seu consumo seria representado pelo uso da materialidade para escolhas *do que* tornar visível e *para quem*, o que se confirma em sua fala: “o pessoal que entende meu humor *tá lá*”.

Já seu *outro* perfil, o qual considera *professional*, foi segundo Marcelo, uma indicação e pedido de sua irmã: “Minha irmã me incentivou, ela disse ‘você faz coisa *mó* [sic] bem’ e então eu comecei... No começo eu postava fotos que eu editava, qualquer coisa que eu fazia

no meu programa de edição [...] e que tem a ver com minha vontade de ser designer” conclui. O perfil indica em sua biografia se tratar de um: “designer iniciante - apenas divulgando o que [sic] faço por diversão” e também indica a username de sua conta considerada pessoal, já analisada aqui (sublinhados nosso). O perfil, no entanto, tem poucas atualizações: três posts, sendo o último publicado em novembro de 2022. Uma inferência aqui é lembrar que Marcelo afirma que deixa de postar algo (aqui em se tratando de algumas de suas artes) porque elas não estariam: “boas o suficiente”. Ainda em correlações temáticas afirmou também que já ocultou algumas fotos. Das três publicações, uma delas se refere ao que ele diz na legenda como “primeiro projeto profissional” (sublinhado nosso), as outras duas são sobrepostões imagéticas.

Embora com poucos posts e que com uso evidentemente menor que o de seu perfil *pessoal*, a forma de utilização de Marcelo parece nos indicar para mecanismos de separação de âmbitos pessoal-profissional, em uma tentativa de estabelecer uma *persona* profissional e obter ganhos financeiros através da divulgação e monetização de suas contas. Essas inferências não aparecem nas conversas com Marcelo, mas se no perfil pessoal (e privado) ele afirma que posta “o que quiser, na hora que quiser”, soa-nos sugestivo que no perfil considerado profissional e aberto a todos e todas que queiram vê-lo esta máxima não funcionaria, mas que também se relaciona com um contexto social muito específico. Embora o *Instagram* permita que os/as sujeitos/as formalizem suas contas em pessoal ou profissional, muitos/as sujeitos/as preferem criar dois espaços distintos e isso nos parece estar envolto a dinâmicas de sociabilidade em rede, mais complexas e mesmo dicotômicas do que imaginamos e supomos.

7.2.2 Da representação do eu *de agora* e do desejo de se *mostrar* de Roni

Embora nas conversas em grupo que envolveu as etapas exploratórias de pesquisa Roni tenha explicitado seus pontos de vista e comentado bastante sobre seus usos, apropriações e consumos no *Instagram* (o que nos fez escolhê-lo para a continuidade da pesquisa a partir de critérios de comunicabilidade) na entrevista demonstrou-se mais contido; com respostas mais curtas e menos elaboradas sobre as temáticas debatidas. Foi preciso um trabalho um pouco mais propositivo, buscando captar peculiaridades e simbologias em suas percepções sobre as temáticas expostas, o que envolve compreender e se ater ao encontro como alteridade, como já situado em outros momentos deste trabalho.

Com 17 anos completos, Roni está em dúvida entre ingressar em um curso de psicologia ou de moda. Nas conversas exploratórias, junto a toda turma do PPT, foi um dos poucos participantes do projeto que respondeu positivamente sobre realizar as provas do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), mostrando curiosidade nas exposições sobre cursos superiores e/ou técnicos e sobre as diferenças práticas entre Universidades e Institutos Técnicos (o que fazia parte da proposta de incursão empírica pensada e refletida junto às coordenadoras e instrutoras pedagógicas do programa). Acreditamos que esta situação também atesta uma realidade prática dos/as sujeitos/as que vivenciam e buscam pelo programa: o acesso ao trabalho e renda como ponto de partida e necessidade elementar ante ao ingresso em instituições de ensino superior e cursos de graduação - isso dialoga enfaticamente com os números no país: mais de 75% da juventude brasileira não ingressou no ensino superior; destes, um a cada cinco sequer terminou o ensino médio.⁶⁵ No caso de Roni, o nervosismo e a animação para a realização da prova, realizada no início de novembro, eram visíveis e aproveitamos a deixa para buscar tornar a conversa e o diálogo menos engessado, trazendo experiências pessoais sobre a prova antes propriamente de iniciar de fato a entrevista.

Em se tratando da análise, observação e investigação sobre o perfil de Roni: ele é um dos sujeitos que possui apenas um perfil na plataforma e é enfático sobre suas motivações: “Não tem necessidade”, embora relate que possui muitas contas “perdidas” pela rede por ter se esquecido sequencialmente as senhas de seus perfis. Isso aparece na conversa porque quando o questionamos sobre possuir mais uma conta Roni se dá conta que sim, as possui, mas que não faz uso delas, o que não nos importa aqui. A plataforma reconhece estes perfis como “perfis fantasmas”, e ocasionalmente os exclui. Sugestionamos a partir disso, remodelar a questão para as futuras entrevistas, compreendendo que questionar sobre ter *outro* perfil pode induzir a um entendimento sobre o que não é o buscado: *outra* conta a qual se utilize, independentemente de seus usos e consumos.

Roni é seguido por 438 pessoas e segue 839, em sua biografia se apresenta sequencialmente com um emoji de coração roxo, Sp (indicando a cidade onde reside), o emoji do símbolo astrológico do signo de Peixes, Solteiro (indicando seu estado civil) e um emoji de bola de vôlei (sublinhados nosso).

⁶⁵ Dados obtidos em:

<<https://www.cartacapital.com.br/educacao/um-em-cada-cinco-ovens-brasileiros-deixou-a-escola-sem-ter-concluido-o-ensino-medio/>> aceso em 11 de nov de 2023

Versando sobre representação, Roni nos diz que tenta fazer com que seu perfil dialogue o máximo sobre si mesmo e sobre como se sente: “Sempre *tô* tentando buscar coisas que eu gosto, postando coisas que eu gosto, fotos que eu gosto” o que é bastante perceptível nas observações comunicacionais. Das 26 postagens em seu *feed*, todas elas são de fotos suas ou em que ele apareça com algum/a outro/a sujeito/a. Ele nos conta ainda que oculta ou apaga fotos, em especial por um motivo: “quando eu vejo que não é mais o que sou agora, eu apago” incentivando leituras que fogem do essencialismo das identidades ao concluir que: “sempre tento mostrar meu lado, o que eu sou agora, meu eu de hoje. Se eu vejo algo que não gosto, eu apago”, nos lembrando, como nos incita Stuart Hall que: “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas” (HALL, 2006, p.13) - consideramos entender perfis em plataformas como representantes simbólicos do que Hall nos apresenta; mais do que espaços de construção contínua, emergem - cada vez mais - como símbolos de (re)construção e (re)invenção do eu; representantes de um tempo-espço instado na volatilidade.

Refletindo junto a Schechner lembramos com isso que a performance não está *em* algo - aqui compreendido como a possibilidade de ocultar e excluir determinadas publicações de um perfil - mas *entre*, no discernimento de que há a possibilidade de que isso seja feito; na feitura e realização, no ritual, portanto: desde a publicização até seu ocultamento. Se supostamente para algumas leituras e acionamentos teóricos possa haver trivialidade e mesmo banalidade em compreender os usos e consumos como atos performativos, é justamente a possibilidade de que hajam leituras díspares sobre o temário que nos enfatizam em entender e visualizar as performances em questão a partir de suas circunstâncias e funções, sobretudo em relação aos locais (perfis nas plataformas), comportamentos esperados (publicações ou ocultamentos) e os actantes e espectadores (dono do perfil x seguidores) (SCHECHNER, 2002; CARLSON, 2010). Se a performance é semântica e teoricamente contestada, nos parece justo que possamos reivindicá-la no consumo, construção e (re)construção de si em espaços plataformizados, o que para nosso trabalho demandaria um alto grau de consciência e reflexão, mesmo quando o discurso aponta para o oposto, como quando Roni nos conta se pensa sobre as publicações que realiza: “antigamente eu pensava o que os outros iam achar de mim, mas atualmente eu tenho que ser o que eu quiser... *larguei mão*, se quiserem falar de mim vão falar”.

Em relação a privacidade de seu perfil, Roni é enfático: “vejo as pessoas fechando e não sinto necessidade de fechar. *Tô* sempre tentando conhecer mais gente, me mostrar. Não

seria recíproco fechar a conta sendo que eu quero mostrar meu eu” ele também afirma ter feito muitas amizades com pessoas de outros países e que deixar o perfil aberto contribuiu para isso. Depois de uma explicação um pouco mais enfática, ele reitera: “gosto de deixar aberto”. Toda essa justificativa nos rememora Thompson (2012) que ao debater sobre visibilidade midiática nos lembra que o desenvolvimento (e aqui cada vez mais sequencial e inconclusivo) dos meios de comunicação, nos possibilitam novas formas de interação social *por e pelas* mídias, nos fazendo pensar junto a Sousa que essa sociedade, sob a qual estamos instados: “também se explica pelo reconhecimento de que as pessoas hoje não exercem mais sua sociabilidade sem o concurso dos *media*, não pela presença das suas dimensões tecnológicas, mas pela mediação social que exercem” (SOUSA, 2000, p.78). Daí conferirmos e concluirmos sobre o poder interacional das plataformas e mais: compreender que as experiências de visibilidade também se atrelam a isso.

Ao tratar sobre suas compreensões sobre privacidade e intimidade no perfil, ele afirma que utiliza a funcionalidade *melhores amigos* com esse intuito: “lá eu coloco o eu tô pensando sempre, o que eu acho engraçado, coloco minhas dúvidas lá também... Privacidade pra mim é meus melhores amigos” o que vai ao encontro de algumas percepções iniciais desta pesquisa; não compreendemos que o uso desta funcionalidade é utilizada de forma única e homogênea; e os questionários-performativos somados às experiências empíricas nos ajudaram a entender isso; no entanto, lembramos que as funcionalidades são *propositivas*, nascem para dispor *algo para*, e isso está na raiz de sua significação [*to afford*: proporcionar].

A partir do que nos traça Roni, que usa a funcionalidade diariamente, afirma que: “sei lá, uso pra coisas engraçadas, divertidas porque sei lá o que minha mãe vai pensar?”, reiterando que posta coisas distintas nos dois espaços e concluindo: “em casa eu sempre fui mais tímido e mais quieto, então lá eu uso pra me expressar colocar o que eu gosto”, o que nos ajuda na compreensão de que este espaço também subverte leituras que compreendem a exposição como atributo contemporâneo a partir de tensionamentos negativos; afinal a forma de se subjetivar “perpassa dinâmicas altamente reflexivas e que estão atreladas às materialidades disponíveis nesses espaços” (ANDRADE, 2022, p.2) - espaços como os proporcionados pelas plataformas, nos ajudam a maximizar a ideia de que: “A formação do autoconceito é influenciada pela crença do indivíduo em si mesmo com base em as opiniões dos outros em relação a ele” (AIYUDA; SYAKAROFATH; 2019, p. 108, tradução nossa) e que ao propiciar que os/as sujeitos/as saibam para *quem* estão compartilhando, também haja modulação nas formações de e sobre o que os autores entendem como autoconceito (aqui, preferimos usar o termo autoapresentação). O “*me mostrar*” exposto por Roni quando

tratamos da motivação de manter seu perfil aberto não nos revelaria portanto um tensionamento de exposição deliberada de si - já reiteramos isso aqui de forma exaustiva -mas sim, uma atitude, uma forma de perceber e se relacionar com o uso da mídia, *se mostrar* como componente comunicativo; *se mostrar* sob circunstância e ponderação.

Escolher tem uma influência bastante significativa neste aspecto e as falas de Roni nos servem como direcionadoras. Mais do que isso, lembramos que há também *estratégias* de publicização e ocultamento; em tese basilar para o campo Polivanov (2012) pensando nas autoapresentações no *Facebook*, nos relembra que os conteúdos publicados (na ocasião por representantes da cena de música eletrônica) eram cuidadosamente pensados pelos/as sujeitos/as e que isso estava profundamente incorporado em ideais que, parecem, estão ainda mais emergidos em contextos contemporâneos, como os de autoatualização (LIVINGSTONE, 2012) esta, inspirada em contextos os quais já debatemos aqui: a da possibilidade de reflexão contínua.

Para a autora, em contextos novamente distintos dos quais analisamos (e mesmo com menos recursos, possibilidades e funcionalidades - característicos do início dos anos 2010), em pesquisa com adolescentes e suas relações com intimidade, privacidade e visibilidade - tal qual a empreendida aqui - nos traça as negociações realizadas pelos sujeitos/as a partir de duas vertentes: *riscos e oportunidades*: “para os adolescentes de hoje a autoatualização inclui cada vez mais uma negociação cuidadosa entre as oportunidades (para identidade, intimidade, sociabilidade) e os riscos (relacionados à privacidade, mal-entendidos, abuso)” (LIVINGSTONE, 2012, p. 114-115). No caso do que nos explica Roni, a funcionalidade e a possibilidade da utilização da materialidade possibilita atitudes como: “quando eu quero postar algo pra esconder da minha família eu posto no *close friends*” sinalizando com efusividade: “privacidade é meus melhores amigos” o que emerge também nos trabalhos da autora, que a partir de inferências e vastas análises empíricas com sujeitos/as de mesma faixa-etária da nossa pesquisa, compreendeu que os adolescentes, em espaços e ambiências digitais (no nosso caso com o adendo e a complexidade das especificidades materiais envolvidas) poderiam:

selecionar uma autorrepresentação mais ou menos complexa ligada a uma mais ou menos ampla rede de outras pessoas. (...) A elaboração da apresentação do self no nodo suporta a biografagem feita por meio da priorização de uma gerenciada e estilizada exposição de identidade como um estilo de vida (LIVINGSTONE, 2012, p. 107)

Por fim, nos apropriando de pesquisas como as de Yoanita, Chertian e Ayudia (2023) pesquisadoras da Indonésia, sugerimos e enfatizamos a complexidade de analisar e investigar tais práticas, que despontam na atualidade a partir do que as autoras escolheram entender enquanto *públicos designados*. Para elas: “o recurso dos amigos próximos é apenas um dos fenômenos que mostram como o Instagram é usado atualmente para filtrar o conteúdo e seu público” (YAONITA; CHERTIAN; AYUDIA, 2023, p.604) citando ainda o recurso de utilizar outras contas, as quais chamam de *segunda conta*, e que condicionalmente os/as sujeitos/as mantêm privadas. Um dos informantes do estudo afirma que utiliza a segunda conta para aqueles que conhecem-no de verdade, parecido com os indicativos de Roni para o uso do *close friends*: “amizades antigas, pessoas que eu tenho certa intimidade para conversar e brincar”, conclui.

7.2.3 Da busca por segurança e da antissociabilidade digital de Munhoz

Munhoz também é um dos sujeitos já com maioridade, assim como Marcelo. Além do PPT participa de outros dois projetos da Vocação: o Código da Transformação⁶⁶, programa que prepara jovens para iniciativas e vagas no mercado da tecnologia e a Mentoria Voluntária⁶⁷, um voluntariado corporativo que possibilita que adolescentes e jovens tenham experiências em grandes corporações com a ajuda de mentores, que os estimulam dando dicas sobre o processo, mas também sobre a vida pessoal; os adolescentes da Vocação podem transitar pelos programas concomitantemente - mas isso não é comum; a não ser a partir da percepção dos/as orientadores/as pedagógicos de que realizá-los junto pode ser importante para os/as adolescentes. Munhoz é um desses jovens, conhecido pela inteligência e ótima oratória.

Ao mesmo tempo, como é condicional para participar dos programas da ONG, Munhoz está no último ano do ensino médio e ainda que todas as experiências possam gerar a expectativa de que ele siga para o mundo corporativo e para grandes empresas, nos revela ter vontade seguir o curso de ciências sociais; o que decidiu a partir da visita realizada pelo PPT à feira de profissões da Universidade de São Paulo (USP)⁶⁸. Para ele, conhecer o campus foi

⁶⁶ Site com informativos sobre o projeto: <<https://codigodatransformacao.bitrix24.site/vocacao/>> acesso em 01 fev de 2024

⁶⁷ Site com informativos sobre o projeto:

<<https://www.vocacao.org.br/mentoria-voluntaria/#:~:text=O%20QUE%20%3%89%20MENTORIA%20VOLUNT%3%81RIA,participou%20de%20Programas%20da%20Voca%3%A7%3%A3o.>> acesso em 01 de fev 2024

⁶⁸ A visita aconteceu no mês de setembro e faz parte da proposta pedagógica do curso

apaixonante e nos conta que os testes vocacionais o direcionam para cursos das ciências humanas e sociais. Também é um dos adolescentes que vai realizar o ENEM. Entre os jovens partícipes de pesquisa, notamos que Munhoz é o que melhor e mais consegue se expressar; possuindo um vocabulário rico e vasto, demonstrando firmeza em suas colocações, exemplifica situações sem que seja necessário uma solicitação, mostrando também estarciante mesmo das discussões teóricas mas avançadas do nosso trabalho, algo já notado nas primeiras aproximações empíricas realizadas com todo o grupo de adolescentes, deixando sua postura política explicitada desde o início quando questionado - ainda em observações exploratórias - sobre seus usos e apropriações da/na plataforma.

É um dos sujeitos que possuem apenas um perfil e prefere mantê-lo privado (distinguindo então de Roni que embora tenha um perfil, o mantém aberto) sendo também o primeiro sujeito que o afirma fazer por questões de segurança: “pelo fato de eu ser um garoto trans, muitas pessoas falavam comigo de forma inconveniente, até me assediando. Decidi fechar e agora só permito se eu conheço a pessoa, ou se eu já tive uma conversa com a pessoa”. Durante nossa entrevista, Munhoz nos conta que já deixou o perfil aberto em outras ocasiões, mas reitera que sua escolha envolve uma dinâmica refletida e de controle sob seus conteúdos e publicações: “sei que tem gente com más intenções” e, sendo assim, garante que deixa um seletivo grupo de pessoas o seguirem: “amigos próximos, colegas de escola, pessoas do PPT que eu tô começando a criar intimidade e pessoas mais próximas de mim”.

O que Munhoz nos relata em suas explicações vai ao encontro do que nos apresentam Coker, Quinn, O’Neill e Rupell (2023) em estudo sobre autoapresentação e dinâmicas de (in)autenticidade envoltas às percepções de sujeitos/as LGBTQIAP+ em plataformas. Segundo os autores estadunidenses, em pesquisa interinstitucional que envolveu diversas universidades do país, pode ser complexo e mesmo arriscado equilibrar a pressão da autoapresentação em ambiências plataformizadas para sujeitos/as e corpos dissidentes, o que envolve segurança e exposição, como nos aponta a fala de Munhoz. Por isso: “conceituar e compreender as diversas experiências dos indivíduos LGBTQIAP+ em plataformas requer atenção de diferentes fatores (plataformas, recursos, experiências *off-line*) que moldam suas performances e também as suas experiências de autenticidade” (COKER, QUINN, O’NEILL, RUPPELL, 2023, p. 64). Para os autores, pessoas LGBTQIAP+ podem encontrar suporte em espaços como as plataformas, mas muitos deles ainda têm dificuldade em saber como são vistos em ambientes *online* - em especial em questões sobre autenticidade, mas também em relação à privacidade; segundo os resultados obtidos pelo trabalho, a possibilidade de escolher restringir quais elementos de suas identidades mostrar ao público, melhorava suas

experiências de autoapresentação e o anonimato também os protegia de danos potenciais. (COKER, QUINN, O'NEILL, RUPPEL, 2023)

A biografia de Munhoz é marcada pelo uso de emojis de hang loose, caveira e da bandeira da comunidade trans, além de frases como in love⁶⁹, ISFP⁷⁰ e ainda mais uma frase: living life, maybe aimlessly⁷¹ (sublinhados do autor). No total Munhoz é seguido por 383 pessoas e segue 772 pessoas no *Instagram*⁷². Segundo ele: “no meu perfil deixo pessoas que eu conheço, tenho afeto, tenho uma ligação [...] conhecer 100% ninguém conhece ninguém, mas eu deixo pessoas que eu sinto confortável e que acredito que vão respeitar minhas fotos e meus conteúdos” em mais uma marcação enunciativa que nos remete as suas escolhas reflexivas sobre a segurança, o que a partir de leituras como as de Giddens poderíamos compreender - e em especial em tempos contemporâneos - como uma *monitoração reflexiva da ação*; neste caso, relembramos, rememorando o autor inglês que na impossibilidade de viver sem realizar escolhas, os/as sujeitos/as adentram a uma realidade em que a penetração das situacionalidades e circunstâncias de vida torna difícil pensar e refletir sob quaisquer coisas sem: “ter anteriormente entrado em contato de alguma forma com suas conotações globais” (SILVA, 2010, p. 435) - de forma prática: o acesso indiscriminado a informações potencializaria para que pensássemos e tecessêmos compreensões sobre os mais variados temas, o que nos motivaria a criar ou, ao menos estabelecer introdutoriamente opiniões, ideais e conceitos sobre uma vasta gama de assuntos. No caso de Munhoz, somamos ao contexto, as experiências particulares e personalizadas como fundamentais para suas características reflexivas na/da autoapresentação em seu perfil.

A atitude refletida de Munhoz (de privar sua conta por motivações de segurança) só foi possível pelas vinculações penetrantes a qual Giddens nos afirma serem possibilitadas por uma sociedade hodierna, mas também porque, relembramos, pensando nas construções identitárias, Munhoz, um garoto trans, possui um marcador de diferença que precisa e deve ser considerado “neste contexto [dissidência] a “identidade” parece um grito de guerra usado numa luta defensiva: um indivíduo contra o ataque de um grupo, um grupo menor e mais fraco (e por isso ameaçado) contra uma totalidade maior e dotada de mais recursos e por isso ameaçadora” (SOUZA, 2011, p. 9-10), se para os outros adolescentes e sujeitos/as, a ideia de privar o perfil por segurança não seja um motivador, ou ao menos não tenha aparecido com ênfase nas entrevistas, aqui ele se configura como ponto central. Se em outras ocasiões e

⁶⁹ “Apaixonado”, em tradução literal

⁷⁰ O que representa um dos 16 tipos de personalidade de um teste mundialmente conhecido como MBTI

⁷¹ “Vivendo a vida, talvez sem rumo” - em tradução literal

⁷² dados obtidos em 11 de nov 2023

experiências deixar o perfil aberto equivaleria a necessidade de se mostrar; aqui, a postura é a inversa: fechar para se resguardar.

Uma das afirmações indica também que seu perfil é fechado porque não tem o hábito de usar a rede social diariamente, o que vai de encontro com grande parte dos/as outros/as sujeitos/as que usam a rede regular e assiduamente, o que comumente entende-se enquanto *heavy users*⁷³. Também não possui uma outra conta ou contas alternativas na plataforma, dito isso, Munhoz se considera um: “antissocial digital” segundo o próprio, afirmando preferir passar o tempo ouvindo música ou jogando jogos *online*. Essa característica destoante em relação aos outros/as sujeitos/as da pesquisa, nos parece frutuosa para ser analisada aqui, trazendo perspectivas diversas nas apropriações realizadas pelos/as sujeitos/as, o que invariavelmente também se relaciona com as formas de uso e da autoapresentação na plataforma.

Além de selecionar bem seus amigos, parece também demonstrar ter uma alta reflexividade sobre suas publicações: são 12, sendo a última do dia 22 de janeiro de 2023. O que corrobora e enfatiza sua pouca usabilidade. As publicações foram feitas em sequência (três por dia). Metade das 12 fotos são em preto e branco.

Além de manter seu perfil fechado, Munhoz nos conta que utiliza o *close friends* para publicizar coisas as quais consideraria pessoais ou para eventuais desabaços, o que gosta de fazer especialmente pelo compartilhamento de músicas: “geralmente deixo no *close friends* o que seriam coisas que eu deveria ter mais cautela em postar” afirmando ainda acreditar que existem publicações que são mais *adequadas* para este espaço. Em estudo introdutório sobre o tema, um grupo de mais de dez autores vinculados à pesquisa e divulgação científica em saúde em experiências com adolescentes em Hong Kong, compreendeu, a partir de análises de questionários, que o espaço do *close friends* reflete a crescente necessidade de expressão privada entre os jovens.

Mesmo escrevendo em contextos e situacionalidades distintas - os autores estão mais interessados em pensar e refletir sobre dinâmicas de saúde mental envolvendo o consumo das plataformas - eles nos traçam um importante mapeamento com três tipificações corriqueiras na usabilidade da funcionalidade: 1) interação; 2) divulgação de emoções e sentimentos negativos; e 3) autoexpressão; (CHEN et. al, 2022) reivindicamos junto a pesquisa de que mais investigações devem estar atentas à temática, e isso deve também se espalhar para uma

⁷³ termo que designa uma pessoa que utiliza muito as plataformas (viciado/a)

linha investigativa que demonstre atenção a postura da plataforma em relação ao modo como os/as sujeitos/as se relacionam com as proposições realizadas.

Aproveitamos as categorizações do excerto supracitado para relacioná-lo sobre o que Munhoz nos apresentou em relação ao uso da funcionalidade: “utilizo o close friends para coisas mais pessoais e desabafo, representa o momento que eu *tô* - geralmente deixo no close friends coisas que eu deveria mais cautela em postar” o que nos indica e ressoa nas inferências dos pesquisadores hongcongueses; complementamos: “uso para pessoas mais íntimas, eu acho mais adequado usar o close *friends* com pessoas que eu me sinto mais confortável e que tem uma proximidade maior comigo”.

O uso sugestivo do termo “mais íntimas” nos resgata uma das inferências sobre o uso do espaço como reconfigurador de intimidade; em especial porque ele suprimiria (ao menos parcialmente) situações que acomete(ria)m sujeitos/as em suas autoapresentações. Se em boyd (2006; 2011; 2014) o *embaçamento entre público e privado* seria um complexificador de relações de sociabilidade midiáticas, em especial nas disposições e ecologias das plataformas como o *MySpace* ou *Facebook* - como por exemplo: ter um chefe e o melhor amigo visualizando os mesmos conteúdos ainda que eles tenham relações absolutamente distintas e sejam de nichos de vida diferentes, o *embaçamento* parece perder força com a funcionalidade porque os/as sujeitos/as podem gerir de maneira bastante descomplicada a dicotomia em questão, evitando o que autores considerariam “aglomeração digital”(JOINSON, 2011) e em especial com as constantes atualizações da função.

Se para Munhoz a intimidade depende da *cativação*: “a intimidade vem junto com outros elementos de uma relação, vem em relação a confiança em conhecer a pessoa [...] querendo ou não quando você se torna íntimo das pessoas você tá dividindo um pouquinho da sua vida com ela” e, ao menos a partir de nossa conversa e suas formas de consumir e se apropriar da plataforma, o *close friends* parece ser um lugar onde ele pode e consegue dividir um pouco de sua vida; se autoapresentar de forma mais livre, espontânea e autêntica, o espaço possa ser um indicador para *performances* mais íntimas.

7.2.4 De compartilhar momentos à busca por monetização de Ana Maria

Ana Maria também tem 18 anos e era das/os sujeitas/os que mais participaram das conversas e dos debates na pesquisa exploratória, sua comunicabilidade nos chamou a atenção e, portanto, sugerimos que ela fosse uma das partícipes de nossa pesquisa; em especial pela sua usabilidade: considera-se alguém que passa boa parte do dia nas plataformas de redes sociais, o que nos aponta que embora os contextos (em todas as suas dimensões) sejam

importantes e significativos nas construções identitárias, a construção subjetiva e as experiências ao longo de nossas trajetórias nos tornam sujeitos no mundo a partir de nossas idiossincrasias; se nossas relações com as mídias alteram nossas percepções sobre o mundo e sobre nós mesmos, quando se trata de espaços e ambiências plataformizadas isso não seria diferente.

Assim como Marcelo, primeiro sujeito da análise, também quer ser *designer* e curiosamente tem duas contas na plataforma. *A pessoal, e a profissional*. No entanto, diferente de outras experiências e observações às quais nos deparamos durante este trabalho, a conta considerada *profissional* de Ana Maria é utilizada com mais frequência que seu perfil *pessoal*.

Para ela seu perfil *pessoal* é um espaço em que ela se sente segura para “guardar fotos”; ao menos é assim que ela nos exemplifica sobre sua conta e também é assim que a biografia do perfil nos indica: “sla⁷⁴ [sic] Só pra guardar fotos e momentos.” (sublinhados nosso). O perfil é seguido por 52 pessoas e é enfática sobre quem ela permite ser seguida: “Deixo pessoas mais próximas, gente da família, amigos da escola, não chega nem a 50 pessoas”, nas datas da observação, a foto de perfil da conta era uma foto sua quando criança com fantasia de palhaço, o que nos reitera um uso recreativo e mesmo lúdico, sem grandes compromissos ou expectativas de outrem. Todas as outras 10 publicações, realizadas entre os meses de junho e setembro de 2023 são fotos dela. Algumas em post único, outras com duas ou três fotos em sequência, mas todas em frente ao espelho e com legendas com emojis: fantasma, espada, bola de tênis, entre outros (sublinhados nosso).

Considerando que a autoapresentação desempenha um papel significativo para jovens adultos e adolescentes, em especial em temporalidades contemporâneas e a partir de explorações identitárias por meio de indicadores de e para sociabilidade (KACAR, 2023) - em especial no caso de Ana Maria, que se considera alguém que usa bastante a plataforma - empreendemos com curiosidade sobre a forma como a sujeita se apropria das suas contas, não porque seja novidade que os/as sujeitos/as deixem seus perfis pessoais privados, mas porque a incidência de uso do perfil profissional é relativamente maior, como disposto em sua explanação. Enquanto algumas pesquisas - em especial as vinculadas mais fortemente à sociologia - estão preocupadas em compreender dinâmicas de sociabilidade e construção de relacionamento a partir e pelas plataformas, como no caso de Lai Lee e Borah (2020), que a partir de questionários, buscam compreender sobre a abertura a novas amizades em experiências com jovens adultos; notamos que, deve-se considerar também que em alguns

⁷⁴ Gíria que significa “sei lá”

contextos as autoapresentações nas plataformas sejam única e exclusivamente para aqueles que já tenhamos tido contato em nossas vivências físico-presenciais e/ou não mediadas. Se na experiência de Roni conhecer novas pessoas era um atributo interessante e significativo para manter seu único perfil aberto, a experiência de Ana Maria sugere uma outra dinâmica de usabilidade: “realmente é para as pessoas que mais me conhecem”; o tensionamento aqui está justamente no fato de que ela possui uma outra conta, diferente de Roni, com aspectos condicionalmente profissionais e opta por deixá-la aberta, usando e se apropriando das ferramentas e estratégias da plataforma para divulgá-la.

Na sua conta *profissional*, em sua biografia, os seguintes dizeres: “brazilian girl, INFP-T, Virgo, death is life... Desenhos, arte, poesia, música e tênis” (sublinhados nosso). Curiosamente notamos que este perfil apresentaria mais marcadores identitários do que seu perfil considerado *pessoal* o que nos indicaria tanto para leituras que se correlacionam com a ideia de *Finstagram* como já exposto em outros momentos no trabalho - uma conta para menos pessoas e com maior gerenciamento sobre suas publicações, como no caso do que consideraria a sua conta *pessoal* - e ainda um forte tensionamento profissional em que a sujeita não se importaria de incorporar e se apropriar de uma conta para interconectar as duas esferas de sua vida; caso que não acontece em outras situacionalidades como a de Marcelo que mesmo com uma conta profissional, posta significativamente pouco e/ou evita caracterizações identitárias mais significativas como exposição tão acentuada de detalhes pessoais como no caso de Ana Maria. Longe de caracterizar como contrassenso, incorremos em sugerir as complexidades envoltas nas tematizações teóricas e notamos a necessidade de investigações focadas neste tipo de apropriação e consumo.

Este perfil, com 478 seguidores possui 31 publicações e nenhuma delas com o rosto ou qualquer vinculação à personificação de Ana Maria (com exceção das presentes em sua biografia). Para ela é essencial deixar esse perfil aberto, pois: “Eu deixo aberto porque eu gosto e quero exibir minha arte” e na sequência traz um ponto que aparece pela primeira vez em todas as conversas até aqui, a possibilidade de usufruir financeiramente de seu perfil: “eu tô pensando em abrir comissões para ver se realmente vou ganhar uma grana”, neste caso, os/as sujeitos/as modificam seus perfis para contas profissionais e podem usá-lo como uma espécie de loja virtual; funciona como uma espécie de filiação - os/as sujeitos/as tornam-se *creators*⁷⁵ expondo suas produções (dos mais variados tipos e formas) e posteriormente ganhando comissões financeiras. Em contrapartida a plataforma pede para que os/as

⁷⁵ Link com indicação de como o Instagram realiza este processo, em página oficial da própria plataforma: <https://creators.instagram.com/earn-money/affiliate?locale=pt_BR> acesso em 21 de dez 2023

sujeitos/as sejam *transparentes* e ajam com *autenticidade*, mantendo os seguidores sempre bem informados, em uma dinâmica própria de trabalho digital e plataformizado que convencionou-se entender enquanto *creators economy*⁷⁶.

Este tópico nos chama atenção e merece destaque porque, lembramos, os participantes da pesquisa estão em um projeto chamado “Preparação para o Trabalho” e, invariavelmente, são atravessados com discursos e narrativas que os direcionam para suas carreiras profissionais, para buscarem compreender seus desejos e vontades, mas principalmente se reconhecerem enquanto sujeitos e suas preferências. Lembramos também que em outros momentos do questionário-performativo, outros/as respostas indicavam para sujeitos/as que utilizavam outros perfis para tal ocasião. Ana Maria parece bem alinhada em sua ideia de realizar um curso de graduação de artes visuais ou *design*, assim como Marcelo.

Além de todo debate já realizado aqui, também percebemos proposições para/sobre o uso e consumo da plataforma que se direcionam a leituras sobre a privacidade e dinâmicas do que tornar visível ou não, que desembocam também em um direcionamento e leitura sobre segurança digital que esteve marcado nas experiências de uso de Munhoz, por exemplo, para Ana Maria: “existe tudo quanto é tipo de pessoa então... eu tomo muito cuidado com o que eu posto” afirmando ser justamente por esse motivo que ela usa sua conta *pessoal* fechada; considerando, inclusive o fato de ela não publicizar nada sobre si mesma na conta *profissional*.

Na sequência de nosso debate, Ana Maria nos traz leituras muito maduras do ponto de vista contemporâneo e que se coadunam com a construção de nosso trabalho, pois, para ela, as atitudes dos/as sujeitos/as passam por um nível de reflexão que envolve uma dinâmica de escolha: “Ah, acho que a pessoa escolhe se ela quer estar na mídia para se expor ou encontrar amigos e compartilhar amigos”, notamos como interessante e mesmo sugestivo o uso de mídia para se referir a plataforma - foi a primeira vez que isso aconteceu nas conversas e debates. Ainda sobre a temática, ela nos expõe: “Vamos supor: você posta foto na praia com roupa de banho, nem sempre as pessoas vão ver isso na inocência. Esse tipo de foto eu não posto, prefiro preservar meu corpo, a IA [inteligência artificial] tá aí, alguém pegar essa foto e fazer alguma besteira, é assim [estalar de dedos]”, o que demonstra uma preocupação muito justa e digna de Ana Maria no que diz respeito às relações com a privacidade digital e a segurança de dados, ainda no restante da conversa ela expõe que não gosta de compartilhar coisas comprometedoras e as quais considera “vulgares”. A reflexividade e a preocupação sobre o que postar evidentes no discurso supracitado, continua quando abordamos Ana Maria

⁷⁶ Economia de criadores, em tradução literal

sobre seus usos da funcionalidade *close friends*, para ela: “quando posto coisas que as pessoas achem estranho, ai deixo *lá* só pra algumas pessoas que vão entender melhor o contexto”, o que reforça um entendimento de que a funcionalidade serve como uma ferramenta de trocas recíprocas e que, inclusive, nos ajuda a reformular tensionamentos caros aos estudos da autoapresentação em outros momentos como os ideais de *colapso de contextos* (boyd, 2003).

Isso não significa que isso não continue acontecendo; pelo contrário, as pesquisas em ciências da informação também se apropriaram da terminologia para debater sobre dinâmicas de circulação de notícias, por exemplo. No entanto aqui, reivindicamos como já em outros momentos do trabalho, que as funcionalidades criadas pelas plataformas, que têm emergido nos últimos anos com possibilidades maiores de gerenciamento (*close friends* no Instagram, *Circle* no Twitter e mesmo experiências aproximadas no *Telegram*, por exemplo) ajudam a reforçar uma ideia de que as audiências agora *podem* não ser mais tão invisíveis (MARWICK;BOYD, 2011), em uma possibilidade mais gerenciável e imaginada - o que nem por isso garante que não existam colapsos, mas possibilita evitá-los significativamente, como no discurso de Ana Maria: “por exemplo posto um frase: uma pessoa entendeu errado e levou para um contexto que nao tem nada a ver... por isso tem coisas que deixo só pra algumas pessoas e elas não vão entender o sentido errado”, complementa.

7.2.5 Da representatividade ao resguardo em Elisa

Elisa também foi uma das participantes das iniciativas exploratórias que participou muito dos questionamentos e direcionamentos da pesquisa, isso porque ela conhece as táticas e reconhece os agenciamentos que fazem parte da forma como a plataforma funciona, pois, segundo a própria é a responsável pela conta oficial do perfil da igreja a qual frequenta em seu bairro; é ela quem pensa e planeja cada postagem e afirma que busca sempre estar atenta às tendências do momento, tendo como desejo que a conta “viralize”. Com 15 anos, quando sentamos para conversar e debater os tópicos da entrevista, nos trouxe de início um indicativo interessante em relação aos seus usos e apropriações no Instagram, afirmando ter sido depois de nossas conversas exploratórias que ela criou um *outro* perfil: “então, depois da conversa eu criei outro perfil, deixo mais *pra* amizades daí”

Aqui refletimos e sinalizamos sobre como nossa pesquisa (em especial as de caráter qualitativo e das investigações que avaliam práticas comunicativas, de receptividade, consumo e apropriação) se entrelaça às realidades práticas dos/as sujeitos/as, modulando suas ações, formas de ver, pensar, sentir e portanto, de se autoapresentar - aqui em uma realidade

abarcada pela digitalidade. Não menos frutuoso também é o impacto no sujeito/as pesquisador/a, portanto. Elisa afirmou que criou mais um perfil depois do debate junto aos seus colegas, notando e percebendo coisas e situações a partir das falas, comentários e vivências expostos por cada um que trouxe suas experiências. Sendo assim, segundo Elisa, ela possui um perfil *social* e um *privado*. Chama-nos a atenção o uso da terminologia social aqui, vamos abarcar este tópico na sequência; consideramos compreender, a partir de seus usos que o termo social se adequaria a um perfil pessoal (como nos casos anteriores os quais observamos).

Começamos analisando seu perfil *social*. São 30 publicações; Elisa é seguida por 855 seguidores e segue 1.441 pessoas. Sua biografia traz as seguintes informações: “Eliih, 1.5 y, Me first⁷⁷” (sublinhados nosso), ela também deixa alguns destaques: um para fotos suas, outro para paisagens e um terceiro para fotos de sua gata de estimação. Elisa opta por deixar este perfil aberto.

Para ela, o perfil em questão é destinado para postar “poses e fotos *ajeitadinhas*”, além disso, complementa: “coloco fotos minhas quando tem evento da família, festa, quando tô no *drip*⁷⁸ seja com roupa larga ou de *Pati* e também gosto de compartilhar o que eu faço porque acredito até que é um meio de inspiração para crianças menores pretas e que não veem tanta representatividade”, o que nos traz dois paralelos simbólicos e significativos para serem pensados aqui.

O primeiro diz respeito a *autoapresentação positiva*, percurso e material analítico que vislumbra a *performance* na rede a partir de ideais que estejam sempre vinculados a atributos os quais consideraríamos positivos; fugindo de ideais de vulnerabilidade ou que remetem a tensões negativas. Neste caso os perfis, a partir da perspectiva dramaturgic Goffmaniana representariam o *palco* e indicariam para uma imagem desejada dos/as sujeitos/as, como quando Elisa se refere a ideia de *ajeitadinha* - a forma portanto como gostariam de ser observados e percebidos pelos/as sujeitos/as as quais possuem acesso às suas contas.

Para alguns autores há um recorte de gênero evidente neste tópico; em pesquisa com análise de perfis femininos Chua e Chang (2016) notaram uma alta busca por correção de imperfeições; naquele momento, inclusive, havia apenas um percurso inicial de pesquisa sobre o que consideraríamos filtros embelezadores e/ou práticas de embelezamento digital, tão presentes e vívidos nas práticas contemporâneas das e nas plataformas. Resgatamos ainda em algumas pesquisas (TOMA, HANCOCK, 2013; GUADAGNO, OKDIE, KRUSE, 2012)

⁷⁷ Seu apelido editado conforme o pseudônimo utilizado aqui, a idade e os dizeres “eu primeiro”

⁷⁸ refere-se a *estilo*

que reiteram a as construções *idealizadas* das autoapresentações dos sujeitos em seus perfis, na exposição de atributos (físicos, profissionais ou pessoais) os quais consideram positivos. Alguns trabalhos do campo já apontavam que o atributo da ênfase na visualidade moldava de forma significativa a forma como os/as sujeitos/as gerenciavam informações sobre si mesmos: “com a transformação das plataformas baseadas em texto para predominantemente baseada em imagens, os usuários são incentivados a configurar seletivamente os componentes visuais de sua identidade” (MEEUS, EVERAERT, EGGERMONT, BEULLENS, 2023, p.2, tradução nossa), expõem os autores belgas que pensaram na autoapresentação em um contexto muito comum de pesquisa: a de plataformas de encontro *online* como o Tinder e o Bumble, por exemplo. Estar *ajeitada* compõe uma construção discursiva simbólica, mas evidentemente, pensada e refletida para o olhar de outrem, como complementar na fala de Elisa: “no social tem gente que pensa diferente, poderiam causar um alarde, e eu sou uma pessoa que ligamuito pro que pensam de mim” em uma atitude, mais uma vez, reflexiva ao extremo. Ser alguém que liga muito para o que pensa de si mesmo pode ser um indicador interessante para criar outro perfil - mas isso, discutiremos na sequência.

O segundo ponto é pensado a partir da ideia de *representatividade* exposta na fala de Elisa; a percepção da sujeita evidencia uma marca exposta na sociedade contemporânea e que abarca discussões e entrelaçamentos teóricos que mesmo movidos e acionados a exaustão não seriam capazes de dar conta e sugerir sobre a terminologia: o que seria, de fato *representatividade*? Para nós, com o olhar performativo cabe-nos sugerir que as publicações e a forma como Elisa utiliza seu perfil, soariam nas palavras de Martins (2021) como a possibilidade de um *local de inscrição* de conhecimento; se inspirando em diversos e diversas autores os quais já trabalhamos aqui, Martins desenvolve suas pesquisas a partir de cenas rituais e compreende na confluência da oralidade e corporeidade, mecanismos *de e para* saberes, em especial os vinculados à ancestralidade.

Neste caso as publicações e a autoapresentação de Elisa, somadas a sua explanação sobre como as realiza, encontraria o que Thiong’o entende a partir da ancestralidade como: “o presente, uma arena para a respiração, e o futuro nossa aspiração coletiva” (THIONG’O, 1997, p.139). Se para Martins o corpo é lugar da memória, para uma perspectiva teórica digitalizada, as publicações poderiam também o ser; pensando, junto a Schechner nas performances enquanto *redes* ou *leques*; a partir do pensamento da autora: as práticas performativas se encontram nas performances do cotidiano, as que nos importam aqui; todas as práticas neste caso se encontram em ambientes não hierarquizados, em um modo *continuum* que seria representa por um ideário de *leque*. Já quando *rede*, importariam as

interações, de forma mais dinâmica, fluida, flexível - a receptividade dos/as sujeitos/as, por exemplo. É claro que precisamos considerar que a forma como as plataformas são construídas e estilizadas também reforçam um procedimento de uso e apropriação que, por privilegiar a imagem e conteúdos os quais considerariamos padronizados, quantifica e engaja os/as sujeitos/as a partir de seus usos e da forma tradicional e normativa de “sucesso” e “beleza”, em especial nos moldes neoliberais e capitalistas. Os/as sujeitos/as que se apropriam disso, seriam portanto, recompensados pela plataforma, criando um ciclo traduzido por uma economia da atenção onde pouco ou quase nada das ideias de Martins e Schechner fariam sentido e/ou teriam abertura para serem refletidos. Daí complexificar o debate sobre como os estudos da performance podem ser cooptados por uma sociedade plataformizada onde seus usos estão mais vinculados aos ideais de desempenho e atributos profissionais do mercado neoliberal.

Ao debater sobre o perfil que considera *privado*, aquele que criou depois de nossa aproximação empírica, Elisa é enfática: “esse perfil me representa mais, é um espaço que tenho liberdade pra postar coisas que acho mais interessante, no pessoal não teria essa liberdade” afirma. Esta formatação nos indica para um direcionamento próximo do que, nas etapas operativas de pesquisa, tratamos como os *finstagram*s (ou Instagram falsos). Nesta chave de leitura, as contas serviriam para expressar identidades não-editadas e mesmo indesejadas.

Em pesquisa de fôlego elaborada por Kang e Wei (2020) algumas motivações encontradas por sujeitos/as também vão ao encontro com o que Elisa nos expõe sendo eles: 1) compartilhar posts engraçados: “tudo que posso registrar eu registro, as fotos zoadas vão pra esse perfil” nos relata a sujeita; ou, 2) expressar a si mesmo: “No perfil privado tenho a liberdade para postar fotos bagunçadas, compartilhar memes, coisas que no social não encaixaria” e ainda 3) menor gerenciamento de impressão: “no *social* tem gente que pensa diferente, poderiam causar um alarde, e eu sou uma pessoa que liga muito pro que pensam de mim” completa. Não tivemos acesso a conta utilizada por Elisa para tais fins, diferente do caso de Ana Maria, o que se concatena com a forma como a sujeita percebe e experimenta a intimidade em contextos digitais: “tem coisas que a gente permite determinadas pessoas verem que não deixa outras verem”. Neste caso, o perfil é utilizado para: “momentos e coisas que não seriam legais de compartilhar, como posts que têm sarcasmo” para ela, outras pessoas, a não ser seus amigos, poderiam entender como forma de ataque. Elisa nos conta que fez este *experimento*, postando algo que postaria apenas no perfil privado, em seu perfil

social, segundo ela: “foi o que eu imaginei... minha mãe mandou mensagem perguntando o que tinha acontecido, que não era para postar aquelas coisas”.

Assim como nas pesquisas que investigam a criação de contas alternativas, a primeira conta seria criada para apresentar uma autoapresentação “perfeita” ou a “melhor versão dos/das sujeitos/as” e expressam um considerável medo de serem julgados ou criticados negativamente pelas publicações realizadas neste espaço (YOANITA; CHERTIAN; AYUDIA, 2023) como é o caso de Elisa que “liga muito” para o que as pessoas pensam dela e complementa: “se alguém pedir meu Instagram vou passar esse [social]”.

A leitura e a forma de se construir identitariamente nestas duas ambiências vai ao encontro de trabalhos que, ao se debruçar sobre as contas secundárias, concluem, a partir de métodos mistos de abordagem que estes espaços ficam destinados à seguidores os quais o/a sujeito/a confia estritamente. Isso nos ajudaria a sugerir o fato de Elisa não ter aceitado nosso pedido para ser seguida nesta conta; o que desemboca e conflui com leituras das quais debatemos de forma significativa aqui: os tensionamentos sobre a intimidade e privacidade. Em pesquisa com jovens indonésios, os autores notaram que este espaço representa pelo menos 10% do número total dos seguidores de suas contas pessoais e que há sempre fortes preocupações com relações com a privacidade. Seguimos nas percepções de Elisa: “tem coisas que a gente permite determinadas pessoas verem que não deixa outras verem” e parece ser exatamente disso que se trata as contas secundárias, afinal:

embora os indivíduos possam postar fotos editadas e selecionadas de si mesmos em sua conta principal do Instagram, eles frequentemente postam fotos não editadas dos aspectos mundanos da vida diária em seu *Finsta*. Além disso, os utilizadores da *Finsta* tendem a utilizar controles de privacidade para manter um número relativamente pequeno de seguidores (BALANJI; WHITE; ZAITSOFF, 2023, p.2, tradução nossa)

Por fim, Elisa é a única sujeita que não utiliza a funcionalidade *close friends*, para ela a ideia da materialidade desemboca em um ponto específico: “usaria mais se fosse pra falar de questão de sentimentos, caso você queira ficar com alguém” indicando que para sua percepção o espaço se vincula ao propósito de flertar com alguém: “na verdade pra mim a função principal é mandar indireta falando que quer beijar”. A percepção de Elisa é uma novidade na análise; embora alguns estudos tenham enfatizado a pluralidade e diversidade nos usos e consumos da funcionalidade (SIHOMBING; ANINDA, 2022), a parte significativa das investigações incorrem para direcionamentos e leituras que atestam o caráter de gerenciamento, autonomia e privacidade que o espaço comporta. Fica contudo o

sugestionamento a se refletir e interligar a proposta de Elisa a outras novas pesquisas - em especial considerando a avidez com qual temos observado as mudanças na plataforma do *Instagram*.

7.2.6 Da reclusão e dos desejos e gostos de Leônidas

Leônidas assusta com seus suntuosos 1,90m. Com 18 anos recém completos é fã de basquete - algo já explícito ao adentrar inicialmente seu perfil no *Instagram* - que traz na legenda o time pelo qual torce na liga estadunidense de basquete: o Santo Antonio Spurs, time do estado do Texas. Quando começamos a conversa, Leônidas relembra que algumas coisas mudaram desde a última vez que nos encontramos em relação aquele momento (como também aconteceu em nossa conversa com Elisa).

No caso de Leônidas, ele excluiu todas as fotos de seu único perfil, o que no linguajar corriqueiro dos adolescentes pode-se entender enquanto *blackout* - recurso também muito utilizado por artistas antes de grandes lançamentos: exclui-se tudo que existe no perfil para que algo novo seja anunciado. No caso de Leônidas, ao ser questionado, ele exemplifica as motivações para tal questão de modo simples: “estou em um momento mais recluso”. Conjecturamos aqui que, talvez no início da pesquisa, consideraríamos que não possuir fotos, vídeos ou quaisquer resquícios imagéticos no perfil poderia ser um entrave às observações e análises realizadas, em especial porque, como explicitado nos capítulos que versaram sobre a intimidade, e suas relações com a visibilidade e privacidade, as terminologias ganham proeminência quando refletidas e pensadas em um contexto societário *de imagem* e que privilegia as experiências midiáticas como registros fotográficos, audiovisuais ou os que se atravessam à imagem e o som concomitantemente; aqui, no entanto, contextualmente, percebemos que Leônidas tem mais a nos mostrar: primeiro, porque seu perfil traz direcionamentos importantes sobre suas experiências identitárias mesmo sem publicações; segundo, porque nos apresenta idealizações e desejos pessoais (e mesmo profissionais) que se atravessam aos usos e apropriações em seu perfil - apresentaremos as ideias na sequência do texto. De antemão, consideramos apenas que sua ideia é ter mais um perfil na plataforma, as motivações serão explicadas.

Leônidas é mais um dos sujeitos que opta por deixar seu perfil privado (mesmo sem atualmente nenhuma publicação); para ele, de maneira parecida com a qual nos expôs Marcelo, uma das motivações para tal escolha é: “porque não quero que qualquer pessoa me siga, em especial nesse momento, por isso libero só para algumas pessoas” e termina relatando: “quando abro [o perfil], uma caixa de pandora se abre”, comentando sobre a

relação e a possibilidade de gerenciar as escolhas sobre tornar o perfil público ou privado. Tentamos adentrar casualmente sobre algumas dessas situações que Leônidas nos traz na fala, na busca por compreender de forma mais abrangente sobre o que o sujeito quer dizer com o *momento* - o que podemos visualizar como um ato performativo; afinal, junto a Schechner (2002) relembramos que a performance está no cotidiano vivido diariamente; para o autor, ao perceber e estabelecer sete funções para a performance, *marcar ou mudar a identidade* estariam entre elas. Compreendendo o processo ritualístico de mudar a privacidade do perfil como um processo performativo e considerando os perfis como representações de si em espaços virtuais e plataformizados, como já reiteramos diversas vezes aqui, relembramos o teor performativo neste processo feito e (re)feito por Leônidas, em especial ao entrelaçá-lo aos contextos emocionais e psíquicos, como nos explica na sequência.

De forma bastante aberta e simples, mesmo com o pouco tempo de conversa, ele nos exemplifica que seu perfil anteriormente era usado para: “extravasar minha raiva das coisas que eu sentia”, o que envolvia fazer *lives* que segundo ele tinham mais de 100 visualizações instantâneas: “criei na escola, foi só deixar um celular e uma câmera na minha mão que eu comecei a fazer besteira”, questiono se ele quer aprofundar no assunto e, dicotomicamente, mesmo afirmando que não, ele segue nos contando quais eram as coisas que ele publicava neste espaço: “era um Instagram nível *Choquei*⁷⁹... eu fazia *lives*, falava de pessoas, prejudicava pessoas e até acabei com relacionamentos” e ele segue: “se tornou algo ruim e meu desempenho caiu, meus amigos me abandonaram e eu acabei sendo o *cancelado* da escola”.

Este excerto demonstra como as mudanças efusivas nas ecologias da plataforma também propiciam que os/as sujeitos/as vão aprendendo e interpretando mecanismos distintos de usabilidade com o passar do tempo; a quantidade cada vez maior de recursos disponíveis como as vídeo transmissões ao vivo, como enfatizada por Leônidas e mesmo outras possibilidades que há pouco tempo não eram imaginadas, nos ajudam a inferir sobre a cada vez mais complexa e vasta gama de possibilidades de interpretação, investigação e análise em espaços como as plataformas. Se o Instagram há 10 anos situava-se mais como um repositório para fotos, hoje se parece menos com os anseios que foram indicativos para sua criação: a postagem de fotos com filtros específicos em um tamanho padronizado. Isso também deve ser considerado nas análises e suposições sobre as dinâmicas comunicativas e conversacionais - midiáticas, portanto - das autoapresentações dos/as sujeitos/as; afinal, até onde podemos

⁷⁹ Em referência a uma página de fofoca no Instagram que publica fofocas em primeira mão sobre tópicos e assuntos sobre famosos e celebridades

considerar como limite as inferências e análises sobre o que se configuraria ou não como autoapresentação em espaços como esse? Se os recursos vêm e vão e as possibilidades são múltiplas, mas ainda assim frutíferas, consideramos também relatar que sempre haverá lacunas e brechas investigativas. Como analisar uma transmissão de vídeo ao vivo e o que isso propriamente diz respeito ao modo e forma como os/as sujeitos/as se constroem digitalmente?

Sem realmente nenhuma postagem, Leônidas é seguido por 241 pessoas e segue 880. Em sua biografia, o emoji representando o signo de câncer e indicações para os times os quais torce no futebol (Corinthians, com um emoji de bola de futebol) e no basquete, como já citado aqui (Spurs, com e um emoji de bola de basquete). Além disso, atestando ser bastante fã do esporte, tem uma frase a qual indica ser da autoria de Kobe Bryant⁸⁰: “Depois de saber como é o fracasso, a determinação persegue o sucesso.” (sublinhados nosso). Nos destaques, duas indicações: momentos e coisas; no primeiro, stories com a presença de amigos e colegas e no segundo, situações cotidianas, como uma xícara de café e mesmo fotos de bandas e cantores como Racionais MC e 2Pac, guardem esta informação; ela será importante para a sequência de nossa análise. Como não há publicações, não conseguimos fazer análises referentes a elas e mesmo as legendas. Também não há fotos marcadas. Ao invés de que isso indique pouca frutuosidade para as análises empreendidas aqui, compreendemos que mesmo os dados indicativos textuais já nos ajudam a direcionar marcações significativas de seus gostos e que adentram a marcadores identitários, portanto: basquete, música e amigos.

Mesmo possuindo um perfil fechado, em nossa conversa Leônidas nos indica, desde pronto, algo simbólico e importante: “pretendo fazer mais um perfil”, o motivo seria porque Leônidas estaria elaborando uma carreira musical. Nas aproximações empíricas ele já sinalizava para o desejo de ser cantor e/ou produtor musical. Leônidas de fato possui uma voz que não passa despercebida, forte e chamativa, tem um grave distinto para um adolescente de 18 anos. Animado, nos reitera que: “nesse perfil colocaria algumas músicas, prévias, conteúdos, e eu já criei até uma metodologia de como seriam postadas as coisas, pensei até nome... mas é surpresa”, o que novamente nos movimenta para pensar nos constructos identitários nos espaços e ambiências digitais como extensões de suas vivências laborais; mas aqui também como parte de seus desejos, gostos e *hobbies*, segundo ele: “A minha carreira musical é para dar minha cara a tapa, diferente do pessoal que é pra mim e meus amigos, especialmente agora que *tô* desenvolvendo meu projeto musical e no desenvolvimento já aconteceram diversas coisas.. já tem capa, gravação, e é um projeto ambicioso da minha parte

⁸⁰ Para muitos o maior jogador de basquete da história, morto em janeiro de 2020 em um acidente aéreo

e dos colaboradores também” e completa afirmando que assim que ele criá-lo, vai me mandar a *username* do perfil

Mais do que compreender o uso e apropriação do desejo de criação do segundo perfil por um viés de profissionalização e de dinâmicas laborais - como as observadas e refletidas em perfis como o de Marcelo (apesar de pouca utilização) e de Ana Maria - aqui sugerimos compreender as enunciações e as simbologias a partir de uma perspectiva de gosto; que envolve a materialidade da plataforma, as escolhas refletidas e também os desejos vindouros que envolvem a criação de um novo perfil a partir de sua afinidade com a música.

Evidentemente que todos podemos observar as dinâmicas anteriores também a partir de uma lente da *performance de/do gosto*, como em Hennion (2001; 2005; 2016) o autor francês usa de bases antropológicas vastas como as de Bourdieu para analisar as dinâmicas do gosto, lembrando que ele não é algo dado; natural, mas sim, efeito de materializações e confluências simbólicas. O gosto precisa de instrumento, mas não existe sem seus significantes. Junto a Hennion compreendemos que ele é: “uma performance: ele atua, engaja, transforma e é sentido” (HENNION, 2005, p.133) - como no caso da proposta de criação de perfil por Leônidas. A maior parte dos estudos sobre *gosto* no Brasil estão, inclusive, vinculados às pesquisas de som e música, em especial quando atravessadas pela pesquisa sobre *fandoms*, música e cultura pop e mesmo processos de consumo vinculados à música. O gosto é distintivo e marca interesses, como um gesto circunstancial e de reconhecimento e, sendo assim é por isso que os procedimentos, modos de fazer e o tempo contam tanto para os amadores. (HENNION, 2016). Neste caso estabelecemos compreender a relação de Leônidas e a música ainda em uma perspectiva amadora; e que seu perfil - a ser criado, de desejo e anseio - pode ser uma chave de leitura material para representar o *gosto*.

O sujeito é o quinto dos seis entrevistados que usa a funcionalidade *close friends* e nos expõe marcadores próximos aos encontrados em outras análises e que nos servem de balizadores da hipótese a qual temos sugerido aqui: espaço gerenciável, de construção e negociação de intimidade e que se atravessa com ideais de (in)visibilidade, para ele: “tenho 22 pessoas no meu close friends”, sobre as publicações realizadas neste espaço, ele afirma: “vídeos zoados, pedaço de música minha, fotos minhas e do meu irmão... então é coisa mais pessoal mesmo” e tudo isso porque segundo ele, não se sentiria bem postando o que posta neste espaço, nos *stories* normais. Em contrapartida, afirma que gosta de publicar a maior parte das coisas que faz e vivencia nos *stories* porque: “quero que meus amigos, minha mãe veja o que eu to fazendo, pra ela não achar que to fazendo besteira que nem a maioria dos jovens... digamos que isso é muito importa pra mim” em uma chave de leitura que pouco

tinha aparecido aqui e que nos revela tensões significativas entre visibilidade e invisibilidade. A reflexividade de Leônidas foi a mais distinta até aqui; outros/as sujeitos/as até relataram sobre distinções entre as autoapresentações para os familiares, mas sempre em uma retórica de ocultamento e ou privação; no entanto, lembramos que o discurso ainda assim está marcado por um uso e apropriação realizado em um espaço de visibilidade menos gerenciável - *stories* normal. Tudo isso nos indica contudo a complexidade e especificidade dos casos analisados e investigados aqui.

8. DAS CONSIDERAÇÕES FINAIS: tensionamentos e (in)conclusões sobre as autoapresentações dos adolescentes no Instagram

Este trabalho buscou compreender o que consideramos *dinâmicas comunicativas* de adolescentes no *Instagram* a partir de suas compreensões pessoais sobre intimidade, visibilidade e privacidade e como isso conflui para suas performances na plataforma. Para isso, em percepções refletidas de escolha que envolveram encontros e aproximações empíricas na unidade da Vocação, organização não-governamental localizada no Campo Limpo, bairro da zona sul de São Paulo, estabelecemos critérios de diversidade e comunicabilidade para acompanhar os perfis de seis adolescentes beneficiários de um projeto chamado “Programa Preparação para o Trabalho”, por meio de uma *observação comunicacional da performance* - a partir do que consideraríamos eixos de inspiração etnográfica. Além disso, realizamos entrevistas semi-estruturadas com os/as sujeitos/as, as quais denominamos *entrevistas comunicantes da performance*, na busca por compreender marcas identitárias e constructos de si para entrelaçá-los com as enunciações sob os questionamentos dos quais consideramos eficazes para chegar nos resultados almejados. Questionamentos sobre a usabilidade do perfil e sobre a possibilidade de deter mais de uma conta foram centrais para as estruturações posteriores das entrevistas; consideramos também demarcar como central suas compreensões sobre a intimidade, sem se esquecer de adentrar os atravessamentos referentes às funcionalidades da plataforma, o que aqui seria representado pelo “*close friends*” uma funcionalidade criada em 2018 e que ainda não havia sido pesquisada ou investigada no Brasil.

Notamos que há atravessamentos idiossincráticos e peculiares nas performances dos/as sujeitos/as mas que a reflexão e a consciência sobre o quê, como e o formato das publicações é constante e alta, como trabalhos do campo já compreenderam em outras situações e circunstâncias; a autorreflexividade termo cunhado por Giddens e utilizado por Polivanov (2014) como categoria para análises e reflexões em perfis em redes sociais *online* (para nosso trabalho, plataformas) parece seguir vívida e, sugerimos afirmar, ainda mais significativa em tempos atuais, bem como a própria noção de coerência expressiva utilizada também pela autora em seus trabalhos sob empréstimo do pensamento de Goffman (1985), os quais também nos filiamos aqui. Notamos, no entanto, que os tempos hodiernos também trazem novas reflexões que precisam ser consideradas e que estas se atravessam a vínculos infraestruturais e materiais das plataformas, como suas *affordances*; estas, continuamente vinculadas aos tensionamentos voláteis das ecologias destes espaços, que se atualizam a todo

momento e que impactam consideravelmente em dinâmicas do que consideramos chamar de autoapresentação. Isso tensiona a forma como os/as sujeitos/as enxergam e visualizam dimensões da (in)visibilidade (o que envolver publicizar ou não determinados conteúdos para determinados públicos) e reiteram preocupações sobre os contextos e as audiências, embora também possibilitem a realização de novos arranjos performativos e que impactam nas noções de intimidade e privacidade nestas ambiências.

Notamos que há muitas pesquisas, em especial no sudeste asiático, debatendo as temáticas sobre a qual estamos empreendendo em países como Indonésia, Filipinas e Singapura (XIAOYUN, VITAK, 2022; SIHOMBING, ANINDA, 2023; CHUA, CHANG; AIYUDA, SYAKAROFATH, 2016) - ainda que às vezes os/as pesquisadores/as não estejam construindo-as em seus países natal, o que nos indica e sugere uma dificuldade para que países emergentes mantenham seus e suas pesquisadoras em seus países natal.

Notamos que os/as autores/as se citam entre si, mas como parte dos achados ainda estão em suas línguas nativas, há impossibilidade de que possamos lê-los pela não fluência nos idiomas em questão. Notamos também uma forte incidência feminina nas pesquisas sobre a temática e que a maior parte das pesquisadoras estão em início de carreira: ou desenvolvendo suas pesquisas de doutoramento, ou iniciando suas experiências docentes - o que atesta também o frescor e a necessidade de olhar com atenção ao fenômeno compreendido como autoapresentação e suas correlações temáticas com a intimidade, privacidade, uso de dados, adolescência, questões laborais, entre outros tópicos essenciais para compreensão do *eu* contemporâneo. O achado também indica a necessidade de um olhar mais atento aos pesquisadores em formação, considerando que há conhecimento profícuo sendo construído por jovens pesquisadores/as.

Outra incidência de pesquisas está em países escandinavos (DARR; DOSS, 2022) e nos Estados Unidos (DEWAR, RESOR, ISLAM, SALEHI, 2019). A língua proeminente nas leituras sobre a temática é o inglês. No Brasil, poucos trabalhos têm debatido o tema nos últimos anos, ficando a cargo de propostas como as de Polivanov (2014; 2018) se ater às compreensões a partir de um viés analítico que considera as tecnologias e culturas digitais (redes, sites, plataformas) junto às estéticas da comunicação (sociabilidade, construções de si, identidade). Sentimos, no entanto, que a carência de diálogos prejudica também compreensões e arranjos mais finos sobre o debate: em voga em outros espaços, mas com pouca aderência em territórios nacionais. Vinculações com a psicologia e antropologia aparecem de modo fortuito nas buscas, embora a fragilidade epistêmica em debates considerados vencidos na comunicação, sejam constantemente percebidos, como

terminologias já em desuso ou olhares excessivamente tecnofóbicos - os quais não nos importam aqui; ainda assim, citamos alguns trabalhos da saúde por minimamente dialogarem com processualidades, objetos e/ou sujeitos/as similares aos deste trabalho.

Dos seis sujeitos/as que participaram do trabalho, quatro deles optam por manter seus perfis fechados. Destes, dois possuem outra conta e, em ambos os casos utilizam-na como perfil profissional (em uma ocasião essa inclusive é a conta mais utilizada); sendo que um terceiro demonstra vontade e ideação clara de criar um outro perfil (também com intenções profissionais, mas com relações amadoras e de *hobbie* presentes no discurso) este foi um dado que nos chamou atenção e do qual precisamos considerar. Como dito nas análises aprofundadas, sugerimos que os dados obtidos aqui prescindem de investigações de fôlego e que estejam considerando também novas e *outras* formas de vinculação profissional, inclusive as que sugerem habilidades e competências digitais, como as profissões que se vinculam ao que compreendemos enquanto *influenciadores* (KARHAWI, 2020) mas não apenas; os ideais de trabalho digital e plataformizado (GROHMANN, 2020) também precisam estar interpelados aqui - menos em relação propriamente ao que interessa aos estudos ergológicos que têm se debruçado em análises e inferências sobre iniciativas mais justas de/para trabalho, e mais as que incluem a temática a própria noção e conceituação da identidade e dos constructos do *self*, compreendendo como este ponto está sendo pensado academicamente. Afinal, antes de sujeitos no trabalho e nas funções laborais, somos sujeitos postos no mundo e possuímos desejos, anseios, vontades.

Nos outros casos de conta fechada/privada, a privacidade, cuidado com a vigilância e motivadores de reclusão foram os tópicos que apareceram nos discursos, o que nos atestam também para a multidimensionalidade do consumo efetivo. Consideramos, no entanto, chamar atenção para as formas como isso se dá; entendendo que para corpos os quais consideraríamos dissidentes como populações da sigla LGBTQIAP+ e mesmo em tensionamentos de raça e etnia, possa haver uma maior preocupação com o cuidado nas autoapresentações; contextos e situações que envolvem estados emocionais momentâneos também permearam motivações de privação de conta - daí a ligação às fortes apropriações da temática também por pesquisadores e pesquisadoras da saúde mental.

Nos dois casos em que os perfis são mantidos abertos, percebe-se uma dinamização da visibilidade; *mostrar-se* como marcador e balizador contemporâneo e simbólico para as autoapresentações; no entanto, elas se diferem em aspectos consideravelmente distintos, pois enquanto em um caso os motivadores estão relacionados a um constante marcador de *autoatualização* (LIVINGSTONE, 2012) que se coaduna também com um rompante de

exposição - sempre relacional e em *direção a*, em uma perspectiva alo-definidora (MATUCK; MEUCCI, 2005), a manutenção da visibilidade e do perfil aberto também esbarrou no que podemos convencionalmente entender enquanto *autoapresentação propositiva* que na ocasião investigada se relacionou com ideais de representatividade étnico-racial nas performances buscadas, refletidas e mesmo almejadas.

Além dos tensionamentos profissionais e/ou de vínculos com amadorismo e *hobbies*, *outras* contas também apareceram na proposta com motivadores que envolvem manutenção de autenticidade, maior gerenciamento e controle sobre as publicações. É o que as literaturas - em especial as pós pandemia, produzidas posteriormente a 2020 - têm compreendido como *Finstagrams*; espaços em que os/as sujeitos/as compreendem como mais reais e próximos de suas vivências cotidianas. Nestes espaços os limites de público e privado não se borram, justamente porque têm-se controle sobre as audiências. Ludicidade e *shitposting*⁸¹ e mesmo esconder acontecimentos de familiares e/ou determinados grupos de pessoas se enveredam nestas atitudes e formas de consumir os espaços; consideramos com isso, entender estas ambiências e criações como espaços de reaproveitamento ou mesmo de *gambiarra* sociotécnica, onde os/as sujeitos/as valem-se da infraestrutura da própria plataforma para uma reapropriação com novos e/ou distintos formatos de uso esperados e/ou incentivados.

Em se tratando dos usos da funcionalidade *close friends* um dos eixos de análise, notamos que a dinâmica de uso é alta (cinco dos seis) e que é onde há maior convergência nos usos, sendo um espaço para *performances* que se relacionam com as noções de intimidade. Para os/as sujeitos/as em sua maioria, o espaço serve para publicizar coisas que nem todos podem ver; também contribui para o compartilhamento de momentos lúdicos e informações contextuais que vão ser entendidas por aquele grupo específico (escolhidos pelos/as sujeitos/as), o qual poderíamos considerar *seleto*. Consideramos que a proposta abrange ideias e imaginários da intimidade e da privacidade ao propiciar visibilidades administradas; suas funções, possibilidades de uso e correlações têm sido modificadas constantemente, o que também acende um pedido para que consigamos considerá-lo como remodelador das *performances* no espaço. Deixamos posto também que embora possamos sugerir sobre usos minimamente *consensuais*, devemos ater-nos a postura qualitativa do trabalho, com proposta de análise intimamente menor do que a totalidade de sujeitos/as que utilizam o ferramental.

Para trabalhos futuros refletimos sobre a impossibilidade de eximir-se de debater sobre os tensionamentos contraditórios e as mudanças efusivas das plataformas como modeladores

⁸¹ “bobagens” em tradução não-literal

das construções de si, envolvendo a identidade de forma complexificada nas propostas. Reconhecendo a pluralidade e tensões no uso da performance, sugerimos destacá-la enquanto marcador operativo constante em confluência com as processualidades empíricas, mas com a cautela de entender e compreender que a fixação facilitada e descomplicada em fenômenos contemporâneos pode enquadrá-la em caminhos opostos os quais fazemos coro aqui. Tudo pode ser lido *como* performance, mas é necessário que se explicitem os acionamentos, visões e os fluxos que permitiram-na emergir; digitalmente, isso ganha força - afinal, o que seria (ao menos para nosso trabalho) além de performance todo o ato que vai de construir, elaborar, gerenciar e mesmo monitorar um perfil?

O trabalho e as propostas comunicacionais com adolescentes merecem redobramento de atenção e exigem uma flexibilidade metodológica que dialogue e reflita de maneira condescendente e mesmo arriscada suas participações em propostas como as que se alinham a pesquisas apropriativas de consumo midiático. Saber *como* e *quando* falar são essenciais; mas a consciência da mudança e da dinamização do campo precisam estar postas e colocadas desde o início da feitura da investigação, incorrendo a riscos que podem direcionar e suggestionar; pouco eficazes e cientificamente pobres. Desde aqui apostamos na vertente transmetodológica (MALDONADO, 2013) como caminho possível e de envergadura para pesquisas e reflexões comunicacionais; representantes concretos da identidade de uma área que, ainda jovem, busca se encontrar; e, muitas vezes o faz, se desencontrando.

9. DAS REFERÊNCIAS

AMARAL, Adriana.; SOARES, Thiago; POLIVANOV, Beatriz.: Disputas sobre performance nos estudos de Comunicação: desafios teóricos, derivas metodológicas. In: **Revista RBCC** (Intercom), vol. 41, n. 1, 2018.

ANDRADE, Pedro Henrique: Reflexões introdutórias sobre dinâmicas de intimidade e autoapresentação no Instagram a partir do close friends. In: **45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, João Pessoa, 2022

_____: **Performance de si nas plataformas: usos e apropriações de filtros político-partidários nas fotos de perfil do Facebook**, TCC Mídia, Informação e Cultura USP, São Paulo, 36p., 2022

AIYUDA, N.; SYAKAROFATH, N. A. : Presentasi diri Online di Sosial Media (Instagram dan Facebook). **Psychopolytan (Jurnal Psikologi)**, 2(2), 124-130, 2019

BACHELARD, G.: **Ensaio sobre o conhecimento aproximado**. Rio de Janeiro, Contraponto, 2015 (1ª reimpressão)

BALANJI, S., WHITE, C., ZAITSOFF, S. 'Fake' Instagram use is associated with real differences in users' self-photo activities: An exploratory investigation considering body satisfaction. **Eating Behaviors**, 50, 101777, 2023

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e Simulação**. São Paulo: Editora Antares, 1991

BERLANT, L; WARNER, M.: **Sex in Public**, in: Berlant, L. (ed.), *Intimacy*. Chicago: University of Chicago Press, pp. 311–330, 2000

BOLLMER, Grant. Introduction: Thinking about (and in) the materiality of media. In: **Materialist Media Theory**. London: Bloomsbury, 2020.

BONIN, Jiani Adriana. Explorações sobre práticas metodológicas na pesquisa em comunicação. **Famecos**, n. 37. Porto Alegre, 2008

_____. Revisitando os bastidores da pesquisa: práticas metodológicas na construção de um projeto de investigação. In: MALDONADO, Alberto Efendy et al. **Metodologias da pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos**. Porto Alegre, Editora Sulina, 2011 p.19-42

_____. A pesquisa exploratória na construção de investigações comunicacionais com foco na recepção. In: BONIN, Jiani Adriana; ROSÁRIO, Nísia Martins do (Org.). **Processualidades metodológicas: configurações transformadoras em comunicação**. 1. ed. Florianópolis: Insular, 2013, p.23-42.

_____. Questões metodológicas na construção de pesquisas sobre apropriações midiáticas. In: Cláudia Peixoto de Moura; Maria Immacolata V. de Lopes. (Org.). **Pesquisa em Comunicação: metodologias e práticas acadêmicas**. 1ed. Porto Alegre: EDPUCRS, 2016, v.p. 213-231

BOSI, Eclea. Entre a opinião e o estereótipo. In: BOSI, Eclea. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. (p. 113 a 126)

BOURDIEU, Pierre. **A profissão de sociólogo**. Preliminares epistemológicas. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. 328 p. Segunda parte. A construção do objeto. p.45-64.

boyd, danah. “Escrevendo sua própria existência” In **internet&sociedade**. n.1/v.1 Fevereiro de 2020. p.5-37. Disponível em <
<https://revista.internetlab.org.br/serifescrivendo-a-sua-propria-existenciaserif/>>

BRUNO, Fernanda. **Máquinas de ver, modos de ser: vigilância, tecnologia e subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

CARDOSO, Ruth. (1996). **Fortalecimento da Sociedade Civil**. Em Ioschpe, E. B. (Org.), 3º Setor: desenvolvimento social sustentável. São Paulo: Paz e Terra.

CARRERA, Fernanda; POLIVANOV, Beatriz.:Rupturas performáticas em sites de redes sociais: um olhar sobre fissuras no processo de apresentação de si a partir de e para além de Goffman. Porto Alegre: **Revista InTexto**, v. 44, pp. 74-98, 2019.

CASTELLS, Manuel.: **A Sociedade em Rede**. São Paulo, Paz e Terra, 2002

_____.: **O Poder da Identidade**. São Paulo/Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2018

CARLSON, Marvin. **Performance - Uma introdução crítica**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

CARVALHO, J. J. DE: O olhar etnográfico e a voz subalterna. **Horizontes Antropológicos**, v. 7, n. 15, p. 107–147, jul. 2001.

CASSIRER, Ernest. **El problema del conocimiento** (Libro 1). 5. ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

CHAMBERS, D. **Social Media and Personal Relationships: Online Intimacy and Networked Friendship**. Palgrave Macmillan Studies in Family and Intimate Life. Customer Services Department, Macmillan Distribution Ltd, Basingstoke, Hampshire RG21 6XS, England, 2013

CHEN S; LAM T; LAM, K; LO T; CHAO D; MAK K, LAM E; TANG W, CHAN H, YIP P.: The Use of Close Friends on Instagram, Help-Seeking Willingness, and Suicidality Among Hong Kong Youth: Exploratory Sequential Mixed Methods Study. **J Med Internet Res**. 2022 Oct 12;24(10):e37695. doi: 10.2196/37695. PMID: 36223182; PMCID: PMC9607886.

CHUA, T. H. H; CHANG, L: Follow me and like my beautiful selfies: Singapore teenage girls’ engagement in self-presentation and peer comparison on social media. **Computers in Human Behavior**, 55(Part A), 190–197. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2015.09.011>, 2016

COKER, M., QUINN, S., O’NEIL, G; RUPPEL, E:“It allows me to be ‘me’”: Self-presentation, Authenticity, and Affordances among LGBTQ+ Social Media Users. **Human Communication & Technology**, 3(2), 2023 Retrieved from <https://journals.ku.edu/hct/article/view/18641>

COSTA JÚNIOR, Paulo José da. **O direito de estar só: tutela penal da intimidade**. São Paulo: Revista dos Tribunais. . Acesso em: 17 mar. 2023. , 2007

CRARY, Jonathan. 24/7: **Capitalismo tardio e os fins do sono**. São Paulo: Ubu Editora, 2016.

DARR, C.; DOSS, E.: The Fake One is the Real One: Finstas, Authenticity, and Context Collapse in Teen Friend Groups. In: **Journal of Computer-Mediated Communication**, 2022

DELEUZE, G.: **Difference and Repetition**, trans. Paul Patton, London: Athlone Press, 1994

DEWAR, S.; RESOR, E.; ISLAM, S.; SALEHI, N.: Understanding Finsta: "Fake" Space for Authentic Performance. In: **Extended Abstracts of the 2019 CHI Conference on Human Factors in Computing Systems**, Glasgow, 2019

DUNKER, Christian. **Reinvenção da intimidade: políticas do sofrimento cotidiano**. São Paulo: Ubu

FALCONER, Andres Pablo (1999). **A Promessa do Terceiro Setor**: Um estudo sobre a construção do papel das Organizações Sem fins Lucrativos e de seu campo de gestão. Dissertação de mestrado. São Paulo: Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da USP-SP

FIGARO, Roseli. Comunicação e trabalho: implicações teórico-metodológicas. **Galáxia**. V. 39, p. 177-189, 2018.

FONTANA, A., & FREY, J. H.. **Interviewing: The art of science**. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research* (pp. 361–376). Sage Publications, Inc, 1994

FRANÇA Vera; SIMÕES, Paula: **Curso básico de Teorias da Comunicação**. São Paulo. Autêntica, 2017

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 8.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012

GARCIA CANCLINI, Néstor. **Ciudadanos remplazados por algoritmos**. Guadalajara/México: Editorial de la Universidad de Guadalajara, 2019

GEERTZ, Clifford. **The interpretation of cultures: selected essays**. New York: Basic Books, 1973. 476 p.

GIDDENS, Anthony.: **As consequências da modernidade**. São Paulo: Ed. Unesp, 1991.

_____. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002

GIBSON, James. J. The Theory of Affordances. In **Perceiving, Acting, and Knowing**, R. E. Shaw & J. Bransford, Eds. Lawrence Erlbaum Associates, Hillsdale, NJ, 1977

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2014

GROHMANN, R. Plataformização do trabalho: entre dataficação, financeirização e racionalidade neoliberal. **Revista Eptic**, v. 22, n. 1, p. 106-122, jan./abr. 2020.

GUADAGNO,, R; E., OKDIE, B. M; KRUSE, S. A. Dating deception: Gender, online dating, and exaggerated self-presentation. **Comput. Hum. Behav.** 28 , 642–647.
<https://doi.org/10.1016/j.chb.2011.11.010> (2012).

(PDF) *A database of heterogeneous faces for studying naturalistic expressions*. Available from: https://www.researchgate.net/publication/369760577_A_database_of_heterogeneous_faces_for_studying_naturalistic_expressions [accessed Dec 26 2023].

HALL, Stuart.: **A Identidade cultural na pós-modernidade. tradução** 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HINE, Christine. **Ethnography for the internet: embedded, embodied and everyday**. Huntingdon, GBR: Bloomsbury Publishing, 2015.

_____. Mixed methods and multimodal research and Internet technologies. In: HESSE-BIBER, S. N.; JOHNSON, B. (Eds.). **The Oxford Handbook of Multimethod and Mixed Methods Research Inquiry**. Oxford University Press, 2015. p. 503-521.

_____. (ed.). **Virtual methods: issues in social research on the internet**. New York: Berg Publishers, 2005.

_____. **Virtual ethnography**. London: Sage, 2005.

HENNION, A.: Pragmatics of taste. In: JACOBS, M., HANRAHAN, N. *The Black-well Companion to the Sociology of Culture*, Blackwell, pp.131-144, 2005.

_____. Music Lovers. Taste as performance. In: **Theory, Culture, Society** 18. 5 (2001), p.1-22.

_____. "Réflexivités. L'activité de l'amateur", in Réseaux 200911, n° 153. p. 55-78 - Tradução de Estudos de Sociologia. **Rev, do Progr. de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE**. v. 16. n. I. p. 33 - 58

HEPP, A.; HJARVARD, S.; LUNDBY, K. **Mediatization – Empirical perspectives: An introduction to a special issue**. Communications, v. 35, p. 223-228, 2010.

HONG, S.; LEE, H.; KIM, B: **Editorial: Self-presentation during self quarantine era**. Front. Psychol. 14:1194898. doi: 10.3389/fpsyg.2023.1194898, 2023

HUANG, X.; VITAK, J: "Finsta gets all my bad pictures": Instagram users' self-presentation across Finsta and Rinsta accounts. **Proceedings of the ACM on Human-Computer Interaction**, 6(CSCW1), 1–25. <https://doi.org/10.1145/3512916>, 2022

JAMIESON, L. *Intimacy: Personal Relationships in Modern Societies*. Cambridge and Malden, MA: Polity Press, 1998

JAPIASSU, Hilton. *Introdução às Ciências Humanas: análise de epistemologia histórica*. São Paulo: Letras & Letras, 2002.

_____. *A epistemologia crítica*. In: Japiassu, H. **Introdução ao pensamento epistemológico**. 5. Ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988, p. 137-158.

JUNG, Carl. G. *Obra completa de C. G. Jung volume 8 parte 3: Sincronicidade: a dinâmica do inconsciente*. 21. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014

KARHAWI, I. *De blogueira a influenciadora: etapas de profissionalização da blogosfera de moda brasileira*. Porto Alegre: Sulina, 2020.

KENDALL, L. P: "How Can Qualitative Internet Researchers Define the Boundaries of Their Project? A response to Christine Hine", in A. markham; n. Baym. *Internet Inquiry. Conversations About Method* Los Angeles, Sage, 2009, pp.21-5.

LASÉN, Amparo. *Autofotos. subjetividades y medios sociales* In García-Canclini, N., & Cruces, F. (Eds.), **Jóvenes, culturas urbanas y redes digitales. Prácticas emergentes en las artes, el campo editorial y la música**. Madrid: Ariel, 2012

_____. Digital self-portraits: exposure and the modulation of intimacy. In: **Mobile and Digital Communication: Approaches to Public and Private**. Covilhã: LABCOM, 2015

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2006

LEAVER, T; HIGHFIELD, T.; ABIDIN, C: **Instagram: Visual social media cultures**. John Wiley & Sons, 2020

LEITÃO, D. K.; GOMES, L. G. Etnografia em ambientes digitais: perambulações, acompanhamentos e imersões. **Antropolítica - Revista Contemporânea de Antropologia**, v. 1, n. 42, 11 maio 2018.

LIPOVETSKY, Gilles e SERROY, Jean.: **A cultura-mundo, respostas a uma sociedade desorientada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

LIVINGSTONE, Sonia. Tomando oportunidades arriscadas na criação de conteúdo jovem: o uso pelos adolescentes de sites de redes sociais para intimidade, privacidade e expressão própria. São Paulo: **Comunicação, mídia e consumo**, ano 9, v. 9, n. 25, p.91-118, ago. 2012.

_____. Audiences in an age of datafication: critical questions for media research. **Television & New Media**. Online First, p. 1-14, 2018

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. Mediação e recepção. Algumas conexões teóricas e metodológicas nos estudos latino-americanos de comunicação. In: **MATRIZES**, V. 8, n. 1, São Paulo, 2014.

LUCÁKS, G: **Marxismo e teoria da literatura**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

MAIA, Ana Claudia Bertolozzi. Questionário e entrevista na pesquisa qualitativa: elaboração, aplicação e análise de conteúdo – **Manual Didático São Carlos**: Pedro & João Editores, 2020. 52 p.

MALDONADO, A. Efendy: **Transmetodologia: visualizaciones epistemológicas en ciencias de la comunicación**. 1ª ed. Cátedra Armand Mattelart. Ediciones CIESPAL, 2022

_____. Pesquisa em Comunicação: trilhas históricas, contextualização, pesquisa empírica e pesquisa teórica. In: _____. **Metodologias de pesquisa em comunicação**: olhares, trilhas e processos. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011. p. 277-303.

_____. A perspectiva transmetodológica. In: OLIVEIRA, G.; SANTOS, L.; BONITO, M. **Comunicação em contexto de pesquisa**. Assis/SP: UNIPAMPA, 2019, p. 183- 212.

_____. A perspectiva transmetodológica na conjuntura de mudança civilizadora em inícios do século XXI. In: MALDONADO, A. E.; BONIN, J. A.; ROSÁRIO, N. **Perspectivas metodológicas em comunicação**: Novos desafios na prática investigativa. Salamanca: Comunicación Social Ediciones y Publicaciones, 2013, p. 31- 57.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **La palabra y la acción**: por una dialéctica de la liberación. Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana, 2018

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar**: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021. (Encruzilhada).

MARWICK, A.; BOYD, D. I tweet honestly, I tweet passionately: Twitter users, context collapse, and the imagined audience. **New Media & Society**, v.13, n.1, p.114-133, 2011

MATTELART, Armand; VITALIS, André. **De Orwell al cibercontrol**. Barcelona: Gedisa, 2014.

MATUCK, A.; MEUCCI, A. A criação de identidades virtuais através das linguagens digitais.

Revista Comunicação, Mídia e Consumo, vol. 2, n. 4, jul. 2005, p.157-182.

MILLS, Charles Wright. Sobre o artesanato intelectual. In: _____. *Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009, p. 21- 58.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento científico**: pesquisa qualitativa em saúde. 2a edição. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1993

MEEUS, A.; EVERAERT, G.; EGGERMONT, S.; BEULLENS, K. Filtering the I From the Ideal: Examining Preadolescents' Online Self-Presentation in Relation to Their Perceived Attractiveness. *Social Media + Society*, 9(4). <https://doi.org/10.1177/20563051231205598>, 2023

MORIN, Edgar: A noção de sujeito. In D. F. Schnitman (Org.), **Novos paradigmas, cultura e subjetividade** (pp. 45-58). Porto Alegre: Artes Médicas, 1996

_____; **O Método 3: O conhecimento do conhecimento**. Porto Alegre, Sulina, 1999

_____: **O método**. Porto Alegre: Sulina, 2002

_____. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003

POELL, Thomas; NIEBORG, David; VAN DIJCK, José. Plataformização. **Fronteiras – Estudos Midiáticos**. V. 22, n. 1, 2020.

POLIVANOV, B.. Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos conceitos. **Esferas**, Brasília, v. 2, n. 3, p, 61- 71, 2013

_____. **Dinâmicas identitárias em sites de redes sociais**: estudo com participantes de cenas de música eletrônica no Facebook. Rio de Janeiro: Multifoco, 2014.

_____, FIGUEIREDO, J.; MORAES, I. **Rupturas em performances identitárias online**: levantamento e análise de casos em sites de redes sociais. Relatório final de pesquisa PIBIC CNPq/UFF. 2017

_____. CARRERA, F. Rupturas performáticas em sites de redes sociais: um olhar sobre fissuras no processo de apresentação de si a partir de e para além de Goffman. Porto Alegre: **Revista InTexto**, v. 44, pp. 74-98, 2019

RODRÍGUEZ, E. P.: Espetáculo do individual: tecnologias do eu e vigilância distribuída nas redes sociais. In: **Tecnologias da Vigilância: perspectivas da margem**. Org. BRUNO, F. São Paulo, Boitempo, 2018

SÁ, Simone Pereira de. **O Samba em rede – Comunidades Virtuais, Dinâmicas Identitárias e Carnaval carioca** (Rio de Janeiro, E-Papers, 2005).

_____; POLIVANOV, Beatriz. Auto-reflexividade, coerência expressiva e performance como categorias para análise dos sites de redes sociais. **Contemporânea** (UFBA.Online), v. 10, p. 574-596, 2012.

SÁ MARTINO, Luis Mauro. **Estética da Comunicação**: Da consciência comunicativa ao “eu” digital. Petrópolis, RJ. Vozes, 2007

_____. **Comunicação e Identidade**: Quem você pensa que é?. São Paulo. Paulus, 2010.

SAAD-CORREA, Elisabeth. Comunicação na contemporaneidade: visibilidades e transformações In: **Visibilidade e consumo da informação nas redes sociais**. Org. SAAD-CORRÊA, E. São Paulo. Media XXI, 2016.

SCHECHNER, Richard. **Performance studies**: an introduction. 3. ed. New York: Routledge, 2013.

SENNETT, Richard. O declínio do homem público: tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1999

SIBILIA, Paula.: **O show do eu**: A intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016

SIHOMBING, L.; ANINDA, M. Phenomenology Of Using Instagram Close Friend Features For Self Disclosure Improvement. **Professional: Jurnal Komunikasi dan Administrasi Publik**, v. 9, n. 1, p. 29–34, 14 jun. 2022.

SILVERSTONE, Roger. The sociology of mediation and communication. In: CALHOUN, Craig; ROJEK, Chris; TURNER, B. (org). **The Sage Handbook of Sociology**. Londres: Sage, 200

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum**: notas para o método comunicacional. Petrópolis: Vozes, 2015

TAN JUN WEI, S. FINSTAS AND RINSTAS: PERFORMING IDENTITY. **ScholarBank @ NUS Repository**, 2020

TAYLOR, Diana. **O arquivo e o repertório**: performance e memória cultural nas Américas. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2013.

THIONG’O, Ngugi Wa. **Descolonizar la mente**. Barcelona: Editorial Debolsillo, 2010

THOMPSON, John B. **Mídia e Modernidade**: Uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 1995

TOMA, C. L.; HANCOCK, J. T: Self-affirmation underlies Facebook use. **Personality and Social Psychology Bulletin**, 39(3), 321–331. <https://doi.org/10.1177/0146167212474694>

TURNER, Victor. **O Processo Ritual**: estrutura e anti-estrutura; Petrópolis, Vozes, 1974.

VERÓN, Eliseo. Abdução fundante. In: VERÓN, Eliseo. **Semiosis social 2**: ideias, momentos, interpretantes. Buenos Aires: Paidós, 2013.

WINKIN, Y., 1953- A nova comunicação : Da teoria ao trabalho de campo / Yves Winkin; organização e apresentação de Etienne Samain; [tradução Roberto Leal Ferreira]. - Campinas, SP: **Papirus**, 1998

WINNICOTT, Donald. **Tudo começa em casa**. São Paulo: UBU Editora, 2021

XIAO, S. et al., 2020. Random, Messy, Funny, Raw: Finstas as Intimate Reconfigurations of Social Media. In: **CHI Conference on Human Factors in Computing Systems (CHI '20)**, Honolulu: April 25–30, 2020

XIAOYUN H.; VITAK, J. 2022. “Finsta gets all my bad pictures”: Instagram Users’ Self-Presentation Across Finsta and Rinsta Accounts. **Proc. ACM Hum.-Comput. Interact.** 6, CSCW1, Article 69 (April 2022), 25 pages. <https://doi.org/10.1145/3512916>

YOANITA, D. et al. Understanding gen z's online self-presentation on multiple Instagram accounts. **Jurnal Studi Komunikasi**, 6(2). doi: 10.25139/jsk.v6i2.4922, 2022

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. São Paulo: UBU Editora, 2018.

1. APÊNDICES

1.1 Termo de Ciência de Participação em Pesquisa com Beneficiários da ONG Vocação

TERMO DE CIÊNCIA:
PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA COM BENEFICIÁRIOS DA ONG VOCAÇÃO

Eu, Simone Marina, coordenadora pedagógica da Vocação e responsável pelo programa Preparação para o Trabalho (PPT), estou de acordo com a participação do pesquisador Pedro Henrique de Barros Gabriel Andrade, realizar sua pesquisa intitulada: **“Dinâmicas comunicativas na autoapresentação de adolescentes no Instagram: performance, ajuste e negociação de intimidade em experiências com beneficiários de um projeto social da zona sul paulistana”** com os adolescentes entre 14 e 17 anos, participantes do projeto nos semestres 2023/1 e 2023/2.

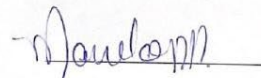
Simone Marina
Simone Marina
Coordenadora Pedagógica da
VOCAÇÃO

VOCAÇÃO

Termo de Ciência, assinado pela Coordenadora Pedagógica da Vocação, consentindo a participação do pesquisador juntos aos sujeitos partícipes no projeto PPT

**TERMO DE CIÊNCIA:
PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA COM BENEFICIÁRIOS DA ONG VOCAÇÃO**

Eu, MARCELA LOPES, instrutora pedagógica da Vocação e responsável por orientar os adolescentes do programa Preparação para o Trabalho (PPT), estou de acordo com a participação do pesquisador Pedro Henrique de Barros Gabriel Andrade, realizar sua pesquisa intitulada: **“Dinâmicas comunicativas na autoapresentação de adolescentes no Instagram: performance, ajuste e negociação de intimidade em experiências com beneficiários de um projeto social da zona sul paulistana”** com os adolescentes entre 14 e 17 anos, participantes do projeto nos semestres 2023/1 e 2023/2.



Marcela Lopes
Instrutora de Aprendizagem da
VOCAÇÃO



Termo de Ciência, assinado pela Instrutora de Aprendizagem da Vocação, consentindo a participação do pesquisador junto aos sujeitos partícipes no projeto PPT

1.2 Bases Introdutórias para as Entrevistas Semi-Estruturadas (Entrevistas comunicantes da Performance)

1- Você acha que o seu perfil no Instagram te representa?

1.1- Você pensa em que vai ver suas postagens ou publicações quando você as realiza? Se sim, como lida com isso? Já deixou de postar alguma coisa porque pensou que as pessoas veriam? Já ocultou alguma postagem? Costumar excluir postagens?



1.2 Me conta um pouco sobre ele: o que você posta por lá? Pra quem você posta? Você deixa ele aberto/fechado... me conta o porquê exatamente faz essa escolha?

1.3 [condicionante]- Mas você tem outro perfil, né? Por que? Fala mais um pouco sobre ele? Para que ele serve? Me conta exatamente porque ele existe? O que você posta nele?

2- Você pensa em privacidade em contextos *online*? Já pensou em como você lida com ela em relação ao seu perfil? E quando falamos em intimidade?

3- E no caso dos amigos próximos? Qual sua frequência de uso? Como você utiliza? E por que utiliza?

1.3 Questionários Exploratórios de Pesquisa

<h3>Questionário Exploratório de Pesquisa - Usos do Instagram</h3> <p>Oi, tudo bem? Eu sou o Pedro e... vocês já me conhecem, né?</p> <p>Eu ficaria muito feliz se vocês respondessem essas perguntas pra mim... elas vão me ajudar muito! Ah, qualquer coisa vocês podem me perguntar, certo?</p> <p>O formulário tem algumas perguntas de múltipla escolha e discursiva sobre os usos do Instagram</p> <p>Abraço!</p> <p>Faça login no Google para salvar o que você já preencheu. Saiba mais</p> <p><small>* Indica uma pergunta obrigatória</small></p>	<p>Você usa o Instagram? *</p>  <p><input type="radio"/> Sim</p> <p><input type="radio"/> Não</p>
<h3>Sobre o seu Instagram</h3> <p>Seu perfil no Instagram é aberto? (Ou seja: * qualquer pessoa pode te seguir?)</p>  <p><input type="radio"/> Sim</p> <p><input type="radio"/> Não</p> <p>Justifique sua resposta anterior. Me conta porquê ele é aberto - ou porquê você deixa ele privado *</p> <p>Sua resposta _____</p>	<h3>Perfis distintos</h3> <p>Algumas pessoas têm mais de um perfil no Instagram. Quero que vocês me ajudem respondendo uma coisa:</p> <p>Você tem mais de um perfil no Instagram? *</p> <p><input type="radio"/> Sim</p> <p><input type="radio"/> Não</p>

Já que você tem outro perfil, me conta...

Por qual o motivo ele existe? Quem você *
permite ter acesso a ele?

Sua resposta

O conteúdo que você publica nesse perfil é
diferente? Me conta um pouco sobre ele

Sua resposta

"Melhores amigos"

Em 2018 o Instagram criou a função "close *
friends". A gente costuma chamar de
"Melhores Amigos" você utiliza?



- Sim
 Não

Já que você utiliza o melhores amigos...

Como você a utiliza? Explique o que te faz *
colocar alguém nesse espaço e as coisas
que você publica ali

Sua resposta

Você já me ajudou muito até aqui, mas... me ajuda com uma última coisinha?

Você aceitaria participar da minha *
pesquisa?

- Sim
 Não

A pesquisa faz parte de um projeto maior e, *
pra isso, eu vou precisar que você saiba
que ela vai envolver outras etapas que
podem acontecer fisicamente e online.
Você aceitaria participar, mesmo assim?

- Sim
 Não

Caso a resposta à pergunta anterior tenha *
sido sim, me envie seu nome completo, e-
mail, idade, número de telefone e também
seu perfil no Instagram!

Sua resposta

1.4: Link com áudio das entrevistas dos/as sujeitos/as co-partícipes de pesquisa

https://drive.google.com/file/d/1tf9xaKaCI56HDjbpPLILgvE5XL2hP2hk/view?usp=drive_link - Necessário solicitação